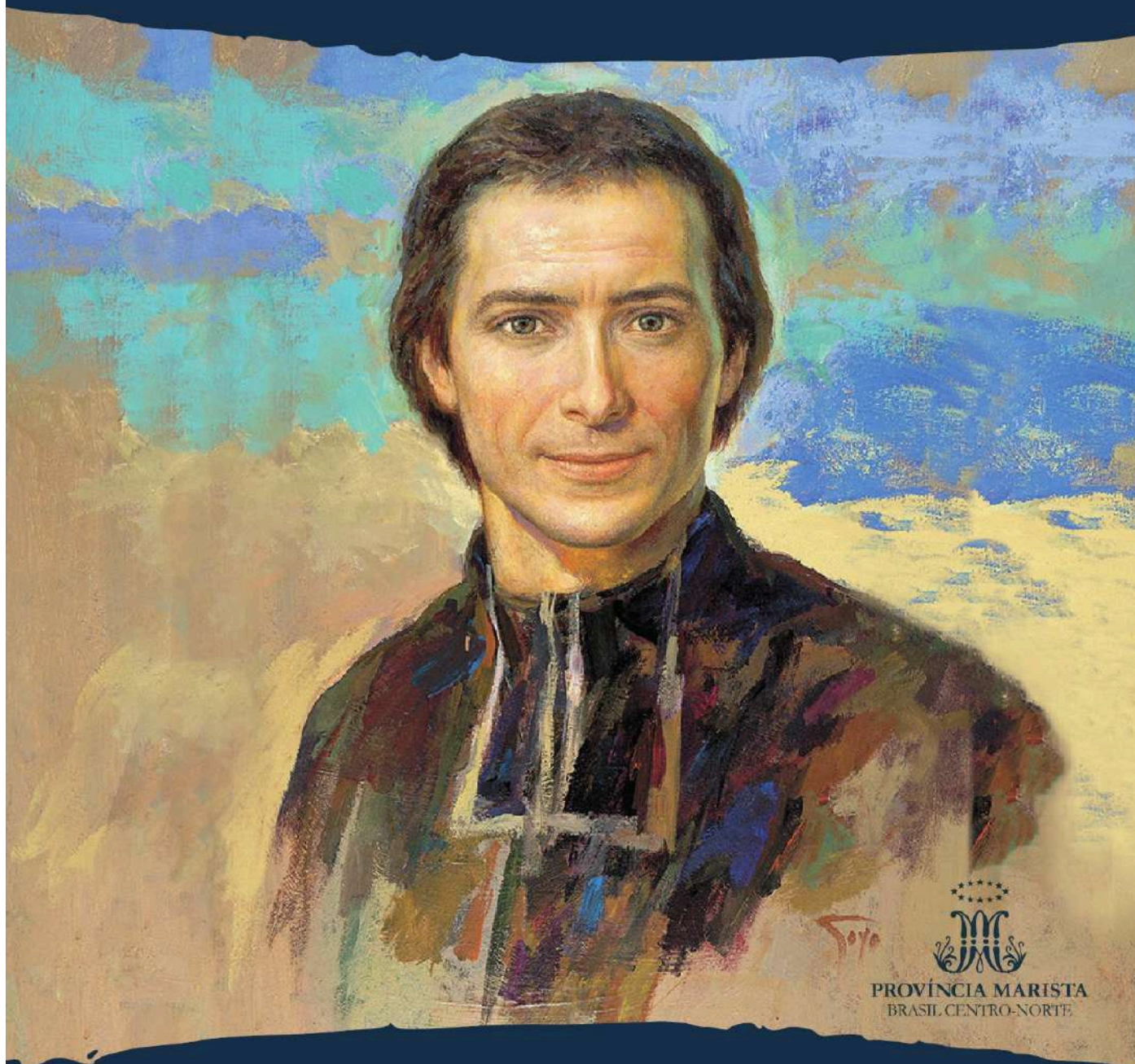


Organizador: Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, FMS
Idealizador: Wilson Fernando Pereira da Silva



31 dias com Champagnat




PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE

Organizador:

Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, FMS

Idealizador:

Wilson Fernando Pereira da Silva

31 dias com Champagnat

IN MEMORIAM

Ir. Daniel de Aguiar Albuquerque, FMS, dedico a presente edição como homenagem póstuma pelo apoio e incentivo recebidos durante nossa fraterna convivência.

2024

Superior Provincial

Ir. José de Assis Elias de Brito

Vice-Provincial

Ir. Adalberto Batista Amaral

Conselheiros Provinciais

Ir. Davi Nardi

Ir. Lúcio Gomes Dantas

Ir. Márcio Henrique Ferreira da Costa

Ecônomo Provincial

Ir. José Augusto Júnior

Secretário Provincial

Wilson Fernando Pereira da Silva

Pedidos: secprobcn@marista.edu.br

Este livro foi impresso em Brasília – DF, em 2024.





São Marcelino Champagnat
Nosso Pai Fundador

31 dias com Champagnat

Organizador:

Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, FMS

Idealizador:

Wilson Fernando Pereira da Silva

Revisão final do texto:

Ir. José Machado Dantas, FMS

Ana Cristina Paixão

Projeto Gráfico e Diagramação:

Joaquim Rodrigues dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

31 dias com Champagnat / organizador Francisco das
Chagas Costa Ribeiro. -- Brasília, DF :
Ed. dos Autores, 2024.

ISBN 978-65-01-10812-4

1. Champagnat, Marcelino, Santo, 1789-1840
2. Espiritualidade - Igreja Católica
3. Instituto dos Irmãos Maristas - História
4. Província Marista Brasil Centro-Norte
- I. Ribeiro, Francisco das Chagas Costa.

24-219275

CDD-242.802

Índices para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica : Orações e devoções :

Cristianismo 242.802

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
EPÍLOGO DA TRILOGIA: UM RESGATE HISTÓRICO	9
UM TAL MARCELINO CHAMPAGNAT: HISTÓRIA DE UMA VOCAÇÃO...	11
AS LIÇÕES DE SANTO IRINEU DE LIÃO	13
AÇÃO PASTORAL – MENTALIDADE RESTAURADORA.....	15
ATIVIDADES PASTORAIS.....	17
O CATECISMO	20
A FUNDAÇÃO.....	22
TRAÇOS DA PERSONALIDADE DE CHAMPAGNAT	25
MARIA SUPERIORA NOS ESCRITOS DE CHAMPAGNAT	28
MARIA NA VIDA DE CHAMPAGNAT	30
MARIA E O INSTITUTO.....	35
OS FILHOS COM A MÃE.....	37
INSERIDO NUMA TRADIÇÃO.....	39
A POSSÍVEL FONTE DE CHAMPAGNAT	43
APRECIÇÃO DO PENSAMENTO MARIANO DE CHAMPAGNAT	45
O QUE PODE O AMOR: DE MARGINAL A IRMÃO MARISTA – A COMPAIXÃO	48
COMO UM CRAVO DE TERNURA O TESTAMENTO ESPIRITUAL DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT	52
UM CHAMPAGNAT ESQUECIDO: A CONSAGRAÇÃO A MARIA.....	58
O NOME “PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA”	62
CHAMPAGNAT EM CANÁ	64
A UNIÃO NUMA COMUNIDADE: AS PEQUENAS VIRTUDES	68
MARIA: NOSSO RECURSO HABITUAL.....	71
OS PRIMEIROS LUGARES.....	77

O PONTO CAPITAL	79
O EDUCADOR E O JARDINEIRO	82
O ROSÁRIO – O TERÇO	85
CHAMPAGNAT E O PAPA.....	88
CHAMPAGNAT E A NOSSA “MISSÃO MATERNA”	90
NO RITMO DE CHAMPAGNAT	102
SÃO JOSÉ E O INSTITUTO MARISTA	107
COURVEILLE, CHAMPAGNAT E A SOCIEDADE DE MARIA.....	110
IR. FRANCISCO APRESENTA CHAMPAGNAT	117
ANEXOS.....	121

APRESENTAÇÃO



**Ir. José de Assis
Elias de Brito**

Superior Provincial

Prezados maristas de Champagnat,

Celebrando os 25 anos de canonização de São Marcelino, o Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro, a quem de imediato agradeço, generosamente nos oferta esta obra, “31 dias com Champagnat”, dando a todos nós, Irmãos, leigas e leigos uma bela oportunidade de fortalecimento de nossos vínculos afetivos com a pessoa, a vocação, o carisma e missão de nosso pai fundador.

A obra foi organizada de modo a garantir que, ao longo dos 31 dias, tenhamos um tema específico da vida, missão e vocação de São Marcelino Champagnat que possa inspirar a nossa oração e marcar o cotidiano da vivência de nossa espiritualidade.

Em sintonia com o principal objetivo desta publicação, expresso minha grande alegria em podermos dedicar a Marcelino esse tempo generoso para melhor conhecê-lo e deixar que as suas características, tais como a fé, a firmeza, a alegria, a disciplina, o amor ao trabalho, a capacidade de inovação, a ousadia, a boa orientação, a leveza, o respeito e o afeto, possam nos ajudar a viver o carisma marista: junto àqueles que o Senhor nos confia.

No intuito de manter-me fiel ao propósito primeiro desta obra e seguir aprofundando os conhecimentos sobre a pessoa de Marcelino, sirvo-me, neste momento, do testemunho de alguns dos primeiros irmãos, iniciando por transcrever fragmentos de uma Carta Circular de autoria do Ir. Francisco Gabriel Rivat para dar ao nosso coração a possibilidade de um mergulho significativo e afetoso na vida de Marcelino.

No pós-morte do fundador, escreveu, o Ir. Francisco: “Queridos Irmãos, não nos será dado gozar como antes da presença sensível deste que foi por tanto tempo nosso pastor e nosso pai, mas nós o encontraremos nos monumentos do seu zelo e de sua dedicação conosco. Na lembrança de suas piedosas lições, na narração de suas virtudes e nos santos exemplos. Ele estará conosco em espírito e, ousamos esperar, na eficácia de sua intercessão perante nossa boa e comum Mãe” (Ir. Francisco, Circular 22, 1840).

Prezado leitor, crescemos, como Maristas de Champagnat, ouvindo e lendo de nosso patrimônio espiritual e de muitos de nossos Irmãos que “uma mãe não tem mais ternura com seus filhos do que a que Padre Champagnat tinha conosco. A comparação não é de todo justa, porque, frequentemente, as mães amam seus filhos com um amor maternal, enquanto ele nos amava verdadeiramente em Deus”.

Como o mais terno dos pais, rezava, zelava e trabalhava incansavelmente para que nada nos faltasse. Em seus muitos e significativos ensinamentos, recordava-nos, frequentemente, o “cuidado que a Providência tem com os que confiam nela” e, quando falava da bondade de Deus, de sua presença e de seu amor para conosco, “demonstrava tanta convicção que nos incendiava o fogo do qual estava cheio”.

Tinha Marcelino uma grande devoção à Santíssima Virgem, “tão forte que a transmitia a todos e falava dela em todas as suas palestras”. Sempre tinha algo a dizer, elogiando a Boa Mãe e incentivando os Irmãos a venerarem a Santíssima Virgem.

O testemunho de nossos primeiros Irmãos, que tiveram a graça de conviver com Champagnat, afirma que ele “tinha uma personalidade alegre e doce, mas firme. Sabia mesclar palavras divertidas para alegrar a companhia dos demais. Nunca se sentia incomodado com a presença dos Irmãos”.

Que esta obra seja um instrumento propício de aproximação de Marcelino Champagnat para Irmãos, leigos e leigas que buscam conhecê-lo e viver o seu carisma, missão, espiritualidade e fraternidade, no desejo de transmitir suas intuições, suas virtudes e seus valores, tão necessários à nossa vida e à missão junto às infâncias, adolescências e juventudes.

Que esta obra e a celebração dos 25 anos de canonização de São Marcelino Champagnat nos façam atualizar o nosso SIM a Deus e renovar o nosso compromisso com os principais interlocutores da missão marista a todo tempo e em todas as circunstâncias.

São Marcelino Champagnat, rogai por nós!

Ir. José de Assis Elias de Brito
Superior Provincial

EPÍLOGO DA TRILOGIA: UM RESGATE HISTÓRICO

“Para realizar um sonho é preciso esquecê-lo, distrair dele a atenção.

Por isso realizar é não realizar.”

Fernando Pessoa

Livro do Desassossego

O sonho da série **“31 dias com...”**, alentado por mim e de pronto aceito pelo Ir. Chagas, teve sua origem em 2005, ainda durante o primeiro triênio (2003-2006) da nova Província Marista do Brasil Centro-Norte. Estávamos nos primórdios da reestruturação entre as antigas Províncias Maristas do Brasil Centro-Norte e do Rio de Janeiro. Dirigindo a Província, o intrépido Ir. Claudino Falchetto nos deu sinal verde e, assim, no mês de maio de 2005, lançamos e colocamos nas mãos dos Irmãos e leigos da Província o primeiro volume da trilogia: **“31 dias com Maria”**.

Desde sua idealização, esta coleção não procurava ser apenas um roteiro para oração, antes visava ser um livro denso, meditativo, que, além de fomentar momentos de oração, pudesse ser também um agente formativo.

A aceitação desse primeiro volume foi boa, e nos entusiasmos com a produção do segundo volume: **“31 dias com José”**. A elaboração do segundo volume seguiu-se acelerada, mas, por razões diversas, sua impressão e consecutivo lançamento, idealizados para março de 2006, foram retardados. Só no terceiro triênio (2009-2012), já sob a batuta do Ir. Wellington Mousinho de Medeiros, o segundo volume da trilogia materializou-se. Ficava ainda o desafio do terceiro e último volume, **“31 dias com Champagnat”**, que completaria a série.

Muitos foram os desafios vividos pela Província entre 2009 até nossos dias atuais. Questões urgentes e muito importantes levaram o projeto a uma hibernação necessária e, confesso, quase desistimos de ver esse sonho realizado. Como dito, segundo Fernando Pessoa, *“para realizar um sonho é preciso esquecê-lo, distrair dele a atenção”*. E assim o fizemos... e o tempo passou...

Hoje, em pleno ano de 2024, eis que o terceiro e último volume da trilogia “31 dias com...” vê a luz. Agora sob a égide do Ir. José de Assis Elias de Brito, recebemos a autorização e colocamos nas mãos dos Irmãos o **“31 dias com Champagnat”**.

Aos Irmãos Provinciais, de ontem e de hoje, Ir. Claudino Falchetto, Ir. Wellington Mousinho de Medeiros e Ir. José de Assis Elias de Brito, os nossos agradecimentos, tanto por acreditarem em nosso sonho quanto por viabilizarem a concretização dele. Deus os abençoe!

Desejamos, ardentemente, que este alcance a mesma aceitação dos volumes lançados em 2005 e 2011, e que cumpra o seu propósito: uma meditação bem fundamentada na vida de São Marcelino Champagnat, o nosso pai fundador. Que estes **“31 dias com Champagnat”**, possam nos aproximar ainda mais do sonho e do ideal que São Marcelino nos logrou.

Boa leitura!

Que Maria, José e Champagnat nos abençoem!

Wilson Fernando Pereira da Silva,
Idealizador

Ir. Francisco das Chagas Costa Ribeiro,
Organizador

1º dia com Champagnat

UM TAL MARCELINO CHAMPAGNAT: HISTÓRIA DE UMA VOCAÇÃO



Marcelino José Bento Champagnat nasceu em 20 de maio de 1789, numa das épocas críticas da história contemporânea, isto é, a Revolução Francesa, que eclodiu aos 14 de julho do mesmo ano.

João Batista Champagnat e Maria Chirat, seus pais, moravam na França.

As bases sólidas da educação de Champagnat foram lançadas em sua família, cuja intensa vida cristã foi capaz de afrontar as vicissitudes da Revolução Francesa, sem esmorecer na fé.

Em visita à sua família, um professor do Seminário afirmara a Marcelino: *“Deus quer” que você seja sacerdote*. Isso conquistou o coração de Champagnat.

Os pais tentam dissuadi-lo, fazendo-o ver a sua fraca escolaridade. Nada, porém, arrefece sua decisão. A família o confia a um cunhado, com a missão de prepará-lo ao Seminário.

Depois de um ano, o cunhado é do parecer de que o jovem não tem condições de enfrentar os estudos do Seminário. Todavia, nem mesmo essa dificuldade, aparentemente intransponível, esmorece o jovem, que está convicto do chamado de Deus.

Nesse período de decisão vocacional, falece seu pai aos 49 anos.



Seminário de Verrières, França

Vende o seu pequeno rebanho para comprar o enxoval necessário para o Seminário. É o “deixa tudo”, de que fala o Evangelho, muito mais que uma carência econômica da família.

Frequenta, então, os Seminários de Verrières (1805-1813) e de Santo Irineu de Lião (1813-1816).

Em Verrières, comida e mobiliário eram inferiores às necessidades dos seminaristas. Estudavam trepados em árvores ou usando pedras como assento e mesa.

Impelido por um temperamento aberto, expansivo, comunicativo, Champagnat não está isento da “leviandade” da maior parte dos jovens.

Nos dois primeiros anos, a “dissipação” o arrastou a participar da “turma da baderna”, a saídas clandestinas e a frequentar os bares próximos. O resultado no final do primeiro ano foi tão fraco que o Superior do Seminário aconselha que ele não retorne para o ano próximo.

Sua mãe e ele próprio pensam diverso. Que providências tomar?

Organizam uma peregrinação a Lalouvesc, ao túmulo de São Francisco Régis. Pedem a intervenção do pároco e ei-lo de volta ao Seminário, disposto a dar tudo de si, porque “Deus o quer”.

Dois acontecimentos modificam o jovem. A morte inesperada do amigo e colega Dionísio Duplay e a salutar repreensão de um professor.

Um jovem, como tantos outros, que, de criador de ovelhas, vê seus planos modificados porque Deus o quer sacerdote, será animador de rebanhos.

2º dia com Champagnat

AS LIÇÕES DE SANTO IRINEU DE LIÃO



Champagnat encontra, no Seminário de Santo Irineu de Lião, organização que propicia e alimenta o fervor, o aperfeiçoamento da vida interior e o aprofundamento da fé dos seminaristas.

Tem como superior o Pe. Gardette, que se tornou grande amigo e conselheiro de Champagnat. Nasce entre eles uma daquelas amizades “de pai para filho”.

O corpo docente deixa marcas indeléveis em seus discípulos. Fomentam o desejo de em tudo procurar a glória de Deus, manifestado num zelo incansável.

Champagnat, deixando o Seminário onde recebera uma formação bastante rigorista, soube, como vigário e fundador, mostrar-se compreensivo e bom, no respeito profundo à pessoa.

Uma reação ao galicanismo (*tendência separatista da Igreja Católica da França em relação a Roma e ao Papa, cuja origem do nome provém de Gália, nome antigo da França*) era de se esperar, numa casa profundamente ligada a Roma. Champagnat, durante toda a sua vida, foi fiel a Roma, ao Papa. Acreditava na infalibilidade do Papa (*verdade que, na época, não era dogma*) e queria que os Irmãos ensinassem essa verdade aos alunos.

Seus “mestres” eram Tomás de Aquino, Afonso de Ligório e Francisco de Sales, os quais citava com frequência.

É ordenado sacerdote no dia 22 de julho de 1816; tinha então 27 anos e dois meses.

Com o grupo dos aspirantes maristas, no dia 23 de julho de 1816, sobe a colina de Fourvière para, aos pés da Virgem Negra, se engajar na fundação da Sociedade de Maria.

3º dia com Champagnat

AÇÃO PASTORAL – MENTALIDADE RESTAURADORA



A ação pastoral do Pe Champagnat está na linha do trabalho de restauração. A “ideologia restauradora” condiciona sua ação pastoral, sem, todavia, determiná-la.

É o período histórico francês conhecido como Restauração. Corresponde ao retorno do regime monárquico. A volta do rei, para muitos, representava a salvação da França, um atestado de fracasso do movimento de 1789. A Revolução era, para os que assim pensavam, uma inspiração satânica, sinal do anticristo.

Outra ala, minoritária, mas não desprezável, aspirava a maiores liberdades e participação.

A França saía de um período turbulento de 25 anos de ódio, destruição, injustiça, tentando refazer-se espiritual e materialmente.

A Igreja saudava com entusiasmo esse novo momento histórico e alimentava esperanças de ver ressuscitado o antigo regime.

A aliança trono-altar traria benefícios a ambas as partes. Pelo menos é o que se pensava, se queria e se esperava. Não muito tempo foi o suficiente para que a Igreja visse que esses laços se mostrariam perigosos e negativos.

Trono e altar se apoiavam para restaurar a sociedade.

A Igreja deveria enfrentar um grave problema. O clero era insuficiente, idoso, mal preparado e marcado pelas perseguições.

Entre o clero se encontravam os padres casados e reconciliados, outros que abandonaram e retornaram, exilados, e um maior número daqueles que, resistindo às dificuldades, tinham permanecido firmes, fiéis à Igreja.

O clero jovem, ardoroso e decidido, com grande zelo, entregava-se à reconstrução do cristianismo.

A Igreja lançou-se com zelo e entusiasmo nessa “*cruzada*” de restauração. Usou todos os meios ao seu alcance: os tradicionais ou outros que o momento exigia. As congregações religiosas extintas reiniciavam suas atividades e surgiam também novas fundações, quer masculinas, quer femininas.

As escolas católicas e o catecismo procuravam atender crianças e jovens. Para os adultos, as missões populares incrementavam a vivência cristã, o desejo e a esperança de uma sociedade melhor. A cátedra, o confessionário, a celebração dos sacramentos, a organização de confrarias, eram outros tantos meios de que lançava mão a Igreja, na tentativa de superar ou remediar os desvios trazidos pela Revolução.

Talvez a demasiada preocupação com o passado tenha levado a Igreja a não ver a realidade emergente.

Não se cancela a história – o período revolucionário existiu e, de alguma maneira, continua – e, como vida que é, está prenhe de ideias e ideais que não se “*eliminam*”. Ao contrário, ou encontram ambiente favorável para aflorarem de maneira positiva e equilibrada ou tornam-se nocivos.

A Igreja, condenando “*em bloco*” a Revolução, fazia o gesto insensato de, ao arrancar a cizânia, perder o trigo.

Alguns temas da pregação, como a aceitação pura e simples da própria situação social em que vivia, entravam em choque frontal com as aspirações mais puras que emergiam.

A abolição do divórcio do código civil, o repouso dominical obrigatório, medidas tomadas pelo governo em vez de criarem clima favorável à Igreja, provocaram a impopularidade.

O clero, apesar da louvável intenção de tornar a França mais cristã, ultrapassou toda medida, e não se dava conta de que provocava uma “*surda irritação*”, o que revela a Revolução de julho de 1830.

Filho da sua época, “*ancorado na realidade*”, Champagnat comungava com muitas das novas ideias – aprendera com o pai? –, mas, sempre como Igreja, colaborara na restauração, revelando o seu acendrado amor a Deus e à salvação das almas.

É natural que pague tributo à sua época, resgatando esses valores, por sua valiosa contribuição à obra de educação cristã dos jovens.

4º dia com Champagnat

ATIVIDADES PASTORAIS



Pouco depois de ordenado presbítero, em 12 de agosto de 1816, o Pe. Champagnat é nomeado coadjutor da paróquia de La Valla, que tem como pároco o Pe. Rebod.

Para expressar sua confiança e total doação a serviço da “Boa Mãe”, decide assumir suas funções na Festa da Assunção, em 15 de agosto de 1816.

Ao avistar o campanário da Igreja paroquial, ajoelha-se, pede a Deus perdão dos pecados, conjurando-o a que não sejam um empecilho ao bom êxito do seu ministério. Em seguida, recomenda a Jesus e Maria as “almas” que lhe serão confiadas, suplicando-lhes que abençoem seus trabalhos com tudo quanto se propõe a realizar pela glória de Deus e a “salvação das almas” (Vida, pág. 33, Edições Loyola).

A paróquia de La Valla, situada na encosta e depressões da montanha do Pilat, configurava uma das mais penosas e difíceis de pastorear. A maioria dos seus dois mil habitantes vivia nos vales profundos ou nos montes escarpados. De qualquer direção apresentava ladeiras íngremes, penhascos, precipícios, a ponto de se dizer que lá não havia uma superfície plana de mais de 15 metros quadrados. Várias das suas aglomerações, distantes hora e meia da matriz, mostravam-se, naquele tempo, quase inacessíveis, desprovidas inclusive de caminhos transitáveis para se poder atingi-las.

Passando uma vez pelos morros do Pilat, lançou o olhar sobre essa região que já percorrera em todas as direções. Parou de repente e exclamou:

“Quantos passos dei nesses morros! Quantas camisas encharquei nesses caminhos! Acho que se reunisse neste vale todos os suores vertidos em minhas caminhadas, haveria água suficiente para tomar banho”.

Acrescentou, em seguida:

“Mas, se muito suei, tenho a grata consolação de que, graças a Deus, nenhum doente morreu sem receber em tempo os socorros da religião. Isso é para mim uma das minhas maiores alegrias” (Vida, pág. 54, Edições Loyola).

Champagnat encontrou nesse ambiente um estímulo ao seu ardente zelo apostólico, ao qual se entregou de corpo inteiro.

As crianças foram o alvo preferencial do seu zelo. Desde sua chegada à paróquia, preocupou-se com a fundação dos Pequenos Irmãos de Maria, que seriam a resposta permanente no serviço das crianças e dos jovens.

O testemunho vem do seu próprio punho:

“Elevado à dignidade sacerdotal em 1816, fui destacado como coadjutor numa paróquia rural. O que vi com meus próprios olhos me fez sentir mais vivamente a importância de pôr em execução, sem mais detença, o projeto que há muito vinha acalentando. Comecei, pois, a preparar alguns professores. Dei-lhes o nome de Irmãozinhos de Maria, convencidíssimo de que esse nome bastaria para atrair muitas pessoas. O êxito rápido em poucos anos justificou minhas conjecturas e superou as expectativas” (Cartas nº 34, 28 de janeiro de 1834).

Persuadido de que para fazer o bem e conduzir os homens a Deus é necessário ganhar-lhes a estima e a afeição, tratou de conquistar a confiança de seus paroquianos.

Para tanto, muito influíram seu temperamento alegre, franco, aberto e seu modo de ser simples, modesto, risonho, nobre e digno, simultaneamente.

Tinha sempre uma palavra amiga, um incentivo, que dirigia, seja a adultos, jovens ou crianças, em qualquer oportunidade que se encontrasse.

Um homem simples, um homem do povo, renova a paróquia seja no aspecto material, seja no espiritual.

Verificando, por exemplo, que o altar consagrado a Maria na Igreja paroquial estava em precária situação, manda fazer um novo às suas custas e restaura toda a capela.

À pequena distância do centro de La Valla, encontra-se um santuário dedicado a Nossa Senhora da Piedade. Várias vezes, acompanhado de um paroquiano, aí vai celebrar a Eucaristia, alimentando a devoção mariana e, ao mesmo tempo, a conservação do pequeno santuário.

Conduz a paróquia em peregrinação a Nossa Senhora de Fourvière, a quem já consagrara seu ministério.

Confissões, sermões, catecismo, visita aos doentes e escolas, conversas particulares com aqueles que haviam abandonado os sacramentos eram atividades que preenchiam todo o seu tempo.

Criou uma biblioteca para garantir a boa leitura. Pessoalmente faz os empréstimos, não perdendo a oportunidade de uma palavra de incentivo.

5º dia com Champagnat

O CATECISMO



Instruir os fiéis, eis a missão do vigário.

No processo de restauração, o catecismo era considerado um dos meios privilegiados. Nada menos que o ensino-aprendizagem do que deve crer o cristão e os deveres inerentes a essa crença.

Era dever dos pastores procurar as crianças que não frequentavam o catecismo, motivá-las à participação e também alertar sobre *“a negligência criminosa dos pais”*.

Formado nessa doutrina, o Pe. Champagnat revelou-se, em pouco tempo, *“um perfeito catequista e amigo das crianças”* (Vida, pág. 41, Edições Loyola).

As crianças foram o principal destinatário da catequese do Pe. Champagnat.

Convicto de que, dos princípios recebidos na infância, depende toda a vida adulta, dedicou-se especialmente às crianças para dar-lhes sólida instrução sobre as verdades da religião, formá-las na virtude e inculcar-lhes o hábito das práticas de piedade cristã.

Insistia junto aos pais para que mandassem os filhos ao catecismo, mesmo aqueles que ainda não se preparavam imediatamente à primeira comunhão.

Esse zelo pela infância brotava do mais íntimo de si mesmo, o que o levava a afirmar com frequência:

“Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo, e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador” (Vida, pág. 460, Edições Loyola).

Os temas tratados eram aqueles contidos no catecismo da Diocese. Nele a devoção mariana de Champagnat encontrava sempre um lugar privilegiado, porque Cristo e Maria caminham juntos.

Uma vez por semana, o Pe. Champagnat queria que os Irmãos preparassem um catecismo sobre Nossa Senhora.

Catecismo e pregação se completam e compõem obrigação do pároco.

O temário dos sermões nascia da realidade, das necessidades de La Valla.

A doutrina de seus sermões consistia em colocar o homem diante de duas realidades: ou escolhe a vida de pecado, ou opta pela santificação, que é a união com Cristo e, pelo fato mesmo, a salvação. Entre os dois, a possibilidade da conversão, que coloca o homem em face de Deus com os sentimentos de humildade, de adoração e de amor, e o leva a beneficiar-se da redenção de Jesus Cristo. Os deveres da vida cristã parecem defluir do amor de Deus, ou a ele se prendem. Se a Santíssima Virgem vem apresentada como modelo no ministério da purificação, é o seu papel de intercessão que habitualmente tem uma aplicação nos sermões.

Champagnat foge um pouco ao rigorismo da época. Por exemplo, quando trata da contrição, insiste mais na relação do pecador com o Pai misericordioso do que no pecado em si.

Globalmente, afasta-se do juridismo do momento, procurando não alarmar a consciência dos ouvintes.

Embora não fosse um grande orador sacro, suas palavras tocavam os ouvintes porque *“tudo nele anunciava um homem repleto do espírito de Deus”* (Vida, pág. 274, Edições Loyola).

Sua grande obra de renovação é a fundação dos Pequenos Irmãos de Maria.

6º dia com Champagnat

A FUNDAÇÃO



A fundação dos Pequenos Irmãos de Maria é fruto de uma dolorosa experiência vivida por Champagnat na aprendizagem do ler e escrever, por falta de bons educadores, e a constatação, como coadjutor de La Valla, de que muitos eram os jovens que faziam a sua triste experiência.

A motivação primeira e essencial da fundação é o apostolado da educação cristã.

O abandono filial nas mãos de Deus o faz descobrir o rosto materno de Deus, a Virgem Imaculada.

A nova sociedade religiosa será uma família na qual os membros se devem amor mútuo:

“Quero, ardentemente desejo, que nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo Pai, que é Deus, da mesma Mãe, que é a santa Igreja. Enfim, para tudo dizer em uma só palavra, Maria é a Mãe de todos nós” (Cartas nº 168, 5 de janeiro de 1838).

Eis por que o grupo é consagrado a Maria. Dela recebeu o nome como sinal de “*pertença*” e como garantia de realização, porque, “*com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho ou no colo ou no coração*” (Cartas nº 194, 27 de maio de 1838).

Desde sua chegada a La Valla, o Pe. Champagnat “*pôs os olhos*” sobre um jovem “*e o amou*”. É ele o escolhido para iniciar a família de Maria.

Manteve vários contatos com o jovem – Jean-Marie Granjon era o seu nome – e convidou-o a transferir-se ao centro de La Valla, o que facilitaria ministrar-lhe ensinamentos mais adequados. O jovem, dócil às orientações, em pouco tempo era visto pelos demais paroquianos como modelo de seriedade e piedade.

A essa altura, um acontecimento veio determinar o momento decisivo da fundação.

Chamado à cabeceira de um jovem agonizante, constatou sua total ignorância religiosa. Após a confissão de Montagne (nome do doente), antes mesmo de retornar à casa, vai diretamente expor a Jean-Marie Granjon todo o projeto da fundação, convidando-o para ser o elemento da primeira hora. O jovem se coloca à disposição. Agora, basta esperar um companheiro para dar início à vida comum.

Dias depois, um rapaz vem expor ao Pe. Champagnat seu desejo de consagrar-se a Deus. Será a segunda pedra do edifício em construção: Jean Baptiste Audras.

No dia 2 de janeiro de 1817, com esses dois jovens, o Pe. Champagnat iniciava a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria. A primeira residência tem como conforto a pobreza dos que deixam tudo por “Ele”.

Em dezembro, a comunidade recebe um novo elemento. Em janeiro de 1818, outro, e em maio, dois mais. Esses jovens vinham das montanhas, sem saber ler e escrever. O Pe. Champagnat alfabetizava no “profano” e no “divino”.

A comunidade se mantinha cultivando uma pequena horta e com o “salário” que Champagnat recebia como coadjutor.

Organizou um pequeno oratório, onde, aos pés de Maria, faziam todos os exercícios de piedade, a leitura espiritual, o exercício da culpa, onde recebiam depois o hábito e assinavam seus primeiros compromissos. É em torno da Imaculada que se aprende melhor a servir o Filho.

Organizou-lhes um horário muito semelhante ao do Seminário, onde o trabalho manual ocupava boa parte do tempo.

Contratou um professor para a escola paroquial, que deveria também formar os Irmãos como futuros educadores. Leigos na formação dos Irmãos. Quando verificou que os Irmãos estavam em condições de dar os primeiros passos, encarregou-lhes de dar aulas em alguns povoados da paróquia. Os Irmãos iam pela manhã e voltavam à noite. Comunidade é pertença... quando teve que dispensar o professor da escola de La Valla, confiou esta aos Irmãos.

Em todos os momentos que o seu ministério de coadjutor permitia, dedicava-se aos Irmãos. Cedo, porém, compreendeu que o melhor para a formação dos Irmãos, sob todos os pontos de vista, seria partilhar com eles a vida comunitária. E assim o fez, mais ou menos um ano após a fundação, em 1818.

O bom funcionamento da escola de La Valla atrai as atenções de Marlihes, que lhe solicita uma. Pouco a pouco sucedem-se as fundações. Novos candidatos se apresentam a La Valla. O projeto do coadjutor se concretiza sólido, porque é firmado sobre a Rocha.

E, quando o acusavam de vaidoso e orgulhoso por dar-se ares de fundador, permanecia tranquilo.

É verdade que Champagnat sabia que *“se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os que a constroem”* (Sl 126).

Apostou na Providência e ganhou a partida, cuja lógica humana previa somente fracasso.

Exatamente por sua fé, *superou dificuldades advindas de superiores eclesiásticos* (Vida, 1ª parte, cap. 11), *dos civis* (Vida, 1ª parte, cap. 10), *de alguns sacerdotes maristas* (Vida, 1ª parte, cap. 13) *e da própria comunidade dos Irmãos* (Vida, 1ª parte, cap. 16).

Estava convicto, no âmago de si mesmo, de que Deus queria essa obra, e de ele ser *“dócil instrumento”*. E o foi.

Deus quer: “Mantenho sempre a firme convicção de que Deus quer esta obra, nesta época em que a incredulidade avança espantosamente...” (Cartas nº 4, maio de 1827).

Jesus e Maria são *“guias e mestres em tudo!”* (Cartas nº 42, verão de 1834).

É impossível duvidar.

Mas, sua entrega nas mãos da Providência, ele sabe, não o dispensa de usar todos os meios humanos possíveis. Eis uma boa síntese do seu pensamento:

“Conto muito com as orações das pessoas de bem; elas nos serão mais úteis do que todas as proteções possíveis. Apesar disso, não menosprezo as últimas, pois é da vontade de Deus que empregemos os meios humanos” (Cartas nº 181, 18 de março de 1838 e nº 183, 24 de março de 1838).

No serviço do Reino, não mediu esforços, não calculou. Entregou-se, como se entregam os amantes, sem reservas.

No dia 6 de junho de 1840, aos 51 anos de idade, enquanto a comunidade se reunia em torno de Maria para o canto da *“Salve Rainha”*, o Pe. Champagnat entrava no reino definitivo, deixando gravada no rochedo do *“Hermitage de Notre-Dame”* e no coração de muitos filhos a indicação precisa:

“Caríssimos Irmãos, Deus nos amou desde toda eternidade; escolheu-nos e nos separou do mundo. A Santíssima Virgem nos plantou em seu quintal. Ela tem o cuidado de que nada nos falte” (Cartas nº 10, janeiro de 1828).

7º dia com Champagnat

TRAÇOS DA PERSONALIDADE DE CHAMPAGNAT



As dificuldades de Champagnat no Seminário, no referente aos estudos, assim como seus escritos, revelam uma vontade férrea, aliada a uma inteligência prática que tira proveito do menor detalhe, da mais diminuta circunstância.

Seu senso prático e realista, nisto semelhante ao pai, coadjuvado por uma sensibilidade que intui o essencial dos fatos ou das pessoas, mostram uma personalidade rica e atraente.

Demonstram-nos vários acontecimentos e vivências.

Quando, por exemplo, encontra-se diante de um enfermo que blasfema contra a religião, assim orienta ao Irmãos:

“Só há um jeito de conquistar aquele homem: fazer-lhe o bem e responder às injúrias com benefícios. A caridade, e somente a caridade, pode realizar sua conversão. Assim, é preciso dar-lhe todo o necessário, manter alguém constantemente ao lado dele para servi-lo, assisti-lo durante a noite, falar-lhe com extrema paciência e bondade, e rezar muito. Deixar durante algum tempo de falar de religião, a fim de evitar mais blasfêmia. Deus fará o resto” (Vida, págs. 476-477, Edições Loyola).

Sua sensibilidade, atenta aos outros, o capacita a colocar-se ao nível do interlocutor para captar a problemática e/ou emitir uma mensagem. Era um “fino” conhecedor da psicologia humana: “Conversando familiarmente com todos, sabia pôr-se ao alcance de cada um, adaptar-se a seu gênio, entender seus pontos de vista e o modo de ver as coisas” (Vida, pág. 38, Edições Loyola).

Conseguiu atingir um equilíbrio “físico” numa superatividade que o incitou a multiplicar as diligências e os esforços pessoais, a fim de alcançar, da melhor forma possível, os objetivos a que se propusera.

Passou a vida construindo. Numa carta ao Pe. Fontbonne, assim se expressa:

“Estamos sempre consertando e construindo, e assim mesmo sempre apertados. Não deixamos em paz nem damos tréguas aos rochedos de l’Hermitage, cultivamos, plantamos vinhas, procuramos fertilizar o terreno todo” (Cartas 109, pág. 237).

Essa sua atitude atraiu, naturalmente, críticas severas por parte de seus colegas sacerdotes e mesmo de superiores que não admitiam sacerdotes entregues às construções, “*artisans et manœuvres*”.

“Você conhece sua grande tentação a esse respeito. Estou certo de que só fará, de agora em diante, em l’Hermitage e em outros lugares, o que for rigorosamente necessário.”

A Circular dos Vigários Gerais de Lião (1817) admite que um padre “*dedique alguns momentos, sob forma de lazer, a certos trabalhos, a algumas atividades agrícolas, porém desaprova que se misture com os artesãos e os que trabalham como mão de obra... É para levar uma vida tão baixa, que um sacerdote foi revestido de tão alta dignidade?*” (cf. OM I, p. 470)

Essa ação em Champagnat é irmã gêmea da afetividade, da compaixão.

Coração-ação, em Champagnat, completam-se, interpenetram-se.

Champagnat tinha necessidade de afeição, de simpatia e de comunhão com os outros. Quando funda o Instituto quer que se forme uma família, na qual o amor é que rege as relações. Ousaria dizer que Champagnat funda o Instituto para poder dar expansão à sua imensa compaixão, fruto de um coração amoroso e terno.

O Ir. Francisco – primeiro sucessor de Champagnat – fazia presente aos primeiros Irmãos essas marcas de personalidade de Champagnat que não se encontram comumente em equilíbrio, na mesma pessoa: “Ele era firme, sim, sem dúvida; todos nós teríamos tremido ao som de sua voz, a um só de seus olhares. Mas, acima de tudo, era bom, era compassivo, era pai...” (Evocações 58).

Mesmo depois de morto ele fala (Hb 11,4).

Essa herança dá um colorido próprio ao carisma.

Seja permitido ao Ir. Lourenço, operário da primeira hora, confirmar e completar esses “traços” da personalidade de Champagnat. O “retrato escrito”, apresentado pelo Ir. Lourenço, merece, mesmo se um pouco longo, ser lido textualmente, mesmo se de modo abreviado.

Eis como demonstra a admiração ao fundador e ao Instituto:

“Gostava muito do trabalho manual; não se poupava; sempre fazia o mais difícil e perigoso. Foi ele quem construiu a nossa casa de La Valla”.

8º dia com Champagnat

MARIA SUPERIORA NOS ESCRITOS DE CHAMPAGNAT



Escritos do próprio punho, são poucos os textos nos quais Champagnat usa a expressão Superiora, referindo-se à Virgem. Eis o elenco em ordem cronológica:

- **29 de agosto de 1831.** Carta ao Sr. Labrosse, respondendo ao pedido de admissão no Instituto:

“Venha... você fará o bem em nossa casa; Maria, nossa Boa Mãe o ajudará e, depois de tê-la como primeira Superiora, você a terá por Rainha no céu” (Cartas nº 23, 29 de agosto de 1831).

Labrosse, futuro Ir. Luís Maria, 2º sucessor do fundador, 47 anos depois, na qualidade de Superior-Geral comenta essa carta numa Circular aos Irmãos.

- **21 de julho de 1839.** Carta a Mazelier, Superior dos Irmãos da Instrução Cristã de Valence ou de Mazalier. Agradece os serviços ou a ajuda prestada aos maristas:

“Maria, nossa primeira Superiora, não deixará sem recompensa o imenso benefício que o senhor nos presta com sua extrema caridade” (Cartas nº 260, 21 de junho de 1839).

Mazelier, como Superior de um Instituto reconhecido pelo governo, recebia os maristas por um período necessário para serem dispensados do serviço militar. Em 1842, os Irmãos de Mazelier se unem aos Irmãos maristas, dando origem à Província de Saint-Paul-Trois-Châteaux.

- 18 de maio de 1840. Testamento espiritual do Padre Champagnat:

“Que uma devoção terna e filial à Boa Mãe os inflame sempre e em qualquer situação. Façam de tudo para que Ela seja amada em qualquer lugar. É a Primeira Superiora de toda a Sociedade” (Testamento Espiritual).

Apenas um trio. Os textos, porém, apresentam-se com uma dimensão extraordinária, dado o momento em que cada um fora escrito: admissão de um candidato, agradecimento por um benefício feito ao Instituto e, sobretudo, o último desejo expresso como herança no testamento espiritual.

9º dia com Champagnat

MARIA NA VIDA DE CHAMPAGNAT



A. ESCOLHA DE “L’ HERMITAGE”

Uma testemunha do Processo Apostólico narra um fato “milagroso” no qual a Santíssima Virgem revela o local onde deve ser construída a casa-mãe, e que Champagnat, por humildade e para evitar peregrinação, não tornou público, mesmo se sobre o fato ninguém colocasse a menor dúvida.

Bento XV faz alusão ao fato no discurso sobre a Heroicidade das Virtudes:

“A Santíssima Virgem, por meio de sua imagem, que apareceu, desapareceu e foi finalmente reencontrada, não esteve ausente à multiplicação das casas dos Pequenos Irmãos de Maria e à boa orientação dada às crianças que as frequentavam”.

Sem julgar a veracidade do acontecido, o que aqui importa é a mensagem: para os seus contemporâneos, a presença e a ação materna de Maria na obra dos Maristas era evidente, real, concreta, pessoal. O próprio nome, “L’ Hermitage de Notre-Dame”, está a indicar a pertença do Instituto a Maria.

Escrevera, um dia, Champagnat:

“Maria mostra visivelmente sua proteção sobre L’Hermitage. Como tem força o santo nome de Maria! Quão felizes somos de nos termos ornamentado com ele! Há muito que não se falaria mais de nossa Sociedade sem este nome milagroso! Maria, está aí toda a riqueza (*ressource*) de nossa Sociedade” (Cartas nº 94, 27 de maio de 1838).

B. 1822: MOMENTO DE PROVAÇÃO – MEDIDAS...

A proteção de Maria sobre L’Hermitage é mais do que à casa material, é ao edifício espiritual em construção.

É um momento preocupante para o Instituto, pois a escassez de vocações nos últimos três anos colocava em jogo a existência da instituição.

Uma provação para o fundador que, longe de desencorajar-se, mostrou mais uma vez confiança em Deus e na Superiora, a Virgem Maria.

Tomou as providências necessárias dentro da lógica dos santos, que é sempre desconcertante para os que agem fora dessa órbita.

Confia no Senhor das vocações e, com a simplicidade da criança, expõe o problema a Maria. Sendo Mãe, Superiora e Protetora da casa, Ela é quem deveria tomar as necessárias providências. O seu biógrafo registra uma bela oração, cujo original não atingiu nossos dias. É um grito do filho à mãe, que lembra o desapontamento dos apóstolos durante a tempestade, vendo o Cristo “como que indiferente à situação” (cf. Mt 8, 23-25).

Eis, na íntegra, a oração:

“Ó Maria, nossa Boa Mãe, esta obra é vossa.

Vós nos reunistes, apesar das contradições do mundo, para trabalharmos pela glória de vosso divino Filho.

Se não vierdes em nosso auxílio, pereceremos, apagar-nos-emos como lamparina chegada à última gota de azeite; mas, se este Instituto desaparecer, não será a nossa obra que perecerá, porém a vossa, pois fostes vós que tudo fizestes entre nós. Contamos, pois, com o vosso poderoso auxílio, em que sempre confiamos. Amém”. (Vie I, 110)

O Instituto pertence a Maria... Ela é a responsável... a Superiora, sem a ajuda da qual este não sobreviverá...

Como resposta às insistentes e confiantes orações do fundador, naquele ano chegam oito postulantes, de uma vez. É desconcertante o modo como chegam esses jovens. Um ato de fé e confiança será exigido... serão submetidos a inúmeras provas.

Um dos oito – provavelmente o futuro Ir. João Batista, que narra o episódio –, depois de descrever o ambiente de pobreza, sem um mínimo de conforto, uma alimentação insuficiente, trabalhando penosamente todo o dia e recebendo as “*as punições*” com profundo respeito, explica o motivo pelo qual aceitam esse tipo de vida e insistem em serem admitidos. Eis, como se expressa:

“De onde podia vir a persistência desses jovens? Qual a causa de seu apego a um Instituto que lhes opunha tantos obstáculos à admissão? Um¹ deles vai explicar. Ouçamo-lo em sua linguagem singela: “Não tinham razão de desconfiar tanto de nós e de suspeitar das razões que nos moviam. Fossem humanos os motivos, não teríamos ficado um só dia. Quem nos seguraria numa casa onde só víamos pobreza, onde dormíamos num celeiro, onde a cama era só um pouco de capim seco? Onde tínhamos como alimentos alguns legumes e um pouco de pão que se esfarelava todo e onde a bebida era somente água? Numa casa onde, da manhã à noite, éramos ocupados num trabalho penoso, cujo único salário eram algumas repreensões ou castigos, que devíamos aceitar com profundo respeito? Se nos perguntarem, agora, o que poderia agradar-nos numa situação tão contrária à natureza, o que nos apegava tanto a uma Sociedade que nos repelia, responderei: foi a devoção que ela professava à Virgem Maria. No dia seguinte de nossa chegada, o Pe. Champagnat entregou um terço a cada um, falou-nos, várias vezes, de Maria Santíssima naquele tom persuasivo que lhe era natural, e narrou-nos alguns fatos que mostravam

¹Alguns desses moços perseveraram por alguns anos; mas, apenas dois perseveraram até o fim. Foram os Irmãos Hilarião e João Batista, autor desse livro (cf. BI XXVIII, p. 273).

sinais da proteção da divina Mãe. As coisas maravilhosas que nosso bom Padre nos contava de Maria calaram tão profundamente na alma de todos nós, que nada no mundo teria conseguido afastar-nos da nossa vocação.” (Vida, pág. 95, Edições Loyola)

Do relato se evidencia a presença protetora da Virgem que cuida da sua família. Presença testemunhada pelo próprio fundador, cujo amor à Boa Mãe transborda nos jovens corações. Estes, “*tocados*” por essa presença materna, sentem que “*nada no mundo teria conseguido afastar-nos da nossa vocação*”.

E conclui o narrador: “*Fora Nossa Senhora de Puy que os havia preparado e agora os estava mandando*”.

HOMENS DE POUCA FÉ... QUE EXEMPLO PARA NÓS HOJE... SE TIVERMOS FÉ...

C. LEMBRAI-VOS

É fevereiro de 1823. O Ir. João Batista, da comunidade de Bourg-Argental, encontra-se gravemente enfermo. O Pe. Champagnat, apesar do mau tempo, vai visitar o doente. Depois de encorajar *son enfant*, mesmo que todos o desaconselhassem a retornar a La Valla com aquele péssimo tempo, Champagnat, acompanhado do Ir. Estanislau, empreende a viagem de retorno.

Nas montanhas do Pilat, a neve e o vento violento fazem com que os dois viajantes se percam. Tentam encontrar a estrada e não conseguem. Ir. Estanislau, exausto, é apoiado pelo Pe. Champagnat para poder continuar.

Não resistem muito tempo, sufocados pela neve e pelo intenso frio, e são obrigados a parar. Sentindo o quanto era difícil a situação, voltando-se para o Irmão, Champagnat observa:

“Meu amigo, se a Virgem Santíssima não nos socorrer, estamos perdidos; dirijamo-nos a ela e supliquemos-lhe nos livre do risco de morrermos no meio destes bosques e desta neve” (Vie II,116).

Champagnat, de joelhos, dirige-se à Santíssima Virgem com a conhecida oração de São Bernardo: Memorare, o piíssima (Lembraí-vos, ó piíssima...).

Terminada a oração, avistam uma luz. Era noite, vão naquela direção e encontram uma casa onde passam a noite. O Pe. Champagnat reconheceu várias vezes que, se o socorro tardasse um pouco mais, teriam morrido, e que a Santíssima Virgem os livrara da morte.

Não saberia explicar diante desse ato de fé por que me veio à memória a grande Cecília Meireles...

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

D. A ENCHENTE DO GIER

No Processo Apostólico, uma testemunha narra um fato que vem confirmar, uma vez mais, a convicção do Pe. Champagnat de que Maria é quem reúne e conserva os Irmãos. Trata-se de uma enchente do rio Gier, que corre ao lado da casa, cujas águas já atingem um metro de altura e a invadem.

Vendo que alguns se amedrontavam, Champagnat os tranquiliza, mostrando a imagem da Virgem e argumentando:

“Vamos, vocês acreditam que aquela que está lá em cima, que nos reuniu e conserva até o momento, consinta em nos ver morrer e sua obra destruída! Não, isso é impossível, tenham confiança e retornem tranquilos às suas ocupações”.

A testemunha atribui às orações de Champagnat à Virgem o fato de que, em poucas horas, o rio tenha baixado as águas e assim desaparecido o perigo (Processo Apostólico, p. 172 - Pr 432).

10º dia com Champagnat

MARIA E O INSTITUTO



Tudo no Instituto pertence a Maria e deve ser usado para a sua glória. Irmãos, “... **considerem Maria como Mãe, Padroeira, Modelo e Primeira Superiora**” e tenham para com ela os sentimentos que correspondem a estas qualidades de Mãe, Patrona, Modelo e Primeira Superiora” (Vida, pág. 317, Edições Loyola).

É decorrência lógica, uma vez que a Congregação é “obra de Maria” (Cartas nº 142, 12 de outubro de 1837).

Ela é quem trouxe cada um para a comunidade: “considero-os mandados por Maria em pessoa” (Cartas nº 56, Quaresma de 1835).

Ela é a garantia do amor e da unidade no Instituto, como mãe da Igreja e nossa:

“Quero, ardentemente desejo, que nos amemos uns aos outros como filhos do mesmo Pai, que é Deus, da mesma Mãe, que é a santa Igreja.

Enfim, para tudo dizer em uma só palavra, Maria é a Mãe de todos nós. Poderia Ela ficar indiferente se conservássemos em nosso coração alguma coisa contra um daqueles que Ela tanto ama, talvez mesmo até mais do que a nós?” (Cartas nº 168, 5 de janeiro de 1838).

É, portanto, uma decorrência lógica que o amor a essa Mãe comum seja uma das condições para a admissão de um candidato, como legisla o fundador ao responder ao Pe Colin sobre as condições para a admissão:

“Se o postulante pede conselhos acerca da congregação que pretende abraçar, é preciso propor-lhe uma diferente da nossa e que mereça maior confiança da parte dele. Mas, se mostra preferência pela Sociedade de Maria, sobretudo, por causa de nossa padroeira, então sim, convém admiti-lo prazerosamente e fazer-lhe ver que confia na pessoa certa quando confia na Mãe de Deus” (Cartas nº 55, 29 de março de 1835).

A prosperidade do Instituto depende dela, porque, *“Maria, sim, só Maria é nossa prosperidade; sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho ou no colo ou no coração”* (Cartas nº 194, 27 de maio de 1838).

A função de Maria ou a razão pela qual os Irmãos devem viver em torno da Superiora é decorrência do fato de que Ela traz permanentemente em si Jesus, a quem devem os Irmãos imitar:

“Sim, caríssimos Irmãos nossos e filhos de Maria, a glória de vocês há de consistir em imitar e seguir Jesus Cristo; que o Divino Salvador os cumule de seu espírito; que a sabedoria dele os dirija em tudo quanto fizerem para sua glória” (Cartas nº 63, 19 de janeiro de 1836).

Por tudo isso, o fundador ensina:

“Maria, está aí toda a riqueza *ressource* de nossa Sociedade” (Cartas nº 194, 27 de maio de 1838).

MARISTAS, VOLTEMOS À FONTE DO PRIMEIRO AMOR...

PERFIL DA “PRIMEIRA SUPERIORA”

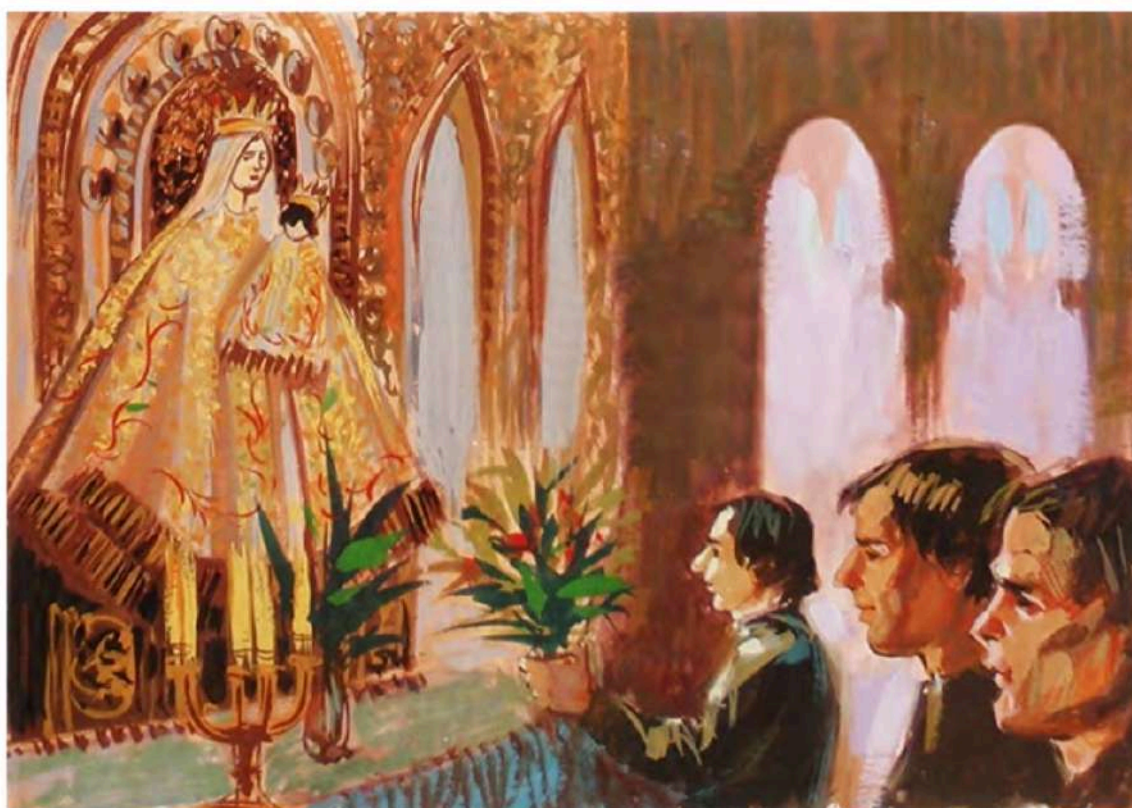
Demissão nas mãos da Superiora.

O gesto mais significativo e revelador da orientação de Champagnat em ter Maria como Superiora colhe-se um ano depois da sua profissão religiosa. Era 1837; depois da renovação dos votos, é-lhe sugerido apresentar a demissão do cargo de Superior dos Irmãos, numa demonstração de obediência ao Superior-Geral da Sociedade de Maria, o Pe Colin.

O normal seria que Champagnat dirigisse o ato de demissão ao seu Superior. E o faz realmente. Somente que não é ao Pe Colin a quem encabeça o “Ato”, como era de esperar, e sim à sua Superiora, Maria Santíssima. O ato demissionário está dividido em duas partes: na primeira, comunica a Maria, Mãe da Misericórdia, “Primeira Superiora”, que colocará nas mãos do Superior-Geral da Sociedade o ramo dos maristas a ele confiado; na segunda, dirige-se diretamente ao Pe Colin e a seu Conselho.

11º dia com Champagnat

OS FILHOS COM A MÃE



Outra atitude do Pe. Champagnat, que apresenta Maria como Mãe e Superiora, parece ser aquela de 1828, aquando da decisão de mudar o método de ensino, as meias e modificar a batina (cf. Vie I, 191-193).

Um grande número de Irmãos não aceitou as determinações, criando-se um sério descontentamento.

Como Champagnat soluciona “a revolta”? Prepara, na capela, um altar com a imagem de Nossa Senhora (a Boa Mãe). Quando a comunidade entra na capela para a normal visita ao Santíssimo (último ato comunitário do dia), a surpresa é geral. Qual o significado do altar? Questionavam-se.

Feita a adoração, Champagnat volta-se para a comunidade, e um dos antigos Irmãos, ajoelhado, lê um ato de submissão às determinações do fundador, representando um grupo de Irmãos. Terminada a leitura, Champagnat dirige-se aos Irmãos:

“Pois, então, aqueles que desejam ser bons religiosos e verdadeiros filhos de Maria, venham aqui, ao lado da sua divina Mãe” (Vie I, 202-203).

Apenas dois dos “revoltosos” não passam para o lado da Superiora e Mãe.

Esse fato traz à mente uma atitude de Santa Teresa d’ Ávila que, não é de se excluir, poderia ter inspirado Champagnat. Trata-se de quando a santa, nomeada priora do Mosteiro da Encarnação de Ávila, encontra um convento revoltado, que não aceita sua presença.

Na reunião do primeiro Capítulo, a santa põe na cadeira da priora a estátua de Nossa Senhora e senta-se aos seus pés. Ao entrarem, as religiosas, principalmente as mais revoltadas, sentiram-se comovidas e assim iniciava-se uma nova era no Mosteiro da Encarnação de Ávila.

Para Champagnat, a Superiora é a **tendre Mère, a Mère de miséricorde**, cuja ação pessoal na comunidade dos maristas é garantia de vida:

“Há muito não se falava da nossa Sociedade, sem este santo nome, sem este nome milagroso! Maria, eis aí toda a riqueza *ressource* da nossa Sociedade” (Carta de 27/5/1838).

A atitude dos maristas para com tal Superiora é a da criança que se lança nos braços da mãe, abandona-se por amor.

Maria mediatiza a nossa atitude filial (sempre à imitação do Filho) para com o “Pai Nosso”, que deve ser a expressão habitual da nossa vida, como nos apresenta o salmista:

“Fiz calar e sossegar a minha alma, como a criança desmamada no seio de sua mãe” (Sl 131/130).

Nossa atitude filial para com Maria é um reconhecimento decorrente de ser o Instituto uma resposta a seu expresso desejo. Isso determina o espírito que deve animar a comunidade dos Pequenos Irmãos de Maria (maristas) e de todos aqueles que se inspiram no caminho espiritual traçado por São Marcelino Champagnat, de modo especial os que pertencem ao Movimento Champagnat da Família Marista, e demais movimentos laicais.

12º dia com Champagnat

INSERIDO NUMA TRADIÇÃO



Tendo acompanhado alguns momentos-chave da vida de Champagnat no seu relacionamento filial com a Boa Mãe, numa tentativa de fazer emergir a intuição que teve ao declarar Maria a Primeira Superiora do Instituto dos Irmãos de Maria, um questionamento aflora espontaneamente: Champagnat inicia essa “*devotio*” ou acolhe uma espiritualidade já existente?

Não se trata de uma questão bizantina, acadêmica. Ao contrário, é um modo de chamar à baila informações que alargarão ou não o valor do tema. Uma é a importância, se parte de Champagnat; a outra, se representa uma tradição na Igreja.

Há um rico material na história das Ordens e Congregações religiosas, desde Cluny (Marcigny, 1056) aos nossos dias, confirma uma tradição espiritual rica de simbolismo.

A “*devotio*” que vê na Santíssima Virgem a Abadessa ou Superiora de uma comunidade religiosa, cuja origem monástica atravessa séculos, não sofre solução de continuidade através dos séculos até os dias atuais. Somente esse nado já seria em si mesmo suficiente para entrever a importância na espiritualidade da Igreja, em especial na vida religiosa.

Não se trata de um tema marginal, mas de uma característica na vida consagrada.

O dominicano Jacobus de Voragine (+1300) vê a Virgem como a abadessa que preside no coro e na ordem das virgens.

O franciscano Bernardino de Bustis (1450-1513), num sermão sobre a Assunção, chama Maria de Mestra, Mãe e Abadessa, afirmando que, como Mestra, deve estar com os discípulos; como Senhora, com as servas; como Abadessa, com os súditos; como Mãe, com os seus filhos.

O carmelita Arnolfo Bustius (+1499) retoma quase *ipsis litteris* o pensamento do seu contemporâneo Bernardino de Buste.

Contemporaneamente, a regra das Filhas de Joana de França 1464-1505 legisla que, para adquirir a virtude da obediência, as Irmãs devem eleger uma “*Mère Ancelle*”, a quem devem estrita obediência. E, pelo fato dessa superiora ocupar o lugar da Virgem, as Irmãs devem escolhê-la tal como vaso de eleição.

Aqui, a superiora recebe sua qualificação da atitude de Maria na Anunciação – serve e mãe ou serve e, por isso, mãe.

A reformadora do Carmelo, Teresa de Jesus 1515-1582, instala a estátua da Virgem na sede da superiora e a chama “minha Priora”.

Com as monjas carmelitas em Florença, no ano de 1578, tem-se o ato de eleição de Maria como Priora. Trata-se de um ato “*inspirato da Dio*” (inspirado por Deus):

“... nesta manhã da natividade de sua santíssima Mãe, reunidas no coro chamado O Coro da Virgem, com as noviças e conversas unidas num só coração e numa só alma, depois da santíssima comunhão, elegemos como nossa Rainha, Mãe e Priora do nosso mosteiro, para sempre – A Santíssima Virgem.”

Outro aspecto que merece atenção: a monja eleita superiora, embora se chame Priora, na realidade, por Primeira Priora, entendemos que seja a Santíssima Mãe, e, a monja que é Madre Priora, a sua serva.

É a espiritualidade da Anunciação, como entre as Anunciadas.

Porém, o que parece mais original é que a motivação da obediência não vem, como é comum, baseada na “representação” de Jesus Cristo – o que não se exclui – mas *por amor à Virgem*.

Por amor à Primeira Priora, Rainha e Mãe Santíssima, ser reverente e obediente à Priora sua serva...

Na mesma linha, os padres da “estrita observância”, no início da reforma de Santa Maria della Vita (1631), tomam Maria como Priora. O Prior local faz “as vezes” da Priora. A exemplo de Santa Teresa, colocaram uma imagem da Virgem no lugar principal do coro e do refeitório.

Entre as dominicanas, Madre Jeanne Cropet (+1662) faz um ato de consagração à Santíssima Virgem, a quem estabelece: Priora, Vice-Priora, Mestra das Noviças, e também dos outros “ofícios” da casa.

É o primeiro documento dessa pesquisa que entra nesse pormenor, indicando que todo “cargo” é participação na maternidade de Maria. É o mesmo ato que apresenta pela primeira vez a ideia de demitir-se nas mãos da Virgem.

A Madre Blemur, num estudo sobre abadessas beneditinas seguidoras dessa “tradição”, explicita suas nuances:

- *A imagem de Maria colocada no báculo e nos ambientes em que deveria presidir;*
- *Coloca a imagem da Virgem no coro, na sede abacial, e, diariamente, em sua honra, alimentava um pobre a quem servia a refeição que no refeitório era dedicada à Virgem Maria. Perfeita sintonia com Marcigny;*
- *Ladainha com a invocação: “Excelsa Abadessa das Virgens, rogai por nós”; - Renúncia das insígnias de abadessa e, por devoção à Virgem Maria, abandona a sede abacial, na qual colocou a imagem da Santíssima Virgem.*

Em meio a uma nuvem de testemunhas em cada século, destacamos Jean-Jacques Olier 1608-1657, fundador do Seminário e da Ordem de Saint-Sulpice, que instituiu a Santíssima Virgem Superiora do Seminário. A espiritualidade de Olier está na base da formação sacerdotal de Champagnat.

São João Bosco 1815-1888, falando às primeiras Filhas de Maria Auxiliadora, apresentando Santa Maria Mazzarello como superiora, assim se expressa: “... por enquanto, recebe somente o título de vigária, porque a Superiora é Nossa Senhora”.

No século XX, a Superiora Provincial das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição da Província de Santa Maria, Ir. Rosa Helena Mendes de Mendonça, assim escreve às suas Coirmãs 27.10.1988:

“Peço-lhes que intensifiquem suas orações e penitências para que o Capítulo se realize única e exclusivamente segundo a vontade de Deus, na força invencível do seu Espírito e sob a proteção materna e constante de nossa Provincial, a Imaculada Hospitaleira, Senhora de Santa Cruz”.

Conclusão lógica – Champagnat, escolhendo Maria como Primeira Superiora, insere-se numa tradição multissecular da história da vida religiosa.

O “*oficio-múnus*” da Santíssima Virgem como “Primeira Superiora” não é um fato marginal do *carisma-missão* ou da espiritualidade marista, mas parte integrante e identificadora.

Um diretor solicitava orientações para garantir uma gestão de qualidade, que assegurasse a prosperidade do seu estabelecimento. Champagnat observa:

“Interesse Maria em seu favor e, para tanto, não esqueça de considerá-la como Primeira Superiora de sua casa e, conseqüentemente, não empreenda nada de importante sem consultá-la. Entregue-lhe sua pessoa, os Irmãos, as crianças, a escola inteira. Empenhe-se em propagar sua devoção. Recorra a ela em toda e qualquer necessidade e, depois de ter feito seu possível, diga-lhe que será problema dela se as coisas desandarem” (Vida, pág. 473, Edições Loyola).

Maria “Superiora” é a expressão-memória de que ela faz parte integrante da comunidade religiosa.

13º dia com Champagnat

A POSSÍVEL FONTE DE CHAMPAGNAT



Determinar com quem Champagnat poderia ter tido o primeiro contato em relação à “*devotio*” Maria Superiora, não é certamente empresa fácil.

Poderia ter ouvido sua tia, religiosa expulsa do convento pela Revolução?

Em Saint-Sauveur-en-Rue, Champagnat frequenta a escola do cunhado Arnaud, que funcionava no que restara da antiga Abadia da Chaise-Dieu. Teria ouvido alguma referência sobre o gesto do fundador, S. Roberto, que antes de morrer colocara o báculo nas mãos de Cristo e Maria, nomeando-os “*Reitores*” do mosteiro?

Le Puy, Lalouvesc, Valfleury conservavam alguma lembrança de antigas abadias que tinham, em Maria, sua Abadessa?

Uma coisa é certa: no Seminário, seja no de Verrières, seja principalmente em Santo Irineu de Lião, o jovem seminarista Champagnat entra em contato com a espiritualidade de Jean Jacques Olier.

Para Olier, Maria era a única fundadora do Seminário.

Aquando da construção do Seminário, Olier colocou, nos alicerces, grandes medalhas de ouro, onde a Virgem era representada dominando o edifício, como protegendo sua propriedade e domínio. No verso da medalha, lia-se a inscrição: “*Cum ipsa, per ipsam, in omnis ædificatio crescit in templum Dei.*” (Com ela, por meio dela, em toda a construção, cresce Deus no templo.)

Terminada a construção, antes de habitar o edifício, Olier vai a Chartres depositar as chaves nas mãos daquela que era a Rainha do Seminário, como símbolo de posse que a Senhora devia assumir na casa que era obra sua.

No caderno nº 4 do Pe. Champagnat, escrito entre 11/10/1836 e 7/5/1837, lê-se: **“colocar nas mãos de Maria as chaves dos estabelecimentos da Sociedade”**.

O monograma de Maria encontrava-se em todas as partes do Seminário: nas portas, nos armários, nas roupas, nas fechaduras, nos vidros...

Entrando em contato com essa realidade, o jovem Champagnat poderia ter feito sua essa vivência.

Outra provável fonte para Champagnat poderia ter sido o livro sobre o **“Mês de Maio”**, de Lalomia, usado pelo fundador, uma vez que, no exemplo do dia 30, lê-se: “... ela entregou em suas mãos as chaves dos mosteiros por ela fundados, estabelecendo-a como primeira Superiora”.

O texto se refere a Santa Teresa d'Ávila, em relação à Santíssima Virgem.

Outra possível fonte seria a “Cidade Mística”, de Maria de Jesus de Ágreda, que fazia parte da Biblioteca de Champagnat, na qual se lê que a Abadessa abdica nas mãos de Maria o ofício de Superiora da comunidade para que todas a tenham como única Mãe e Superiora.

São Francisco de Sales, de quem Champagnat muito se servia em suas instruções, pede a Santa Joana de Chantal que obedeça à sua **“Santa Abadessa”, referindo-se à Santíssima Virgem**.

Difícil afirmar quem passou **“o bastão” a Champagnat**.

Opto pela fonte do mês de maio.

14º dia com Champagnat

APRECIACÃO DO PENSAMENTO MARIANO DE CHAMPAGNAT



Para uma compreensão exata da doutrina-vivência, isto é, do pensamento mariano de Champagnat, é necessária uma leitura que tenha presente a atitude de base (ou fundamental) da sua espiritualidade: imitar Jesus Cristo, fazer a sua vontade. É o *“Dieu le veut = Deus o quer”* do início de sua vocação.

Na apresentação do projeto Courveille, observa-se essa dimensão. Maria, ao revelar o desejo de uma sociedade com o seu nome porque “é a vontade do meu adorável Filho”, apresenta-se como a discípula perfeita, a imitadora do Filho.

É para imitar o Filho que Maria faz nascer uma sociedade com o seu nome. A Sociedade de Maria é fruto da imitação (seguimento, discipulado) de Cristo por parte da Santíssima Virgem; é a expressão da sua vontade.

O marista, como religioso e filho de Maria, não pode agir de modo diverso de sua “Boa Mãe”. E quem diz é Champagnat numa frase lapidar:

“Meus queridos Irmãos, religiosos e filhos de Maria, vossa glória será imitar e seguir Jesus Cristo... nosso divino modelo” (Circular de 19 de janeiro de 1836).

É nessa “imitação” que se insere a devoção mariana, assim como todas as outras. É o que lembra uma testemunha do Processo de Beatificação:

“Ele tinha a preocupação de nos dizer que a devoção a Nosso Senhor era a primeira e mais importante de todas as devoções, e nela as demais encontram a sua fonte” (cf. *Summarium Super Dubio*, p. 291).

Ir a Maria, consagrar-se a Maria, não é por ser um caminho mais fácil para chegar ao “Juiz”, mas, sim porque Maria tem sempre seu adorável Filho ou nos braços ou no coração. (Carta de 27 de maio de 1838)

Aqui Champagnat não só ensina o *encontraram o Menino com sua Mãe Mt 2, 11*, mas afirma explicitamente que essa união é constante, para sempre: “*toujours*”.

A Jesus por Maria ou a Maria para Jesus, significa, em Champagnat, que é impossível encontrar um sem o outro. Como já afirmava, por volta de 1235, Guilherme de Bourges:

“... não é possível encontrar Deus sem Santa Maria”
(*Sources Chrétiennes* 88, p. 28).

Contemplando Maria, que tem sempre o Filho nos braços ou no coração, é natural que se evidencie sua função materna: “Mãe de Deus”.

Contemplando o Filho – o divino modelo – nos braços da mãe é sentir-se com Ele também filho: “Mãe dos Homens”.

É esta a Virgem a quem Champagnat ama, a Virgem Mãe, também discípula e missionária.

Poderia, contemplando Mãe e Filho, repetir as palavras de Israel ao vitorioso Gideão: “Reina sobre nós, tu e teu filho” Jz 8 ,22.

Domínio materno-fraterno.

Duas esculturas da Virgem ao uso de Champagnat são a melhor síntese do anteriormente afirmado: uma, a Virgem Mãe de pé, com o Menino Jesus que repousa em seus braços com o dedo na boca. A atitude é aquela expressa pelo salmista:

“*Como criança desmamada no colo de sua mãe, como criança desmamada, estão em mim meus desejos*”
(Sl 131/130).

A outra, a Senhora traz o Menino Jesus no braço esquerdo como que sentado num trono, abençoando. Com a mão direita, a Virgem parece dizer aos presentes: “façam o que Ele disser”. Ambos fixam os presentes. No pescoço de cada um está suspenso um coração de metal em tamanhos proporcionais. Champagnat colocava o nome dos Irmãos no coração da Mãe após a profissão religiosa.

Quando Champagnat escreve, em várias cartas: “Eu vos deixo nos Sagrados Corações de Jesus e de Maria”, poderia ser entendido no sentido literal e espiritual.

A doutrina mariana de Champagnat é reflexo da mais antiga e ao mesmo tempo mais atual doutrina da Igreja: a maternidade divina e espiritual de Maria Santíssima, a “Boa Mãe”, ou a face mariana da Igreja.

É nesse contexto de “imitação” de Cristo, vivendo a relação filial para com o Pai e a Mãe, que deve ser lida a “*devotio*” Maria Superiora, em Champagnat.

A comunidade marista deve descobrir o verdadeiro sentido de Maria Superiora, na comunidade apostólica, em que se encontravam, em torno à Mãe, Pedro (Superior-hierarquia) e João (o filho, os discípulos) e para os quais ela pedia o Espírito, pois ela presidia a oração.

15º dia com Champagnat

O QUE PODE O AMOR: DE MARGINAL A IRMÃO MARISTA – A COMPAIXÃO



A “compaixão” em Champagnat, raia à “imprudência” e ao bom senso.

Chamado à cabeceira de uma enferma, percebe a extrema pobreza em que se encontra. Conforta-a espiritualmente, mas o seu aguçado senso de realismo o leva a providenciar o mínimo necessário a esta pobre senhora.

Falecida essa mulher, incumbiu-se da educação de um filho que deixara.

A criança (de nove anos), talvez pela prolongada enfermidade e miséria em que vivia, transformara-se no que hoje se chamaria “um pequeno marginal”.

Os Irmãos que se encarregavam do garoto, depois de empregarem todos os meios, vendo que não havia correspondência – a criança fugia e preferia esmolar que submeter-se à orientação dos Irmãos –, pediram ao Pe. Champagnat para “*l’abandonner à son malheureux sort*” (abandoná-lo à sua triste sorte).

Como resposta, Champagnat incita a assumirem sua função de educadores, confiando mais e mais em Deus e numa educação afetuosa.

Quem era esse garoto? Ao narrar o fato, o primeiro biógrafo de Champagnat não nomeia a família. Trata-se de Jean-Baptiste Berne, nascido em 14 de

setembro de 1811, filho de Jeanne Marie Berne (falecida em 25 de janeiro de 1829) e de pai desconhecido. Fez-se Irmão marista recebendo o nome de Nilammon e faleceu “*en prédestiné*” aos 19 anos, nos braços do fundador.

Vale observar que, quando em 1828, Champagnat apresenta um novo pedido de autorização do Instituto ao governo francês; apresenta os Estatutos quase idênticos ao que apresentara em 1825. No entanto, agora apresenta uma finalidade suplemetar do Instituto: “*2º de diriger des maisons de Providence ou de Refuge pour les jeunes gens revenus Du désordre ou exposés à perdre les mœurs*”. (2º a dirigir casas de Providência ou Refúgio para jovens, advindos de situação de conflito ou expostos à perda da moral).

É provável que tal modificação tenha a ver com o caso Berne. Este, de “marginal”, converte-se em santo, e o primeiro elemento do Instituto, considerado um santo, é proposto a ser expulso.

Para um fundador, deve ter sido ocasião de profunda reflexão sobre o poder da graça e o grande poder de uma educação afetuosa, paternal. Do mesmo modo que a dolorosa experiência nos estudos o fizera pensar na fundação do Instituto, a possibilidade de que o “caso Berne-Granjon”, o leve a ampliar a finalidade do Instituto, é quase uma certeza. Granjon é o nome do primeiro Irmão do Instituto.

Esse homem de coração terno e ardente, que ama com vivacidade e que, em troca, era amado sem reservas, transborda de afeição quando se dirige aos Irmãos:

“... o tempo só me custa a passar porque não estou no meio de vocês... Trago todos vocês com muito carinho no meu coração” (Cartas 181; cf. também: Cartas 79, 80, 132, 174).

“Queridos filhos em Jesus e Maria, como é bom e agradável para mim, pensar que, dentro de poucos dias terei o grato prazer de, com o salmista, dizer a todos vocês, num grande abraço: “*Quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum!*”, (Como é bom, como é agradável habitarem os Irmãos numa mesma casa!). Muito grato é o consolo de vê-los reunidos num só espírito e num só coração, formando uma só família, todos se empenhando em buscar a glória de Deus e o progresso de sua santa religião, combatendo sob o mesmo estandarte da augusta Maria!” (Carta nº 132, 12 de agosto de 1837).

Seja permitido ao Ir. Lourenço, operário da primeira hora, a confirmar e completar esses “traços” da personalidade de Champagnat:

“Gostava muito do trabalho manual; não se poupava; sempre fazia o mais difícil e perigoso. Foi ele que construiu a nossa casa de La Valla.

É verdade que nós também fazíamos alguma coisa, mas como não tínhamos sido treinados em construção, a toda hora ele precisava nos ensinar; não raro, o que tínhamos feito precisava ser recomeçado. Quando havia uma pedra grande a carregar, era sempre ele que carregava. Eram necessários dois de nós para colocá-la nas suas costas. Nunca se irritava com a nossa falta de jeito para trabalhar; é verdade que tínhamos boa vontade, mas éramos muito desajeitados, sobretudo eu!

Por aquele tempo, havia em La Valla uma pobre mulher que só a muito custo sustentava o filho. Foi só o Padre Champagnat saber disso, que se encarregou do menino. Estava tão sujo que dava dó. O bom padre cuidou dele o melhor que pôde.

Mãe nenhuma tem pelo filho o carinho que o Padre Champagnat tinha por nós. A comparação não é boa porque, muitas vezes, as mães amam os filhos só com amor carnal, ao passo que ele nos amava na verdade em Deus.

Éramos muito pobres no começo; tínhamos um pão que era da cor da terra, mas nunca nos faltou o necessário.

Nosso bom superior, como o mais terno dos pais, cuidava muito de nós. Sempre me lembro do sacrifício que se impunha quando eu estava doente em La Valla. Visitava-me todos os dias e nunca esquecia de trazer alguma coisa para me dar alívio. Com palavras de consolo, animava-me a sofrer com paciência e por amor a Deus.

O bom Padre Champagnat era de caráter alegre e afável, mas firme.

‘Nos bate-papos, sabia escorregar uma palavra engraçada para alegrar os outros. Nunca se aborrecia no trato com os Irmãos. As nossas perguntas às vezes eram bobas, mas ele sempre tinha saída, e tão boa, que todos ficavam contentes.’
(OM II, 759-763).

REALCE CONCLUSIVO

As bases sólidas da educação de Champagnat foram lançadas na sua família, cuja intensa vida cristã foi capaz de afrontar as vicissitudes da Revolução francesa, sem esmorecer na fé.

O espírito aberto, empreendedor e de certa maneira inovador de Champagnat deve muito ao testemunho paterno, que soube, sendo chefe revolucionário, salvaguardar os princípios cristãos. Quase ousaria dar-lhe esta afirmação de São Paulo: “Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo” (1 Cor 9, 22).

O ambiente educacional-religioso em crise, provocado pela Revolução Francesa, assim como sua primeira experiência escolar, formam o núcleo catalisador da resposta de Champagnat ao chamado de Deus para a fundação de uma nova família religiosa.

Para garantir o bom êxito de uma empresa de tal envergadura e, ao mesmo tempo, para corresponder aos “mesmos sentimentos do Filho” (Fl 2, 5), entrega a orientação e a direção da nova família à “Boa Mãe”, a Virgem Imaculada.

Eis por que serão chamados Pequenos Irmãos de Maria.

Ao longo de toda a sua vida, não faltaram “as tribulações e perseguições” que são a dose obrigatória para quem recebe o cêntuplo nesta vida (cf. Mc 10, 29-30).

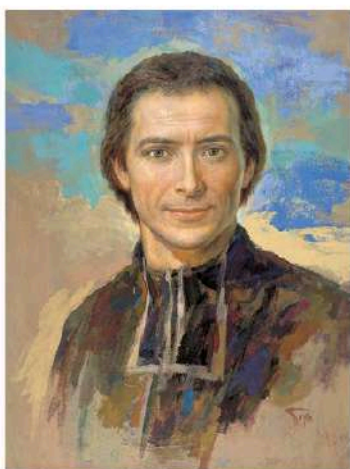
Personalidade rica, soube amar e fazer-se amar com aquele “materno afeto do qual devem estar animados os que cooperam na missão apostólica da Igreja”, a exemplo de Maria (cf. LG 65). Para usar uma linguagem de hoje (110. Cf. OM II, 759-763).

No tocante à compaixão, o Ir. Sylvestre é uma testemunha preciosa. Narrando suas relações com o fundador, observa:

“Peço ao leitor de prestar bem atenção... tudo o que fez o Venerável Padre para me corrigir de meus defeitos... Veremos sinais de uma paciência incomparável, aquela, acompanhada da mais terna paternidade, aliada a uma firmeza...” (Sylvestre. Memórias, p. 85).

16º dia com Champagnat

COMO UM CRAVO DE TERNURA² O TESTAMENTO ESPIRITUAL DE SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT



Para Péguy, a parábola do filho perdido é famosa inclusive entre os ímpios, no coração dos quais entrou “como um cravo de ternura”. A parábola do “pai misericordioso e dos dois filhos” é como que um “testamento” do Pai. Essa visão do “testamento” como “um cravo de ternura”, arrebatou-me para São Marcelino Champagnat, que a Igreja acaba de apresentar aos fiéis do orbe como alguém que apostou em Deus e, portanto, não construiu em vão. Se, no passado, um arcebispo achou que ele construíra sobre areia, agora é um Papa – que é muito maior que um arcebispo – a anunciar para o mundo que Champagnat, acreditando que o Senhor é quem constrói, pois, do contrário “em vão trabalham os construtores”, levantou o seu edifício sobre a rocha. Pousei o coração no coração de Champagnat, isto é, no seu testamento. “O testamento de um Pai é sempre algo de “sagrado” para a família... *“era considerado como desnaturado um filho que se recusasse a cumpri-lo”*³. No momento, desejo, tão somente, pedindo fidelidade ao original do testamento, como se encontra no APM (Arquivo dos Padres Maristas – Roma), aprofundar a espiritualidade de Champagnat numa releitura eclesial.

² PÉGUY, Charles. “Le porche du mystère de la deuxième vertu”, em *Oeuvres Poétiques Complètes* (Bibliothèque de la Pléiade, 60). Paris, 1948, p. 259-262.

³AFM (Archives des Frères Maristes) 51.015, cahier n° 10, p. 250.

O primeiro biógrafo de Champagnat – o Ir. João Batista – apresenta as circunstâncias da elaboração do testamento⁴. O que o biógrafo não explica é o porquê do codicilo aparecer como 2º parágrafo, o que no original está depois da 1ª assinatura de Champagnat. Esse codicilo é muito significativo⁵. Reivindico que, por ocasião da canonização, o testamento venha publicado como no original. Não se trata apenas de fidelidade a um manuscrito original. É muito mais. É descobrir uma faceta do coração de Champagnat. O codicilo, trazido aparentemente por simples sentimento de humildade, deve ser ligado provavelmente a algo muito mais concreto, segundo a maneira de proceder de Champagnat. O motor disso é provavelmente um certo sentimento de culpa entre o Superior dos Irmãos maristas e o Pe. Colin quanto aos Irmãos a serviço dos padres. Conhecemos cartas severas de Colin, que parece ter ido até certa ruptura com Champagnat. (de fevereiro de 1839⁶ a fevereiro de 1840, nenhum vestígio de correspondência). Essa situação tensa no seio da família religiosa constituía provavelmente um dos grandes desgostos de Champagnat no decorrer dos últimos anos. É sem dúvida essa angústia que é expressa no breve acréscimo ao final do Testamento Espiritual. Não é de excluir “*a priori*” que Champagnat tenha querido pedir especialmente desculpas pelo que poderia ter de responsabilidade no “escândalo” da divisão no seio da Sociedade de Maria. A menção dos Irmãos, no fim, é supérflua, visto que Champagnat já exprimiu amplamente sua afeição para com eles. Pode ser devida à pena do redator, que sentia a necessidade de arredondar os ângulos e neutralizar o que essa última alusão poderia ter de excessivamente preciso e evocador.⁷ Assim sendo, esse codicilo pedido expressamente por Champagnat – somente no lugar onde está no original – adquire a força de expressão daquele que “soube desobedecer aos homens”, porque lhe era impossível desobedecer a Deus. Por isso pode recomendar a obediência. E assim pede perdão. Atitude própria dos amantes, dos santos, dos que centraram apaixonadamente suas vidas em Cristo, do jeito de Maria. Intuíra Champagnat que, para bem exercer o perfil petrino da Igreja, é necessário o convencimento de que ele está incluído naquele “perfil mariano” que lhe dá sentido.

⁴Vida – Edição do bicentenário, 1989, p. 222-225; 1ª edição, p. 283-290.

⁵Cf. BALKO, Alexander. O testamento espiritual do Padre Champagnat, em *Cadernos Maristas*, Roma, dezembro de 1994, n. 6, p. 61-70; COSTE, Jean.-Lessard, guy. *origines maristes (1786-1836). Extraits concernant les FRÈRES MARISTES*. Rome, 1985, p. 340-347.

⁶É de 22/2/1839 a célebre carta “cominatória”. AFM, 122.26.

⁷BALKO, Alexander. Op. cit., p. 69.

E é este o motivo pelo qual transcrevo o Testamento Espiritual como no original:

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Aqui, na presença de Deus, sob os auspícios da SS. Virgem e de S. José, querendo tornar conhecida de todos os Irmãos de Maria a expressão de minha derradeira e incontida vontade, reúno todas as minhas forças para redigir, de acordo com o que imagino ser mais conforme à vontade divina e mais útil ao bem da Sociedade, meu Testamento Espiritual.

(É aqui que, lamentavelmente, coloca-se o codicilo. A recente edição das Constituições – 2010 – repete a mesma infidelidade.)

Desejo que uma inteira e perfeita obediência reine sempre entre os Irmãos de Maria; que os súditos, vendo nos superiores a pessoa de Jesus Cristo, a eles obedeçam de coração e de espírito, renunciando, sempre que necessário, à própria vontade e ao próprio parecer. Que eles se lembrem de que o religioso obediente cantará vitórias e de que a obediência é a base e o sustentáculo de uma comunidade. Nesse espírito, os Irmãozinhos de Maria submeter-se-ão⁸ (*sic*) não somente aos superiores maiores, mas também a todos aqueles que forem prepostos para dirigi-los e conduzi-los. Comprometer-se-ão desta verdade de fé: o superior representa Jesus Cristo e deve ser obedecido quando manda, como se fosse o próprio Jesus Cristo que mandasse.

Prezadíssimos Irmãos, eu lhes peço com todo o afeto de minha alma e por todo o afeto que vocês têm por mim; esforcem-se para que se mantenha sempre entre vocês a santa caridade. Amem-se uns aos outros como Jesus Cristo os amou. Que haja entre vocês um só coração e um só espírito! Que se possa dizer dos Irmãozinhos de Maria como dos primeiros cristãos: Vejam como eles se amam!. É o voto mais ardente do meu coração neste último instante de minha vida. Sim, prezadíssimos Irmãos, atendam as últimas palavras de seu pai. São as mesmas do bem-amado Salvador: ‘Amem-se uns aos outros.

Prezadíssimos Irmãos, desejo que a caridade que deve unir a todos vocês como membros do mesmo corpo se estenda a todas as outras congregações. Ah! Eu lhes suplico, nunca se permitam ter inveja de ninguém, menos ainda daqueles que Deus, na sua bondade, chama a trabalhar como religiosos, como vocês, na instrução da juventude. Sejam vocês os primeiros a se alegrar por seus êxitos

⁸[*aveuglément* = cegamente]. Esquecimento dos tradutores ou medo da expressão?

e a lastimar seus infortúnios. Encomendem-nos muitas vezes ao bom Deus e a sua divina Mãe; considerem-nos melhores que vocês. Nunca deem ouvidos a conversas capazes de prejudicá-los. Que, para vocês, o único objetivo e aspiração sejam a glória de Deus e a honra de Maria.

Como o querer de vocês deve irmanar-se com os Padres da Sociedade de Maria no querer de um Superior único e geral, desejo que os corações e os pareceres também se irmanem sempre em Jesus e Maria. Os interesses deles sejam os de vocês, seja um prazer acudi-los logo que solicitados. Fiquem unidos a eles num só espírito e num só coração, como ramos a um só tronco e como filhos da mesma família a uma só Boa Mãe, a divina Maria. O Superior Geral dos Padres, sendo também o Superior dos Irmãos, deve ser o centro de união de uns e outros. Como só tenho motivos de ufanar-me da inteira docilidade dos Irmãos de Maria, também desejo e espero que o Superior Geral encontre sempre a mesma obediência e a mesma submissão. O espírito dele é o meu e a vontade dele é a minha. Considero essa perfeita concordância e inteira submissão como base e o sustentáculo da Sociedade dos Irmãos de Maria.

Peço também a Deus e desejo com todo o ardor da minha alma que vocês perseverem fielmente no santo exercício da presença de Deus, alma da oração, da meditação e de todas as virtudes. A humildade e a simplicidade sejam sempre a característica dos Irmãozinhos de Maria. Que uma devoção terna e filial à Boa Mãe os inflame sempre e em qualquer situação. Façam de tudo para que Ela seja amada em qualquer lugar. É a Primeira Superiora de toda a Sociedade. À devoção a Maria, acrescentem a devoção ao glorioso S. José, seu digníssimo esposo. Sabem que ele é um dos nossos principais padroeiros. Vocês têm a missão de Anjos da Guarda junto às crianças que lhes são confiadas; também a esses puros espíritos prestem um culto especial de amor, respeito e confiança.

Prezadíssimos Irmãos, sejam fiéis à vocação, prezem-na e nela perseverem corajosamente. Mantenham-se em muito espírito de pobreza e desapego. Que a observância diária da santa Regra os preserve sempre de trair o voto sagrado que os compromete com a mais bela e delicada das virtudes. Para viver como bom religioso exige-se sacrifícios; mas a graça suaviza tudo. Jesus e Maria vos ajudarão; aliás, a vida é bem curta e a eternidade jamais acabará. Ah! Como é consolador, no momento de comparecer diante de Deus, lembrar-se de que a gente viveu sob os auspícios de Maria, na sua Sociedade! Digne-se a Boa Mãe conservá-los, multiplicá-los e santificá-los.

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunicação do Espírito Santo estejam sempre com vocês. Confiante, deixo-os nos sagrados corações de Jesus e Maria, esperando nos possamos reunir todos juntos na feliz eternidade. Tal é a minha derradeira e expressa vontade, para a glória de Jesus e de Maria.

O presente testamento espiritual será entregue nas mãos do P.e Colin, Superior Geral da Sociedade de Maria.

Dado em Notre-Dame de l'Hermitage, em 18 de maio de 1840, na presença das testemunhas abaixo relacionadas⁹.

O Superior e Fundador

Dos Irmãozinhos de Maria

JOSÉ BENTO MARCELINO padre

CHAMPAGNAT (assinatura do próprio punho)

Suplico muito humildemente àqueles que eu poderia ter ofendido ou escandalizado de qualquer modo, embora desconheça ter ofendido voluntariamente a alguém, queiram perdoar-me, em consideração pela caridade infinita de Nosso Senhor Jesus Cristo e unir suas orações às minhas para obter de Deus que Ele se digne esquecer os pecados da minha vida passada e receber minha alma em sua infinita misericórdia.

Morro com os mais profundos sentimentos de respeito, gratidão e submissão ao Rev.mo P.e Superior Geral da Sociedade de Maria e na mais perfeita união com todos os membros que a compõem, especialmente com todos os Irmãos que Deus, na sua bondade, tinha confiado à minha solicitude e que foram sempre tão caros ao meu coração.

CHAMPAGNAT (assinatura do próprio punho)

Após a assinatura de Champagnat, não existe nenhuma outra como se costuma apresentar nas publicações oficiais.

Como “só tenho, para amar-Te, ó meu Deus (...), o momento presente”¹⁰, apressei-me em anunciar uma dimensão do coração de São Marcelino Champagnat.

⁹No original consta apenas a assinatura (duas vezes) do Pe. Champagnat.

¹⁰Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face. Obras Completas. Loyola, [1997], p. 688.

ANEXO

Eis a íntegra da carta “cominatória”:

“Belley, 22 de fevereiro 1839.

Senhor e mui querido confrade:

Já é a quarta ou quinta vez que vos peço ou faço que vos solicitem o envio de um Irmão ao P.e Chanut, na Diocese de Bordéus. A minha petição tão reiterada mostra-vos a importância que ligo a esse ato de obediência que espero de vós.

Lembra-vos de que Maria, nossa Mãe e modelo, após a Ascensão do seu Filho, empregava-se toda nas necessidades dos Apóstolos; é esse um dos primeiros fins da congregação dos Irmãos e das Irmãs Maristas para com os Padres da Sociedade; para que estes, livres das preocupações temporais, se entreguem por inteiro à salvação das almas. Um Irmão ao serviço dos Padres da Sociedade faz vinte vezes mais do que se estivesse empregado numa comuna; hoje, graças a Deus, os meios de instruir a juventude não faltam. Nunca pudestes compreender bem essa ordem e finalidade da Sociedade.

Seja como for, após a recepção desta carta, passareis três dias numa espécie de retiro para vos humilhar perante Deus por haver feito, até aqui, tão pouco a sua divina vontade, sob alguns aspectos; depois escolhereis o Irmão ou o noviço que, diante de Deus, reputardes mais capaz de fazer sozinho a viagem de Lião a Bordéus, e administrar a casa e formar outros Irmãos no espírito da Sociedade, para enviá-los ao P.e Chanut. Não esqueçais de que a obediência plena e inteira é sempre abençoada por Deus e que deve ser o caráter distintivo dos filhos de Maria, e que ela fará a vossa segurança e o fundamento da vossa maior recompensa.

Aceitai a certeza da sincera afeição com que tenho a honra de ser, meu querido confrade, o vosso muito humilde e muito obediente servidor. COLIN, sup.

P.S. Recomendo-vos que não aporteis nenhuma desculpa nem demora à petição que vos formulo de um Irmão para a região de Verdélais. Uma carta que acabo de receber de Bordéus insiste no envio de dois Irmãos: um para dirigir os trabalhos da horta e o outro para a cozinha. Há já alguns noviços. É preciso, portanto, pelo menos um Irmão de direção. O P.e Chanut paga o transporte.”

17º dia com Champagnat

UM CHAMPAGNAT ESQUECIDO: A CONSAGRAÇÃO A MARIA



Para os Irmãos maristas, a consagração a Nossa Senhora – prática particularmente cara a Champagnat –, é um ato do culto à Boa Mãe para, por sua intercessão, obter de Deus o dom da castidade. É o que reza o Estatuto Marista.

É sabido que a consagração a Nossa Senhora, mesmo no âmbito da teologia católica, tem sido objeto de revisão, contestação e objeções.

O Papa João Paulo II, sem sombra de dúvida, foi quem atraiu nova atenção à consagração mariana. De fato, o moto *Totus Tuus* é elemento caracterizante da sua vida espiritual e do seu serviço apostólico-petrino. Regra geral, em suas peregrinações apostólicas há sempre espaço para uma visita a algum santuário mariano e um *ato de consagração a Maria Santíssima*.

Sem pretensão de dirimir as questões em estudo, apresentaremos algumas pistas, na tentativa de fundamentar essa prática mariana e, de certo modo, colaborar para que se proceda àquela *diligente revisão... no respeito pela tradição e com abertura para receber as legítimas instâncias dos homens do nosso tempo, pedida pela Marialis Cultus (24) no tocante ao culto à Mãe de Jesus*.

O conteúdo essencial da consagração a Maria é constituído por um encontro pessoal, íntimo, perseverante com a Virgem, o que implica confiança, pertença, dom de si mesmo, disponibilidade

e colaboração efetiva na sua missão salvífica segundo o plano de Deus. Noutras palavras, consagrar-nos a Nossa Senhora é confiar-nos, por suas mãos, (isto é, entregando-nos a seus cuidados e seguindo o seu exemplo) ao Pai pelo Filho no Espírito Santo.

Analisando o passado e as tendências do presente, surgem algumas orientações fundamentais, para uma abordagem teológica da consagração à Mãe de Deus.

1. A “entrega filial” a Maria, inserida na única consagração a Deus.
2. Consagração a Maria como reconhecimento vital de sua missão.
3. Dimensão eclesial da “consagração/entrega” a Maria.
4. A consagração a Maria na espiritualidade de Champagnat.

É por demais significativo que o primeiro ato oficial dos candidatos à Sociedade de Maria seja exatamente uma Consagração à Virgem de Fourvière, em 23 de julho de 1816, data considerada da fundação da referida Sociedade.

A consagração do início não foi um ato isolado. Por exemplo, o término do retiro anual previa sempre uma consagração comunitária à Santíssima Virgem, que era assinada pelos presentes.

Entre os Irmãos maristas, até o Vaticano II, a consagração a Nossa Senhora fazia parte do cotidiano, fosse na oração da manhã ou da tarde, ou ainda na visita ao Santíssimo Sacramento. As festas da Virgem comportavam a renovação dos votos religiosos e a consagração à Boa Mãe. Nas palavras do primeiro biógrafo:

“Cada dia consagrava-se a ela e lhe oferecia todas as ações, para que se dignasse apresentá-las ao Divino Filho” (Vida, pág. 313, Edições Loyola).

As festas marianas devem ser celebradas por todos os membros do Instituto com santo júbilo e muita veneração, com amor e filial gratidão. A regra impõe que os Irmãos se preparem por uma novena ou alguma outra prática de piedade. Haverá jejum na véspera. No dia da festa, cada qual, após a comunhão, deve renovar os votos e consagrar-se novamente à Boa Mãe. As cinco principais festas de Maria¹¹ são consideradas de preceito nas casas de noviciado, onde se devem celebrar os

¹¹ Assunção, Imaculada Conceição, Natividade, Anunciação, Visitação (AFM, Règles Communes de 1825, cap. VI, p. 14, nota).

ofícios com muita solenidade. Todos os Irmãos do Instituto devem consagrar inteiramente esses santos dias para honrar a Divina Mãe, seja lendo alguns livros que tratem de seus privilégios, seja fazendo alguma palestra aos jovens sobre o tema da festa e as vantagens da devoção a Maria (Vida, pág. 318, Edições Loyola).

A título de ilustração, eis uma consagração da Sociedade de Maria feita no ano de 1831 e renovada em 1834, 1837 e 1839. O Pe. Champagnat esteve presente, o que é confirmado por sua assinatura.

CONSAGRAÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

“Santa Virgem,

Eis aqui os filhos que vosso divino Filho vos deu

E que escolheste para trabalharem na vossa Sociedade.

Eles se reconheceram indignos desta graça,

E, prostrados a vossos pés, suplicam, aceiteis o preito da sua gratidão.

Ah! Nossa terna e amável Mãe,

Colocamos, agora e para sempre, em vossas mãos,

Nossos corações, vontade, pessoas, bens, todo o nosso ser.

Prometemos concorrer com todos os meios à nossa disposição para a realização e expansão da vossa Sociedade; trabalhar durante toda a nossa vida para a glória do vosso divino Filho e a vossa, espalhar vosso culto, tanto quanto nos for possível e nunca fazer ou empreender algo sem pedir a vossa ajuda. Obtende-nos sermos fiéis, até à morte, à graça da nossa vocação, e de um dia nos reunirmos no céu, em torno do trono de vossa glória, do mesmo modo como estamos agora aos pés de vossa imagem. Assim seja.

Feita em Belley, após o retiro de 8 dias, 8 de setembro de 1831.

Os membros da Sociedade de Maria que estavam presentes assinaram.”

O sentido da consagração a Nossa Senhora na vida de Champagnat e dos seus Pequenos Irmãos de Maria é compromisso que engloba as pessoas, os bens e as atividades, em quaisquer circunstâncias. É o que deixa claro o próprio Champagnat nesta oração por ele composta:

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA AO SE CHEGAR A UM ESTABELECIMENTO DE ENSINO

“Virgem Santíssima, minha Mãe,

Aqui fui enviado para fazer o bem.

Mas, bem sabeis que nada posso sem a assistência de vosso divino Filho e a vossa;

Eis por que vos peço que me ajudeis, ou melhor, que tudo façais por mim.

Ao rezar o ‘Veni, Sancte’ e a Ave-Maria no começo da aula, tenho a intenção de dizer-vos de vir em meu lugar dirigir minhas mãos, meus pés, meus lábios, toda a minha pessoa, de modo que eu não passe de instrumento que esteja à vossa disposição.

E quando eu tiver algum aluno indócil, eu vo-lo confiarei, Boa Mãe, para que o melhoreis, fazendo eu de minha parte tudo quanto depender de mim.

Ó Virgem Santíssima, ser devoto vosso é ter armas seguras para o combate e a vitória.

Tende compaixão de vosso filho que se lança em vossos braços, com grande confiança.

Não me abandoneis; eu vos ofereço e recomendo todos os meninos que me forem confiados.”

Os Irmãos, leigas, leigos maristas, que têm como missão tornar Maria conhecida e amada, estão convocados a revitalizar a dimensão mariana no seu apostolado como resposta de fidelidade à Igreja e a Champagnat.

Nesse contexto, devem aprofundar e atualizar o sentido da consagração mariana, para que o homem moderno, interpelado pelo Espírito Santo, possa entregar-se convicto à ação materna de Maria, que “existe para que se conheça melhor o Espírito Santo”, como afirma Maximiliano Kolbe.

Todos podemos aprofundar a consagração/entrega a Nossa Senhora, naquela dimensão de assemelhar-nos a Nosso Senhor. Como ensina o Beato João Paulo II:

“Podemos, portanto, afirmar com verdade: no Coração de Cristo resplandece a obra admirável do Espírito Santo; nele existem também os reflexos do Coração da Mãe. Seja o coração de cada cristão como o Coração de Cristo: dócil à ação do Espírito Santo, dócil à voz da Mãe” (Angelus, 2/7/1989).

PARA NÓS, HOJE, TEM SENTIDO?

18º dia com Champagnat

O NOME “PEQUENOS IRMÃOS DE MARIA”



Ao fundar o Instituto, o Pe. Champagnat propunha dupla finalidade: proporcionar o benefício da instrução cristã às crianças pobres do campo e honrar Maria, pela imitação de suas virtudes e a difusão de seu culto. Mas, como a Virgem Maria, modelo de todas as virtudes, brilhou sobretudo pela humildade e, como a função de educador da infância é, de *per si*, um ofício humilde, quis que a humildade, a simplicidade e a modéstia fossem o caráter específico do Instituto. E para que os Irmãos compreendessem bem seu pensamento, deu-lhes o nome de Irmãozinhos de Maria (Petits Frères de Marie), a fim de que por meio do nome se lembrassem continuamente do que deviam ser.

O termo *petit*¹² que choca certas pessoas, é considerado por outras como supérfluo e inútil, e constitui um enigma para quem não conhece o espírito da Congregação. Não foi dado aos Irmãos por acaso, e não sem motivo. No pensamento do piedoso

¹²O adjetivo *petit* (pequeno) tinha, em primeiro lugar, uma função social, opondo os Irmãos do setor rural aos Irmãos das Escolas Cristãs, os Grands Frères, que só trabalhavam nas cidades (cf. P. ZIND, NCF, p. 86). Mas, embutido no próprio nome do Instituto, conserva todo o significado aqui exposto. Mais pormenores históricos em P. ZIND, O B.M. Champagnat e seus pequenos Irmãos de Maria, Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. 1988, p. 12-14;31-33.

fundador¹³, esse vocábulo deve lembrar aos Irmãos que o espírito de sua vocação é um espírito de humildade, que sua vida há de transcorrer humilde, obscura e desconhecida do mundo¹⁴; que a humildade deve ser a virtude predileta. Pelo exercício cotidiano da humildade, trabalharão eficazmente na própria santificação e na santificação dos jovens a eles confiados. O adjetivo *petit* constitui, a rigor, a marca e o modelo do Instituto. E o espelho que reflete constantemente o espírito do piedoso fundador, ensina e mostra a cada Irmão o que deve ser e o modo de ser (*Vida do Padre Champagnat*, Ed. do Bicentenário, p. 374-375).

O nome “Pequenos Irmãos de Maria” resume toda a espiritualidade de Champagnat. Exprime resumidamente a experiência e a senda espirituais de Marcelino. Ele nos diz como Champagnat se vê (“pequeno” – condições modestas), como ele vê os outros (Irmãos), e como entra em relação com Deus (por e como Maria). E é isso que Marcelino legou como herança a seus filhos espirituais.

O adjetivo *petit* (pequeno) tinha, em primeiro lugar, uma função social, opondo os Irmãos do setor rural aos Irmãos das Escolas Cristãs, os *Grands Frères*, que só trabalhavam nas cidades. Mas, embutido no próprio nome do Instituto, conserva todo o significado aqui exposto.

O Pe. Champagnat, nos seus escritos, usa esse adjetivo só raramente; a maioria das vezes fala de Irmãos de Maria.

¹³O Pe. Champagnat, nos seus escritos, usa esse adjetivo só raramente; a maioria das vezes fala de Irmãos de Maria.

¹⁴Expressão frequentemente repetida pelo Pe. Colin, falando aos padres maristas.

19º dia com Champagnat

CHAMPAGNAT EM CANÁ



“Há flores nascendo em horas de morte
Há sóis que brilham mesmo estando chovendo!”¹⁵

O grito do jovem **Montagne**, que só Champagnat percebeu, é semelhante “à falta de vinho” que só (por primeiro) Maria se solidarizou.

“Não têm mais vinho” significa todas as necessidades dos homens e mulheres, crianças e jovens levadas Àquele que não deixa sem resposta os pedidos dos seus Irmãos. “Tudo o que pedirdes ao meu Pai, em meu nome, Ele vo-lo dará”.

Gaudêncio de Bréscia nos diz que o vinho de Caná é o Espírito Santo. Faltar vinho é desconhecer o amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo. Por isso, o evangelista João adverte que era “o vinho do casamento que tinha se acabado”, isto é, nem todos passaram a fazer parte dos discípulos de Jesus. Ora, não é exatamente essa a experiência de Champagnat com o jovem Montagne? Este ignorava tudo sobre Jesus... faltava-lhe o vinho do casamento... não conhecia o Espírito Santo, pois ainda não era “discípulo” de Jesus, a quem não conhecia.

¹⁵ROCHA, Augusto Cesar R. Eternamente. (Balada para um amigo)

Quais os possíveis motivos dessa ignorância?

- Falta de evangelizadores numa Pós-Revolução Francesa? Acomodação?
- Território restrito de evangelização?
- Situação de penúria material e religiosa?
- Indiferença? Onde estão os bons samaritanos?
- Juventude abandonada, esquecida?

É muito diferente a situação de crianças, jovens e adultos neste século?

O que São Marcelino Champagnat nos diz, hoje, Irmãos maristas e leigos, povo de Deus, em marcha para o Senhor?

Para perceber a “falta de vinho”, era [é] necessário um coração apaixonado, centrado em Jesus Cristo, amante no mundo e das pessoas para garantir a ação unificadora e unificante do Espírito que cura a alma e o espírito, o ser humano todo.

Do que sabemos hoje, São Marcelino Champagnat era um homem cuja oração alimentava-se e manifestava-se no exercício da presença de Deus nele e no mundo. O que o fazia ver e relacionar-se com Deus e os outros com a naturalidade dos amantes: o devotamento à pessoa amada transborda na ação e na relação com os outros. Por isso, **“São Marcelino Champagnat anunciava o Evangelho com coração totalmente ardente”**¹⁶. É a primeira lição de Champagnat para nós, consagrados e leigos, maristas ou não – o exercício da presença de Deus.

Uma oração de São Marcelino Champagnat reflete sua visita de aprendiz a Caná da Galileia:

“Ó Maria, nossa Boa Mãe, esta obra é vossa. Vós nos reunistes, apesar das contradições do mundo, para trabalharmos pela glória de vosso divino Filho. Se não vierdes em nosso auxílio, pereceremos, apagar-nos-emos como lamparina chegada à última gota de azeite; mas se este Instituto desaparecer, não será a nossa obra que desaparecerá, porém a vossa, pois fostes vós que tudo fizestes entre nós. Contamos, pois, com vosso poderoso auxílio em que sempre confiamos. Amém.”

¹⁶ João Paulo II. Homília da Missa de Canonização de Marcelino Champagnat, Dom Calábria e Irmã Agostinha. 18/04/99.

São Marcelino Champagnat, HOJE, faria suas as palavras de Paulo VI e nos alertaria:

“SE QUEREMOS SER CRISTÃOS TEMOS QUE SER MARIANOS, *isto é, devemos reconhecer a relação essencial, vital, providencial que une a Madonna [Nossa Senhora] a Jesus, e que abre para nós a via que a Ele nos conduz.*”¹⁷

Diria ainda:

“Maria continua dentro do mundo e no seio de sua Igreja com a presença viva de um Vivente. Ela não é uma ausente; é apenas invisível aos olhos corporais. Está presente de forma real, embora inefável, atuante, apesar de imperceptível fenomenologicamente. O relacionamento do fiel não se processa apenas mediante a recordação de sua pessoa e obra, mas imediatamente atingindo sua pessoa viva e ressuscitada. Só aos puros de coração é dado entender o quanto íntima, terna, maternal e aconchegadora pode ser a relação com nossa mãe santíssima, a virgem Maria.”¹⁸

Maria percebe a “falta de vinho” e age.

Marcelino Champagnat percebe a “falta de vinho” no jovem Montagne e também age (funda o Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria – Irmãos maristas – para suprir a “falta de vinho” em tantos outros jovens).

Marcelino Champagnat nos leva a aprender a lição de Caná, sermos sensíveis aos apelos do povo, não nos mantermos indiferentes, agir. Foi o que afirmou João Paulo II, na homilia de canonização:

“São Marcelino anunciava o Evangelho com coração totalmente ardente. Foi sensível às necessidades espirituais e educativas da sua época, sobretudo a ignorância religiosa e as situações de abandono vividas em particular pela juventude. O seu sentido pastoral é exemplar para os sacerdotes: chamados a proclamar a Boa Nova, eles devem ser de igual modo para os jovens, que procuram dar sentido à sua vida,

¹⁷Paulo VI, em, L'Osservatore Romano, 110 (1970, 25 aprile), p.1.

¹⁸(BOFF, Leonardo, O.F.M. O rosto materno de DEUS. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis, Vozes, 1986, 4ª edição, p. 183).

verdadeiros educadores, acompanhando-os ao longo do seu caminho e explicando-lhes as Escrituras. O Padre Champagnat é também um modelo para os pais e os educadores, ajudando-os a ter plena esperança nos jovens, a amá-los com um amor total que favoreça uma verdadeira formação humana, moral e espiritual. Marcelino Champagnat também nos convida a sermos missionários, para fazer com que Jesus Cristo seja conhecido e amado, como fizeram os Irmãos Maristas, indo até à Ásia e à Oceania. Tendo Maria como guia e Mãe, o cristão é missionário e servidor dos homens. Peçamos ao Senhor a graça de termos um coração ardente como o de Marcelino Champagnat, para O reconhecer e sermos Suas testemunhas.”¹⁹

Maria envolve outras pessoas em sua ação e como garantia faz, antecipadamente, por elas, o ato de fé. Marcelino Champagnat também. O agir é solidário e solidarizante.

O agir em Maria e Champagnat não se reveste de vaidade e/ou autossuficiência. É simples, modesto e verdadeiro, por isso “contamina”, envolve.

Falta vinho hoje em nossas vidas – advertem Maria e São Marcelino Champagnat: “O vinho é símbolo de uma nova forma de estar diante do Pai, partindo da confiança e da alegria. Conosco Jesus quer fazer o mesmo: tomar tudo quanto em nós ou de nosso é rito vazio, estrutura pesada, medo paralisante, e transformá-lo em alegria da novidade, da liberdade, do risco. Só temos que confiar nEle e fazer o que Ele nos disser. É um convite a escutar e a discernir evangelicamente. Isso implica atitude de disponibilidade para cumprir a vontade de Deus no serviço dos Irmãos e, para isso, cumpre deixar-nos guiar e transformar pelo Espírito Santo”.²⁰

*“Possa a Virgem Maria ser para todos nós **“nosso recurso ordinário”**, como gostava de dizer na intimidade o Padre Champagnat! **“Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus”**. Que a nossa espiritualidade mariana se inspire no mote do novo Santo, para que, por nossa vez, caminhemos todos os dias, com humildade e fidelidade na via da santidade!”*²¹

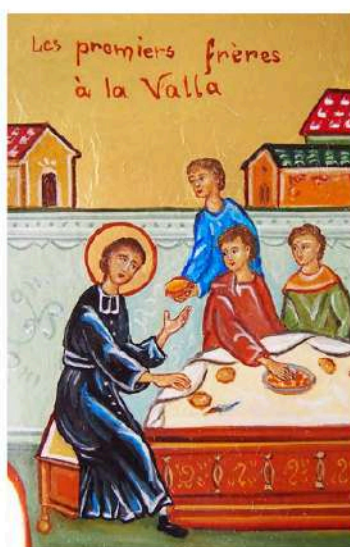
¹⁹Cf. Nota 1.

²⁰Ir. Benito Arbués. Caminhar em paz, mas depressa. Roma, Luis Vives, 1997, p. 49.

²¹João Paulo II. REGINA CÆLI. Alocução de Domingo, 18 de abril de 1999.

20º dia com Champagnat

A UNIÃO NUMA COMUNIDADE: AS PEQUENAS VIRTUDES



Pode-se ser regular, piedoso, zeloso de sua santificação. Numa palavra, pode-se amar a Deus e ao próximo, sem ter a perfeição da caridade, isto é, as pequenas virtudes que são o fruto, o ornamento e a coroa da caridade. Então, sem a prática cotidiana, habitual dessas “pequenas virtudes”, não haverá união perfeita em nossas casas. A negligência ou ausência dessas “pequenas virtudes”, eis a grande, direi mesmo, a causa única das desavenças, divisões e discórdias entre os homens.

As pequenas virtudes são:

1. **A INDULGÊNCIA**, que desculpa as faltas de outrem, diminui-as, perdoa-as até com facilidades, embora não se queira semelhante perdão para si mesmo.
2. **A CARIDOSA DISSIMULAÇÃO**, que parece não ver os defeitos, as sem-razões, as mancadas, as palavras impróprias do próximo, e que suporta tudo sem nada dizer e sem se queixar: *“Dissimulai, suportai os defeitos de vossos irmãos”*, diz São Paulo.
3. **A COMPAIXÃO**, que se apropria dos sofrimentos alheios para minorá-los, chora com os que choram, participa dos males alheios, e se desdobra para aliviá-los ou assumi-los pessoalmente.

4. A SANTA ALEGRIA, que participa das alegrias e da felicidade dos outros para aumentá-las, para proporcionar aos coirmãos todo consolo, toda a felicidade da virtude e da vida em comunidade. São Paulo nos oferece admirável exemplo dessa caridade que assume todas as formas para ser útil ao próximo: “Fiz-me tudo para todos, choro com os que choram, alegro-me com os que estão alegres. Quem é fraco, que eu não seja fraco? Quem sofre escândalo, que eu não me consuma de dor?”

5. A FLEXIBILIDADE DE ESPÍRITO, que jamais impõe, sem razão séria, suas próprias opiniões, mas adota sem relutância o que há de sensato e bom nas ideias do coirmão, que aplaude sem emulação seus êxitos, aceita seus sentimentos, para conservar a união e a caridade fraterna.

6. A CARIDOSA SOLICITUDE, que previne as necessidades dos outros, a fim de poupar-lhes o dissabor de senti-las, e a humilhação de pedir ajuda. A bondade de coração, que nada sabe recusar, está sempre atenta para prestar serviços, causar alegria e obsequiar todo mundo.

7. A AFABILIDADE, que escuta os importunos, sem demonstrar o mínimo constrangimento. Sempre pronta a vir em auxílio dos que dela necessitam, instruindo os ignorantes com paciência incansável.

8. A URBANIDADE E A CORTESIA, que levam a obsequiar a todos com provas de respeito, consideração e deferência, e em toda parte cedem o passo para prestigiar a outrem.

9. A CONDESCENDÊNCIA. “Ter condescendência, diz São Francisco de Sales, é adaptar-se a todas as pessoas enquanto a lei de Deus e a reta razão permitirem. É como um bloco de cera mole, suscetível de todas as formas, desde que sejam boas; é não procurar seus próprios interesses, mas os do próximo e a glória de Deus. A condescendência é filha da caridade. É preciso não confundi-la com certa fraqueza de caráter que impede de reprimir as faltas do próximo quando se teria obrigação de fazê-lo. Isso já não seria ato de virtude mas conivência com as faltas do outro.”

10. O INTERESSE PELO BEM COMUM (ZELO pelo bem comum), que leva a preferir os interesses da comunidade e das pessoas aos seus próprios interesses e se sacrifica para o bem dos coirmãos e ao progresso da comunidade.

11. A PACIÊNCIA, que sabe calar e suportar sempre, e jamais se cansa de fazer o bem, mesmo aos mal-agraçados. É o meio certo de conseguir a paz e conservar a união de todos.

12. A IGUALDADE DE ÂNIMO E DE CARATER, que torna a gente sempre o mesmo, jamais se deixando arrebatado por alegria intempestiva, arrebatos, aborrecimentos, melancolia ou mau humor, mas se mantendo sempre alegre, bom, afável e satisfeito com tudo.

A prática dessas pequenas virtudes constitui, para o bom religioso, exercício contínuo de caridade para com o próximo. Ora, a caridade é a primeira e a mais excelente de todas as virtudes.

É também o exercício habitual dessas virtudes que forma homens solidamente virtuosos.

Eis a razão mais plausível para amá-las e tornar querida e fácil a sua prática.

21º dia com Champagnat

MARIA: NOSSO RECURSO HABITUAL



O irmão Francisco (Gabriel Rivat), eleito em 1839 como sucessor do Pe. Champagnat, é o primeiro a atribuir-lhe esta expressão:

“Ela [Maria] era seu RECURSO HABITUAL²², sua força e seu refúgio. Vocês se lembram, tanto quanto eu, de que Maria era sua riqueza e nela ele depositara toda a sua esperança. Foi pela grande confiança nesta boa Mãe que, apesar dos esforços do demônio e das contradições do mundo, ele conseguiu fundar uma Sociedade que, hoje, ministra a instrução religiosa a quase quinze mil crianças”.²³

O CAPÍTULO GERAL DE 1852, assim se expressa, nas REGRAS COMUNS:

*“A confiança filial e sem limites que terão em Maria levá-los-ão a recorrerem à sua proteção em suas necessidades espirituais e materiais e a lhe confiarem seus sofrimentos, temores e alegrias; a colocarem sob a sua proteção as casas, as escolas, os empreendimentos e, em geral, todas as suas atividades. Enfim, **Maria deve ser-lhes em tudo o Recurso Habitual**: recorrerão a ela, como um filho à sua mãe, esperando de sua bondade o sucesso nas escolas e todas as graças que lhes forem necessárias para viverem como perfeitos religiosos e morrerem como predestinados”.²⁴*

Esse artigo foi aprovado no dia 1º/6/1852. Rica é a observação feita pelos Capitulares e que podemos ler nas Atas do Capítulo: *“Decidiu-se que no artigo 6 se escreva com letras maiúsculas a seguinte frase: “MARIA DEVE SER EM TUDO O SEU RECURSO HABITUAL”, como sendo uma das máximas do nosso Piedoso Fundador. O artigo é aprovado”*.²⁵

AS CONSTITUIÇÕES E REGRAS DE GOVERNO, publicadas em 1854, no 1º da Primeira Parte, artigo 7, diz:

“[Os Irmãos] considerarão Maria como seu RECURSO HABITUAL²⁶ e nela depositarão confiança ilimitada.”

As Constituições de 1863, aprovadas por Pio IX, no artigo 4º do Primeiro Capítulo, rezam:

“[Os Irmãos] considerarão e amarão Maria como sua Mãe, Modelo, Primeira Superiora; se esforçarão em honrá-la de maneira toda especial, propagar-lhe o culto e ensinar sua devoção às crianças; recorrerão a ela com confiança filial, em suas necessidades espirituais e materiais como ao seu recurso; se empenharão sempre em imitá-la, e a assimilar o seu espírito e a retratar neles seu espírito e suas virtudes, particularmente a humildade, a pureza e o seu terno amor a Jesus Cristo.”²⁷

²²A expressão em maiúsculas é um destaque nosso.

²³Circulaires des Supérieurs Généraux de L'Institut des Petits Frères de Marie, Lyon, Paris, E. Vitte, 1914, vol. I, p. 73. A Circular é de 22 de abril de 1943. “Elle était sa ressource ordinaire, sa force et son refuge, vous vous souvenez, comme moi, que Marie était toute sa richesse, et qu'en elle il avait mis tout son espoir. C'est par sa grande confiance en cette bonne Mère que, malgré les efforts du démon et les contradictions du monde, il a réussi à fonder une Société, qui donne aujourd'hui l'instruction religieuse à près de quinze mille enfants.”

²⁴“La confiance toute filial et sans borne qu'ils auront en Marie, les portera à recourir à sa protection dans tous leurs besoins spirituels et corporels; à lui confier toutes leurs peines, leurs craintes et leurs joies; à mettre sous sa protection leurs maisons, leurs écoles, leurs entreprises et, en général, toutes leurs actions. Enfin, MARIE DOIT ÊTRE EN TOUT LEUR RESSOURCE ORDINAIRE; ils iront à elle comme un enfant va à sa mère, attendant de sa bonté le succès de leurs écoles, et toutes les grâces qui leur sont nécessaires pour vivre en parfaits religieux, et mourir en prédestinés.” AFM, RRAC 2, p. 34; RRAC 4, p. 15; Règles Communes de L'Institut des Petits Frères de Marie, Lyon, Perisse, 1852, art. 6, p. 15.

²⁵Idem. “On a décidé que dans l'article 6 on mettrait en majuscules les mots: MARIE DOIT ÊTRE EN TOUT LEUR RESSOURCE ORDINAIRE comme étant une des maximes de notre Pieux Fondateur. L'article est adopté.”

²⁶A expressão RECURSO HABITUAL era a máxima predileta de nosso piedoso fundador. Repetia-a em toda parte e ocasião; por esse motivo, o Capítulo Geral de 1852 decretou que em nossas regras, ela fosse grafada com maiúsculas.

²⁷AFM 351.7. Constitutions avec Decretum du Saint Père, Pius IX, 19 janvier 1863, chapitre 1, article 4.

Como se pode observar no texto transcrito, a expressão Recurso Habitual (*Ressource Ordinaire*) é reduzida a recurso (*ressource*). Isto no manuscrito oficial aprovado pela Santa Sé. Nas Atas do Capítulo Geral que preparou a aludida Constituição, a expressão está completa. Teria sido um lapso do copista? Na falta de outros elementos, admita-se essa hipótese.

Essa Constituição – aprovada pela Santa Sé – jamais fora publicada.²⁸ Entretanto, em 1883, com pequenas modificações, vem impressa. Conserva o artigo 4 da de 1863, na íntegra.²⁹

A CONSTITUIÇÃO DE 1889, no artigo 7º do primeiro capítulo assim se expressa:

“Considerarão Maria como seu RECURSO HABITUAL, e nela depositarão confiança ilimitada e filial.”

A CONSTITUIÇÃO DE 1985, no artigo 4, afirma:

“Dando-nos o nome de Maria, o Padre Champagnat quis que vivêssemos do seu espírito. Convencido de que ela tudo fez entre nós, chamava-a Recurso Habitual e Primeira Superiora³⁰”

É importante observar que o Capítulo Geral (XVIII), que elaborou a Constituição referida, tenha enviado, na nota que dá sustento ao afirmado, exatamente às Regras Comuns de 1852 e às Constituições de 1854, textos elaborados pelo II Capítulo Geral (1852-1854), o primeiro depois da morte do fundador.

Nos escritos do Pe. Champagnat existentes nos Arquivos dos Irmãos Maristas (AFM), não se encontra em nenhum deles a expressão *Ressource Ordinaire*. A ideia, no entanto, é afirmada com vigor pelo Pe. Champagnat quando escreve a

Manuscrit.

²⁸ O Capítulo [1863] decide guardar em segredo as Constituições impostas por Roma. Os Capítulos de 1867 e 1873 manterão a mesma orientação e o mesmo segredo... o Capítulo de 1876 será obrigado a falar publicamente das Constituições, até aquele momento guardadas em segredo, mas justificando-se de tê-lo feito.

²⁹ Constituições do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, confirmadas *ad experimentum* pela Santa Sé, Lyon, Jevain, 1883, capítulo 1º, art. 4, p. 4.

³⁰ RC 1852, VI, 1, 6; Cn 1854, I, 7.

Dom Pompallier, Vigário Apostólico da Oceania:

“Maria mostra visivelmente sua proteção sobre l’Hermitage. Como tem força o santo nome de Maria! Quão felizes somos de nos termos ornamentado com ele! Há muito que não se falaria mais de nossa Sociedade sem este nome milagroso! Maria, está aí toda a riqueza (*toute la ressource*) de nossa Sociedade.”³¹

“Toda a riqueza” (*toute la ressource*) porque “*sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho ou no colo ou no coração*”.³²

Na falta de um manuscrito de Champagnat que traga a expressão formal – a ideia-conteúdo já vimos que é presente – venham a nosso favor, além do testemunho do Ir. Francisco (Rivat), três anos depois do falecimento do fundador e a decisão do Capítulo Geral de 1852, os seguintes.

Outro argumento de que Champagnat utilizava tal expressão é o fato de esta encontrar-se no texto do mês de maio utilizado por Champagnat. Como na França, no período de 1817 a 1823, só existia um livro sobre essa devoção, temos de admitir que, pelo menos nesse período, os primeiros Irmãos ouviam de Champagnat, cada ano, no dia 10 de maio o exemplo tirado da vida de Mère Mectilde, que “*ela ia prostrar-se aos pés da Santíssima Virgem, seu RECURSO HABITUAL (RESSOURCE ORDINAIRE)*”, nos momentos de dificuldades.³³

. Testemunho do Ir. João Batista:

“Maria é nosso RECURSO HABITUAL, era sua expressão favorita. Não perdia ocasião de repeti-la aos Irmãos. Quando os animava a pedirem as virtudes ou favores temporais, terminava sempre por: ‘Já sabem perfeitamente a quem nos devemos dirigir para conseguir estes favores: a nosso RECURSO HABITUAL’”³⁴

³¹AFM, 113 nº 13. Carta a Dom Pompallier, 27 de maio de 1838: “Marie montre bien visiblement sa protection à l’égard de l’Hermitage. Oh! que le saint nom de Marie a de vertu! Que nous sommes heureux de nous en être parés! Il y a long temps qu’on ne parlerait plus de notre société sans ce saint nom, sans ce nom miraculeux. Marie, voilà toute la ressource de notre société.”

³²Idem.

³³COSTA RIBEIRO Francisco das Chagas, FMS . Champagnat, primeiro mês de Maria em La Valla, 1817. Roma, 1983. Datilografado Champagnat, premier mois de Marie à La Valla, 1817. Roma, 1985. Datilografado.

³⁴[FURET, João Batista]. Vida de José Bento Marcelino Champagnat, padre, Fundador da Sociedade dos Irmãozinhos de Maria. Por um de seus primeiros discípulos, Lyon-Paris, Périsse Frères, 1856, vol. II, p. 114. Edição do Bicentenário, p. 322.

. **Testemunho do Ir. Sylvestre**, que viveu durante nove anos “*sob a obediência do Bom Pai*”³⁵, confirma o uso da expressão “*RESSOURCE ORDINAIRE*”, dizendo-se testemunha ocular:

*“... encontrando-se em situação difícil... recorre a Maria, seu RECURSO HABITUAL (Ressource Ordinaire), expressão que usava frequentemente, sobretudo quando desejava obter graças particulares e que eu o vi repetir muitas e muitas vezes.”*³⁶

. **O Irmão Luís Maria** (segundo sucessor do Pe. Champagnat) afirma:

*“Já que somos sua família, seus filhos, seus Pequenos Irmãos, habituemo-nos a contemplá-la como nossa boa Mãe, e a ela nos dirigir, com segurança e confiança, como um filho à sua mãe. Eis que há 45 anos a Congregação a tem como seu grande, universal e habitual recurso (RESSOURCE ORDINAIRE) e jamais ela faltou com a sua proteção seja para com a Congregação, seja para cada um dos seus membros.”*³⁷

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Recurso habitual (*ressource ordinaire*) não é uma invocação; é um indicador que se fundamenta na maternidade divina e espiritual de Maria.

RECURSO HABITUAL é o manancial onde o cristão vai haurir “*toda a sua riqueza, toda a sua esperança, confiança, força, refúgio*”.

RECURSO HABITUAL, porque Maria “*tem sempre o seu adorável filho ou nos braços ou no coração*”.

RECURSO HABITUAL, porque é a “*Boa Mãe*”.

RECURSO HABITUAL, para os maristas, é indicador de uma espiritualidade profundamente filial: “*eles [os Irmãos] dirigir-se-ão a ela [Maria] como um filho à sua Mãe...*”. Essa indicação do Capítulo Geral (1852) elimina toda e qualquer possibilidade de interpretação com “*ressonâncias utilitárias*”, como entende um dos estudiosos do Pe. Champagnat.³⁸

³⁵SYLVESTRE, Irmão. Memórias. Vida do Padre Champagnat. Recordações pessoais do Irmão Sylvestre. Roma, Casa Generalícia dos Irmãos Maristas, 1974, *offset*, p. 122; cf. AFM 152 n° 12, p. 1; 152 n° 1, p. 5.

³⁶Idem, p. 29; AFM 152 n° 3, p. 89.

³⁷Circulares... vol. III, p. 59. É de notar que o Ir. Luís Maria situa nos inícios da congregação a doutrina de Maria como Recurso Habitual. A Circular é de 16 de julho de 1861. “Há 45 anos”, isto é, 1816-1817.

³⁸BALKO, Alexandre, FMS. Marcelino Champagnat e sua Missão. Publicação das Províncias Maristas do Brasil, FTD., 1979, p. 164. Discorda desta afirmação.

João Paulo II, no Regina Coeli, após a canonização de São Marcelino Champagnat, sugere para toda a Igreja que: *“Possa a Virgem Maria ser para todos nós, ‘nosso recurso ordinário’, como gostava de dizer na intimidade o Padre Champagnat! ‘Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus’, que a nossa espiritualidade mariana se inspire no mote do novo Santo, para que, por nossa vez, caminhemos todos os dias, com humildade e fidelidade, na via da santidade!”*³⁹

Mais do que demonstração sobre uma expressão mariana em Champagnat, haja uma real preocupação em **“revitalizar”** ou redescobrir o vigor da presença de Maria na Congregação e em cada um dos seus membros, segundo a inspiração e vivência de Champagnat *“se não quisermos degenerar em relação aos nossos primeiros Irmãos, se temos a peito sintonizar com nossas origens, com aquele que Jesus e Maria escolheram, deram-lhe o seu espírito e o enviaram para criar esta pequena Congregação”*.⁴⁰

Os Irmãos maristas e todos aqueles que assumam a espiritualidade de São Marcelino Champagnat têm uma grande responsabilidade no resgate do **PERFIL MARIANO DA IGREJA DO NOVO MILÊNIO**.

³⁹ João Paulo II. Regina Coeli – 18/4/1999.

⁴⁰ Circulares... vol. III, p. 44-45.

22º dia com Champagnat

OS PRIMEIROS LUGARES



Num domingo de julho, numa instrução sobre o Evangelho da festa de São Tiago, que caía no dia seguinte, um dos Irmãos, interrogado pelo Padre Champagnat, tendo testemunhado sua admiração à pergunta da mãe dos dois filhos de Zebedeu, o bom padre lhe respondeu:

“Meu irmão, o amor maternal insinua coisas que devemos desculpar, pois parecem pouco refletidas. Vocês julgam que esta mulher era muito ambiciosa; confesso que sou muito mais que ela. Com efeito, ela solicitava só um primeiro lugar para seus filhos; quanto a mim, peço três todos os dias para vocês. Sabem quais são estes primeiros lugares que suplico para vocês? É o primeiro lugar no estábulo de Belém, o primeiro lugar no Calvário, e o primeiro lugar junto ao altar.”

As virtudes que nos obtêm os primeiros lugares no estábulo de Belém são: a humildade, a modéstia, a simplicidade e a vida oculta. Os Pequenos Irmãos de Maria devem, pois, amar essas virtudes. Igualmente amar a cruz, os sofrimentos, a mortificação, porque é pela prática dessas virtudes que se consegue o primeiro lugar no calvário. Ainda, amar a Santa Missa, a Comunhão, as frequentes

visitas ao Santíssimo Sacramento, porquanto esses exercícios se constituem na retribuição para ter direito ao primeiro lugar junto ao altar, onde Jesus se imola e repousa dia e noite. Os Pequenos Irmãos de Maria devem ter um coração de ouro e ardente de amor, pois é ao amor a Jesus que são reservados em toda parte os primeiros lugares.

Eu desejo que os Pequenos Irmãos de Maria sejam os assíduos de Jesus nascido, de Jesus morto e de Jesus imolado sobre o altar. Que sejam os assíduos de Jesus em todos os seus mistérios: sua vida, suas ações, seus sofrimentos; eis qual deve ser o grande e principal assunto de suas meditações...

Sabeis, queridos Irmãos, por que eu desejo que sejais os assíduos de Jesus no presépio, no calvário e no altar? Porque esses três lugares são as grandes fontes da graça e porque é deles, sobretudo, que Jesus a derrama abundantemente sobre os eleitos...

Sim, Deus é amor sempre e em toda parte, mas o é particularmente no presépio, no calvário e no altar; quer dizer que é, sobretudo, nesses três lugares que Ele abraça de seu amor divino o coração dos santos; é nesses três lugares que nosso pobre coração pode compreender melhor e sentir o quanto Ele nos ama...

Jesus veio trazer o fogo sobre a terra; Ele o ateia de mil maneiras, mas estabeleceu três grandes lareiras onde vêm se abrasar os santos e todas as almas fervorosas... ide às fontes do Salvador e saciai-vos aí abundantemente! (Sentences, leçons, avis. Lyon, Ed. Veuve J. Nicolle, 1868, p. 61-65)

23º dia com Champagnat

O PONTO CAPITAL



Entretanto, o que tinha mais a peito era inspirar aos Irmãos o amor à oração, compenetrá-los de sua necessidade e vantagens e formá-los nesse santo exercício. Nas instruções, voltava constantemente a esse assunto, por ele considerado *ponto capital*. Segundo ele, possuir o dom de sólida piedade é possuir todas as virtudes. Eis como desenvolvia sua ideia: “Se Deus lhes dá a graça da oração, pelo fato mesmo lhes concede todas as virtudes, pois se pode dizer da piedade o que Salomão dizia da sabedoria: Com ela me vieram todos os bens.”⁴¹ É impossível dialogar assiduamente com Deus sem adquirir-lhe o espírito, sem tornar-se semelhante a Ele pela imitação de suas virtudes. Por isso, sempre observei: os que tinham espírito de oração, possuíam, ao mesmo tempo, o espírito de obediência, mortificação, zelo, e se dedicavam totalmente à própria perfeição”.

⁴¹ Sb 7,11.

“Os Irmãos piedosos são as colunas do Instituto. Não importam seus talentos, força e saúde; tornam-se úteis em qualquer lugar, porque aonde quer que se dirijam, levam consigo o bom espírito, e Deus abençoa tudo quanto se lhes confia. Muita razão tinha S. Paulo em dizer: a piedade é útil para tudo;⁴² a piedade acarreta não somente as virtudes, mas também o bom êxito nas atividades temporais. Se Deus favorece o Instituto, devemos-lo a esses Irmãos, que às vezes julgamos inúteis por possuírem poucos predicados ou por serem pessoas adoentadas. São, porém, sumamente agradáveis a Jesus Cristo e a sua santa Mãe, graças à solidez de sua piedade” (Vida, págs. 277-279, Edições Loyola).

Uma sólida piedade é a virtude essencial sempre e em toda parte. A intuição espiritual de São Marcelino Champagnat o fazia compreender que se seus irmãos forem grandes neste ponto, eles podem partir sem inquietação. Esta intuição é atual. A insistência de Champagnat sobre este ponto é uma fonte de inspiração para o crescimento pessoal e no trabalho apostólico.

O modo como o Pe. Champagnat praticava o exercício da presença de Deus consistia em crer, com fé viva e atual, na onipresença de Deus,⁴³ plenificando o universo com sua infinitude, com as maravilhas de sua bondade, de sua misericórdia e de sua glória. Nas exortações, meditações e também nas entrevistas particulares, frequentemente se inspirava nas palavras do apóstolo: “Em Deus temos a vida, o movimento e o ser”⁴⁴; ou estas do rei profeta: “Meu Deus, para onde irei, longe de teu espírito? Para onde fugirei para estar longe de tua face? Se eu escalar os céus, aí estás, e aí mostras tua glória. Se descer aos abismos, também aí estás e tremeo perante a terrível justiça que lá exerces. Se me apossar das asas da aurora e for morar nos confins do mar, também aí tua mão me conduz e

⁴²Tm 4,8.

⁴³ “Alguns, para mais se ajudarem neste exercício, consideram todo o mundo cheio de Deus, como de fato está, e consideram-se a si mesmos no meio deste mar imenso de Deus, cercados e rodeados de Deus, da mesma forma que estaria uma esponja no meio do mar (PPC, partie I, traité I, traité VI, chap. I, “Exercice de la présence de Dieu”).

⁴⁴At 17,28.

tua destra me segura. Nenhum lugar, por mais oculto que seja, pode me esconder de teu olhar. Observas minha caminhada e meu descanso e cuidas de todos os meus caminhos. Não chegou a palavra à minha língua e tu, Senhor, já a conheces toda: abranges meu passado e meu futuro e sobre mim repousa tua mão”⁴⁵. Essa maneira de ver a Deus o mantinha em profundo recolhimento no meio das tarefas mais dispersivas e lhe tornava a oração extremamente fácil. Tudo era motivo de se elevar até Deus e bendizê-lo. Consequentemente, em qualquer ocasião, sua alma se expandia em atos de amor e de ação de graças.

⁴⁵Sl 138,2-5 e 7-8.

24º dia com Champagnat

O EDUCADOR E O JARDINEIRO



Parábolas, metáforas, historinhas fazem parte da pedagogia de Jesus Cristo. Lembremos a figueira que não dava frutos, a videira e seus ramos, o caminho, etc. O Mestre queria gravar nos corações as mensagens profundas que se aninham em todas essas figuras.

Marcelino Champagnat aprendera bem a lição de Jesus que garantem maior permanência no coração do ouvinte.

Em La Valla ou L'Hermitage, o bucólico dominava. A horta e o jardim denunciavam a função do jardineiro e o encanto das flores. La Valla e L'Hermitage são o jardim onde a Santíssima Virgem cuida para que nada falte. “Ela nos plantou em seu jardim e cuida para que nada nos falte”. É a jardineira por excelência. Contemplando-a, Champagnat aprendera a função do excelente jardineiro e aplicou-a à educação, aos educadores.

Seu primeiro biógrafo, o Ir. João Batista nos presenteia com uma intervenção de Champagnat aos formandos, em que a função do jardineiro é aplicada ao educador:

“São [os noviços] como esta árvore de que fala o Profeta (*Sl 1, 3; Jr 17, 8; Ez 19, 10-11*), plantada ao longo das águas, num terreno muito propício para produzir frutos de virtude como é o terreno do projeto de vida religiosa. Lá, como plantas novas, são cultivadas, podadas e preservadas de todos os perigos. O Irmão, seu encarregado, age com vocês como o jardineiro com as plantas. Se a árvore cultivada, podada, regada com cuidado não produz fruto, merece ser cortada e jogada ao fogo (*Mt 3, 10; 7, 19; Lc 3, 9*). Pois bem! Tal seria seu destino, se os cuidados do jardineiro espiritual fossem inúteis” (BQF 98-99).

Na mesma linha, eis alguns conceitos e conselhos de Champagnat:

“A educação é para a criança o que o cultivo é para o solo. Por melhor que seja um terreno, se permanecer inculto, não produzirá senão espinhos e abrolhos. Da mesma forma, por melhores que sejam as disposições de uma criança, se lhe faltar a educação crescerá sem virtude e sua existência será nula para o bem”.

“Cultivar um campo, um terreno, é erradicar as plantas daninhas, as ervas e os espinheiros. Cultivar o coração dos jovens é corrigir-lhes os vícios e defeitos. Trata-se de um trabalho longo, de todos os dias. O Irmão deve continuamente corrigir e arrancar, isto é, apontar às crianças suas falhas, inspirar-lhes, para isso, os recursos”.

“Formar o coração é fazer germinar e crescer as boas disposições. É adorná-lo de virtude. Isso se consegue ensinando às crianças bons princípios, inspirando-lhes extremo horror ao pecado, mostrando-lhes os encantos, os atrativos e o prazer da virtude, levando-as a praticá-la em toda ocasião, porque a virtude só se conquista pela prática”.

“O bom jardineiro arranca, cultiva, planta e rega. Quatro coisas que o Irmão também deve fazer. Deve eliminar ou corrigir os defeitos dos meninos, através de caridosas advertências, sábias e prudentes reprimendas. Deve cultivar as boas disposições e semear nos seus corações bons princípios, por meio de ensinamentos e exortações bem preparadas e por admoestações dadas oportunamente. Enfim, deve irrigar tudo, por meio de fervorosas preces” (BQF 112).

A poetisa resume bem a função do jardineiro-educador:

OLHAR DE JARDINEIRO

(Iran de Maria)

No jardim, o que ensina a esperar é o olhar do jardineiro.

Olhar que espera, que rega e acredita no novo florir.

Olhar de paciência

Olhar de sonhos

Olhar de esperanças.

No jardim, o que faz superar as pragas é o olhar do jardineiro.

Olhar que cuida, que poda, que faz enxertos.

Olhar de lutas

Olhar de cuidados

Olhar de desafios.

No jardim, o que descobre a beleza única das diferentes rosas é o olhar do jardineiro.

Olhar que admira, que acolhe, que observa.

Olhar de escuta

Olhar de amizade

Olhar de confiança.

No jardim, o que enfeita as rosas é o olhar do jardineiro.

Olhar que vai além da aparente semente e vê a rosa que virá.

Olhar que respira o jardim todo florido.

Olhar de infinito

Olhar do amanhã

Olhar de Utopias.

Recife, 20/3/1994

Sugiro a leitura do texto, substituindo a palavra “jardineiro” pela função escolhida pelo leitor.

25º dia com Champagnat

O ROSÁRIO – O TERÇO



O rosário, para São Marcelino, é uma oração cristocêntrica. Veja como o conceituava:

“O Rosário é devoção estabelecida para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo e a Santíssima Virgem”.

Recitar o rosário (terço) é demonstração de amor. A tal ponto lembrava esta dimensão que, embora solicitando a reza diária, norma que colocou nas regras, observava:

“Se, por algum imprevisto ou alguma tarefa extraordinária, não tivesse tempo de rezá-lo por inteiro, rezem duas ou três dezenas. Se nem isso for possível, digam três ave-marias, ou pelo menos peguem o terço e beijem-no antes de deitar; assim não vai acontecer nunca deixarem completamente essa oração.” (Vida , págs. 320-321, Edições Loyola).

Um beijo de amor, um olhar de ternura, é oração, é encontro... “Fitando-o Jesus o amou...” (Mc 10, 21).

O primeiro biógrafo observa várias vezes que ele (Champagnat), desde o Seminário, rezava diariamente o terço, hábito que manteve durante toda a sua vida.

Desejava não só que rezassem o terço, mas que o trouxessem sempre consigo. Causa admiração a alguns hoje... talvez **tenha-lhes** faltado o colo de pai e mãe, a convivência com Irmãos e Irmãs, ou, quem sabe, nunca estiveram enamorados, nunca guardaram consigo como sinal de presença e afeto, uma foto, uma carta, um presente...

Numa linguagem do magistério pontifício, temos atualizado e desenvolvido o conceito de Champagnat sobre o rosário. Com a palavra João Paulo II, agora santo: “O Rosário, de fato, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele ecoa a oração de Maria, o seu perene *Magnificat* pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal. Com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para deixar-se introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. Mediante o Rosário, o crente alcança a graça em abundância, como se a recebesse das mesmas mãos da Mãe do Redentor”.

[...]

A espiritualidade cristã tem como seu caráter qualificador o empenho do discípulo em configurar-se sempre mais com o seu Mestre (cf. *Rom* 8, 29; *Fil* 3, 10.21). A efusão do Espírito no Batismo introduz o crente como ramo na videira que é Cristo (cf. *Jo* 15, 5), constitui-o membro do seu Corpo místico (cf. *1Cor* 12, 12; *Rom* 12, 5). Mas a esta unidade inicial, deve corresponder um caminho de assimilação progressiva a Ele que oriente sempre mais o comportamento do discípulo conforme a ‘lógica’ de Cristo: ‘Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus’ (*Fil* 2, 5). É necessário, segundo as palavras do Apóstolo, ‘revestir-se de Cristo’ (*Rom* 13, 14; *Gal* 3, 27).

No itinerário espiritual do Rosário, fundado na incessante contemplação – em companhia de Maria – do rosto de Cristo, este ideal exigente de configuração com Ele alcança-se através do trato, podemos dizer, ‘amistoso’. Este introduz-nos de modo natural na vida de Cristo e como que faz-nos ‘respirar’ os seus sentimentos. A esse respeito diz o Beato Bártolo Longo: ‘Tal como dois amigos, que se encontram constantemente, costumam configurar-se até mesmo nos hábitos, assim também nós, conversando familiarmente com Jesus e a Virgem, ao meditar os mistérios do Rosário, vivendo unidos uma mesma vida pela Comunhão, podemos vir a ser, por quanto possível à nossa pequenez, semelhantes a Eles, e aprender desses supremos modelos a vida humilde, pobre, escondida, paciente e perfeita’.

Nesse processo de configuração a Cristo no Rosário, confiamo-nos, de modo particular, à ação maternal da Virgem Santa. Aquela que é Mãe de Cristo, pertence Ela mesma à Igreja como seu 'membro eminente e inteiramente singular' (19) sendo, ao mesmo tempo, a 'Mãe da Igreja'. Como tal, 'gera' continuamente filhos para o Corpo místico do Filho. Fá-lo mediante a intercessão, implorando para eles a efusão inesgotável do Espírito. Ela é o perfeito ícone da maternidade da Igreja.

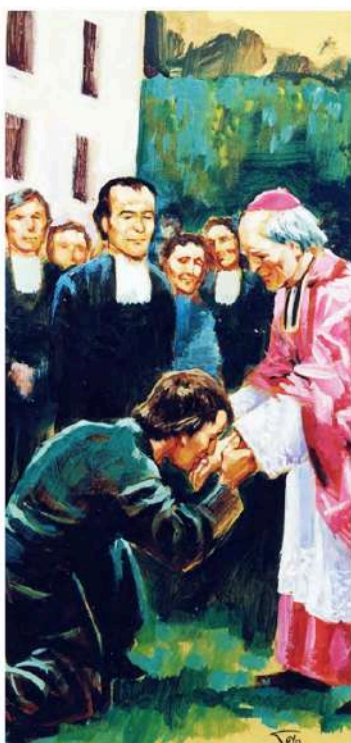
O Rosário transporta-nos misticamente para junto de Maria dedicada a acompanhar o crescimento humano de Cristo na casa de Nazaré. Isso lhe permite educar-nos e plasmar-nos, com a mesma solicitude, até que Cristo esteja formado em nós plenamente (cf. *Gal* 4, 19). Esta ação de Maria, totalmente fundada sobre a de Cristo e a esta radicalmente subordinada, 'não impede minimamente a união imediata dos crentes com Cristo, antes a facilita' (20). É o princípio luminoso expresso pelo Concílio Vaticano II, que provei com tanta força na minha vida, colocando-o na base do meu lema episcopal: *Totus tuus* (21). Um lema, como é sabido, inspirado na doutrina de S. Luís Maria Grignion de Montfort, que assim explica o papel de Maria no processo de configuração a Cristo de cada um de nós: 'Toda a nossa perfeição consiste em sermos configurados, unidos e consagrados a Jesus Cristo. Portanto, a mais perfeita de todas as devoções é incontestavelmente aquela que nos configura, une e consagra mais perfeitamente a Jesus Cristo. Ora, sendo Maria entre todas as criaturas a mais configurada a Jesus Cristo, daí se conclui que de todas as devoções, a que melhor consagra e configura uma alma a Nosso Senhor é a devoção a Maria, sua santa Mãe; e quanto mais uma alma for consagrada a Maria, tanto mais será a Jesus Cristo'. (22) Nunca como no Rosário o caminho de Cristo e o de Maria aparecem unidos tão profundamente. Maria só vive em Cristo e em função de Cristo!" (Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae* 15, 22, João Paulo II, 16 de outubro de 2002).

E Bento XVI vem "recordar que o Rosário é oração bíblica, totalmente embebida de Sagrada Escritura. É oração do coração, na qual a repetição da 'Ave Maria' orienta o pensamento e o afeto para Cristo, e, por conseguinte, faz-se súplica confiante à Mãe de Deus e nossa" (Bento XVI, *Angelus*, 10 de outubro de 2010).

Fazia as mesmas recomendações com relação ao terço. Os Irmãos deviam sempre levar consigo o terço e o escapulário. "Se, por algum imprevisto ou alguma tarefa extraordinária, não tivesse tempo de rezá-lo por inteiro, rezem duas ou três dezenas. Se nem isso for possível, digam três ave-marias, ou pelo menos peguem o terço e beijem-no antes de deitar; assim não vai acontecer nunca deixarem completamente essa oração. Quem ama Nossa Senhora nunca deixa de trazer consigo alguma recordação da Divina Mãe e leva dia e noite sobre si o terço e o escapulário. São armas de salvação, que nos defendem contra as tentações e, muitas vezes, basta segurá-los na mão, ou simplesmente lembrar-nos de que os trazemos, para afugentar o demônio".

26º dia com Champagnat

CHAMPAGNAT E O PAPA



Champagnat sempre “tira proveito das ocasiões” para educar seus filhos no amor à Igreja.

O Ir. João Batista, seu primeiro biógrafo, e também o Ir. Francisco, seu primeiro sucessor, lembram-nos esses ensinamentos:

“O piedoso Fundador tinha profundo respeito aos pastores da Igreja. Primeiro, ao Santo Padre o Papa, cujas decisões, advertências e demais orientações eram consideradas oráculos...

Observando quão atento estava um dos Irmãos mais antigos, concentrado na leitura de um livro, desejou saber o seu tema. À resposta do Irmão de que tratava sobre a infalibilidade do Papa, Champagnat perguntou se o Irmão acreditava nessa verdade. Ao receber resposta positiva disse: ‘Eu também, sempre acreditei. Nunca tive a mínima dúvida a respeito.’” (Vida, pág. 388, Edições Loyola)

Para inspirar aos Irmãos profundo apego à Igreja e total submissão ao Pontífice, por diversas vezes fez esta comparação:

“Como toda a claridade que ilumina a terra provém do sol, do mesmo modo toda a luz que ilumina os homens na ordem sobrenatural, no terreno da salvação, provém do Santo Padre o Papa. O Papa é para o mundo moral o que o sol é para o mundo físico. Sem o sol a terra seria um caos. Sem o Papa, a Igreja não seria nada. Reinariam as trevas espessas do erro... Permanecendo em comunhão com seus pastores, o católico está com a verdade e permanece unido a Jesus Cristo. A Igreja de hoje é a mesma que Jesus fundou e os Apóstolos estabeleceram. Se S. Pedro e S. Paulo voltassem à terra, não teriam nada que mudar a propósito de doutrina. Encontrariam a Igreja tal qual a deixaram, isto é, com os mesmos dogmas, a mesma moral, a mesma doutrina, os mesmos sacramentos e meios de salvação, a mesma hierarquia. Não receio afirmar que os Santos Apóstolos⁴⁶ ficariam alegres e satisfeitos e exclamariam: ‘É exatamente esta a Igreja que estabelecemos. É a esposa de Jesus Cristo, sempre sem mancha e sem ruga.’⁴⁷ Ela permaneceu tal qual a deixamos” (Vida, pág. 334, Edições Loyola).

Qual a posição dos maristas hoje?

⁴⁶O Ir. Francisco informa serem estes comentários originários de uma instrução feita pelo Pe. Champagnat, no dia da festa de S. Paulo (CSG 1, p. 231).

⁴⁷Ef 5, 27.

27º dia com Champagnat

CHAMPAGNAT E A NOSSA “MISSÃO MATERNA”



O último século do segundo milênio, passagem ao terceiro, foi palco de um dos mais significativos acontecimentos eclesiais – a realização do II Concílio do Vaticano (11/10/1962 – 8/12/1965). Esse Concílio, que elaborou 16 documentos, em 12 deles faz menção à Virgem Maria. Mas é a Constituição Dogmática sobre a Igreja – *LUMEN GENTIUM* – que apresenta como vértice e coroamento um capítulo inteiro dedicado a Nossa Senhora... Com efeito, é a primeira vez – e dizê-lo enche-Nos a alma de profunda emoção – é a primeira vez que um Concílio Ecumênico apresenta síntese tão vasta da doutrina católica acerca do lugar que Maria Santíssima ocupa no mistério de Cristo e da Igreja. E o conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja.

É a Constituição Dogmática sobre a Igreja – *LUMEN GENTIUM* – que afirma:

“Buscando a glória de Cristo, a Igreja se torna mais semelhante ao seu excelso TIPO, e constantemente progride na fé, esperança e caridade, procurando e cumprindo a vontade divina em tudo.

Essa é a razão também porque em sua obra apostólica a Igreja se volta para Aquela que gerou a Cristo, por isso concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem para que, pela Igreja, nasça também e cresça no coração dos fiéis. Essa Virgem deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens.” (LG 65).

Com essa declaração, o Concílio lembra a todos os cristãos a sua “missão materna” ou “o seu destino materno”. Dito em outras palavras, todos participam da maternidade espiritual da Virgem. Participar dessa maternidade espiritual de Maria é abrir-se ao Espírito para que Cristo nasça em nossos corações **e possamos facilitar o seu nascimento em todos os homens e mulheres hoje**. O mesmo Concílio proclama: “O Filho que ela gerou foi por Deus constituído primogênito entre muitos Irmãos (cf. Rm 8, 29), isto é, entre os fiéis em **cuja geração e educação ela coopera com materno amor**” (LG 63).

Nosso destino materno – gerar Cristo em nós e na comunidade –, se buscamos ter os mesmos sentimentos de Jesus, é abrir-se à ação do Espírito e de Maria. O único que gera é o PAI, mas ele **“transmitiu a Maria sua fecundidade, na medida em que a podia receber uma simples criatura, para que ela pudesse produzir o seu Filho e todos os membros de seu corpo místico”**. (Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem – São Luiz Maria Grignon de Montfort, nº 17)

São Marcelino Champagnat vivenciou e deixou como herança essa “missão materna”. É o que afirma um texto de 1840 (ano do falecimento do santo):

“Uma boa mãe não tem mais carinho com seus filhos do que o Pe. Champagnat tinha por nós: a comparação não é bem exata, pois, não raras vezes, as mães amam os filhos com um amor todo humano, ao passo que ele nos amava em verdade, de uma forma toda espiritual”.

Sim, São Marcelino Champagnat viveu seu destino materno não só gerando em si o Cristo, na docilidade ao Espírito e a Maria, mas foi mais além, gerou na Igreja o Instituto dos Irmãos Maristas como garantia de continuidade de sua experiência religiosa cuja primeira finalidade era ajudar as crianças e jovens a descobrirem esse seu destino materno **[restabelecer a vida sobrenatural]** por meio da educação integral.

“Amar a augusta Rainha, servi-la, propagar-lhe o culto de acordo com o espírito da Igreja, como excelente meio para amar e servir mais fácil e perfeitamente a Jesus Cristo, foi a finalidade que se propôs ao fundar a Congregação. Quer que os Irmãos considerem Maria como Mãe, Padroeira, Modelo e Primeira Superiora, e tenham, portanto, para com ela, os sentimentos exigidos por esses títulos.” (Vida, pág. 370, Edições Loyola)

São Marcelino Champagnat aproveitava todas as ocasiões para exercitar o seu afeto materno, é o que nos informa o seu primeiro biógrafo quando afirma que:

“Nas viagens entabulava conversas com as crianças, e, bondosamente, perguntava se haviam feito a Primeira Comunhão e se acompanhavam o catecismo na igreja. Habilmente indagava se conheciam os mistérios e as verdades essenciais da salvação. Mandava-as recitar ou lhes ensinava sem que percebessem. Dizia muitas vezes: ‘Não posso ver uma criança sem me dar vontade de ensinar-lhe o catecismo e fazer-lhe saber quanto Jesus Cristo a amou e quanto, por sua vez, deve amar o divino Salvador.’” (Vida, pág. 532, Edições Loyola)

São Marcelino Champagnat estava convicto de que “o educador participa essencialmente naquilo que é mais nobre na paternidade divina...” e com a Igreja “sempre considerou a educação como um apostolado e sacerdócio..., e apresentava como indispensáveis duas coisas que no seu entender” são o complemento das homenagens tributadas a Maria e o fruto da devoção para com ela. A primeira é a imitação de suas virtudes. Por isso, recomenda que os Irmãos assumam, sobretudo, o espírito de Maria e lhe imitem a humildade, a modéstia, a pureza e o amor a Jesus Cristo. A vida pobre e oculta da divina Mãe e os exemplos sublimes que nos deu devem ser a norma de conduta dos Irmãos. Cada um deve esforçar-se de tal modo para assemelhar-se a Ela, que tudo em suas ações e na sua pessoa relembre Maria, retrate o espírito e as virtudes de Maria. A segunda é que os Irmãos se considerem como particularmente obrigados a torná-la conhecida e amada, a propagar o seu culto e inspirar sua devoção às crianças.

Mesmo que se dirija aos Irmãos maristas especificamente, o seu pensamento é válido também para leigos e leigas, como direcionamento de vida.

Pautando a vida nessa direção, o nosso apostolado será, de fato, e já o é, ao menos embrionariamente, “**participação na maternidade espiritual de Maria**”. É o que afirmam as Constituições dos Irmãos Maristas, como eco dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, quando dizem:

“Esta Virgem [Maria] deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens”. (*Lumen Gentium*, capítulo VIII, 65)

Para que Cristo, pela Igreja, nasça também e cresça no coração dos fiéis, foi pedida a participação de Maria. Ela, portanto, dará à luz Cristo, em nós, hoje na medida em que:

- **Vivermos** como Ele viveu (1 Jo 2,6);
- **Ouvirmos** e praticarmos a Sua palavra;
- **Aceitarmos** o premente convite de Maria para o regresso à casa do Pai, escutando a sua voz materna: “Fazei aquilo que Cristo vos disser” (cf. Jo 2,5);
- **Amarmos** a todos sem distinção, tendo, no entanto, no coração, a certeza de que “o Espírito de Deus está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor.” (Lc 4, 18-19);
- **Direcionarmos nossos passos pela certeza** “de que não se pode separar a verdade a respeito de Deus que salva, de Deus que é fonte de toda dádiva, da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e pelos humildes, amor que, depois de cantado no *Magnificat*, se encontra expresso nas palavras e nas obras de Jesus.” (RM 37);
- **“Sangrar o nosso coração:**

- * ao contemplar 50.000 crianças vivendo do lixo;
- * 50.000.000 de pobres no interior da União Europeia
- *diante de uma “lenta” (leia-se “proposital”) realização da Reforma Agrária;
- * presenciando “a Saúde” matando às portas dos hospitais por falta de atendimento;
- * ao ver que “as elites, que historicamente dominaram o Nordeste, continuam tirando de nossa população aquilo que é mais sagrado para nossa vida de cidadãos, filhos e

filhas de Deus:

- fecharam para o povo e monopolizaram o acesso à terra e à água;
- roubaram das crianças e dos jovens a possibilidade de estudar e de conhecer;
- impediram nossas famílias de morar dignamente e gozar de saúde;
- tentaram manipular os anseios e a autonomia de nossas organizações;
- anestesiaram nossas consciências com seus meios de comunicação;
- penetraram na alma de homens e mulheres e arrancaram de lá o sonho da liberdade e da dignidade.

Hoje, dilapidando o patrimônio público e a riqueza do país, construídos com o nosso suor, fazem do trabalho a mercadoria mais rara e da comida um privilégio de poucos. Em nome de uma integração ao mercado global, desmontam conscientemente a nação e cinicamente submetem milhões de Nordestinos e Brasileiros a uma vida sub-humana.” [...]

Em Caná – pela sua fé e a sua caridade –, Maria faz nascer Cristo nos corações que ouviram sua palavra: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Maria convidava os servos – como nos convida hoje – a se colocarem nas mãos de Jesus, disponíveis à sua vontade.

Paulo VI assim comentava essa passagem:

“A sigilar esta nossa Exortação e como um ulterior argumento em favor do valor pastoral da devoção à Virgem Santíssima, para conduzir os homens a Cristo, sejam aquelas mesmas palavras que Ela dirigiu aos servos das bodas de Caná: ‘Fazei o que Ele vos disser’ (Jo 2, 5). Palavras estas limitadas, na aparência, ao desejo de achar remédio para uma complicação surgida no decorrer do convívio; mas que, na perspectiva do Quarto Evangelho, são realmente palavras em que parece repercutir-se o eco da fórmula usada pelo Povo de Israel para sancionar a Aliança sinaíta (cf. Ex 119, 8; 24, 3.7; Dt 5, 27), ou para renovar os compromissos da mesma (cf. Is 24, 24; Esd 10.12; Ne 5, 12); e palavras, ainda, em que há uma consonância admirável com aquelas outras do Pai, quando da teofania do monte

Tabor: “OUVI-O” (Mt 17, 5)”. (Exortação Apostólica Marialis Cultus do Santo Padre Paulo VI, nº 57)

Como observam alguns exegetas, a revelação de Caná (Jo 2,1-12) foi escrita à luz da “**teofania do Sinai**” (Ex 19, 1-9). Não escapa a ninguém a afinidade existente entre a fórmula da promessa de Israel: “**FAREMOS TUDO O QUE DISSE O SENHOR**” (Ex 19, 8) – a ordem do Ressuscitado: “**ENSINANDO A OBSERVAR TUDO O QUE VOS MANDEI**” (Mt 28, 20) – e as palavras de Maria aos serventes das Bodas de Caná: “**FAZEI TUDO O QUE ELE DISSER**” (Jo 2,5).

Aquilo que João coloca nos lábios da Mãe de Jesus, Mateus o apresenta como missão confiada pelo Cristo aos Apóstolos, isto é, à Igreja. Maria e a Igreja se encontram na mesma função de conduzir os homens à obediência do Evangelho de Cristo. Maria e a Igreja remetem-nos à única lei que salva: a palavra de Cristo (cf. Jo 6, 68).

O convite de Maria aos servos das Bodas de Caná pode ser considerado como o seu testamento espiritual. São as últimas palavras que os Evangelhos nos transmitiram dela. Maria não mais falará. Já disse o essencial. Sua tarefa, não é, a de abrir as janelas quando Cristo parece fechar as portas. Como “Mãe” da e na Igreja, ora e intercede para que seus filhos abram incessantemente o coração às palavras “sérias”, mas libertadoras, do Senhor Jesus. São “palavras de vida eterna” (Jo 6, 68)

HOJE, OS SERVOS DAS BODAS SOMOS NÓS...

Na escola de Maria, no exercício de sua missão materna, podemos aprender:

1. CANÁ: A AUDAZ INICIATIVA DE MARIA

A audácia da fé de Maria, em Caná, está sobretudo no fato de crer que o Filho mesmo que até então não tivesse realizado nenhum milagre, poderia realizá-lo. A Maria se aplicam as palavras do Filho pronunciadas depois da Ressurreição, no diálogo com Tomé: “**FELIZES OS QUE NÃO VIRAM E CRERAM!**” (Jo 20, 29). O Evangelista diz que os discípulos acreditaram depois do milagre (cf. Jo 2, 11 “... e os discípulos creram nEle”). O mérito de Maria está em ter acreditado antes do milagre. A sua fé a impulsiona a cooperar ativamente na revelação do Messias, ao mundo. A nós igual audácia.

2. CANÁ: A FÉ QUE SUSCITA A COOPERAÇÃO, A SOLIDARIEDADE

A fé em Cristo suscita o desejo de cooperar na sua obra; é um dos ensinamentos de Caná.

A aspiração de Maria para que o Salvador “se revele” deve ser a mesma de cada um de nós. Quando se acredita em Cristo, procura-se espontaneamente favorecer a difusão do seu influxo no mundo.

Assim como a Virgem aproveita a ocasião da “falta de vinho” para solicitar um “sinal”, todos nós estamos convidados a aproveitar de todas as ocasiões para contribuir nas “manifestações do poder e da bondade de Cristo”.

Em cada situação de carência ou de miséria, devem todos reagir com mais fé, pedir ao Salvador de intervir e, na medida do possível, levar o testemunho da generosidade. Expressando a sua fé, esforçar-se-ão em comunicá-la aos outros. Maria os ajudará a pronunciar uma palavra de fé capaz de suscitar nos outros a confiança no Senhor da História, que dá soluções decisivas aos problemas humanos. O exemplo de Caná encoraja a todos na convicção de sua importante missão de cooperar na obra da salvação e que, pela firmeza da fé, essa missão pode realizar-se com grande eficácia. Maria faz-lhes compreender o que podem obter as iniciativas audazes. Estarão, assim, fazendo Cristo nascer em ambientes talvez inexplorados, “onde a espera de Cristo se revela na pobreza material e espiritual.” Assim como Cristo “quis necessitar” de Maria e da sua fé para a realização do primeiro “sinal” (milagre), assim também continua a pedir a ajuda dos homens e mulheres de hoje, para a difusão dos dons divinos, na humanidade. *“Esta é a razão porque em sua obra apostólica a Igreja se volta para aquela que gerou a Cristo, por isso concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem para que pela Igreja nasça também e cresça nos corações dos fiéis.”* (Carta Encíclica Redemptoris Mater, João Paulo II, nº 28)

3. CANÁ: FÉ E CARIDADE ANDAM JUNTAS

Na sua iniciativa, Maria fora “tocada” simultaneamente pela fé e pela caridade. Queria ajudar os esposos a sair daquela situação embaraçosa. Sua fé em Jesus era uma fé na bondade que se compadece e auxilia, isto é, no amor misericordioso.

Melhor do que ninguém, Maria conhecia o coração do Filho, sensível a todas as misérias humanas. Não é Ela a “MÃE DA MISERICÓRDIA”?

“Maria, portanto, é aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Nesse sentido chamamos-lhe Mãe da misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina misericórdia. Em cada um desses títulos há um profundo significado teológico, porque exprimem a particular preparação da sua alma e de toda a sua pessoa, para torná-la capaz de descobrir, primeiro, através dos complexos acontecimentos de Israel e, depois, daqueles que dizem respeito a cada um dos homens e à humanidade inteira, a misericórdia da qual todos se tornam participantes,

segundo o eterno desígnio da Santíssima Trindade, 'de geração em geração' (Lc 1, 50), (Carta Encíclica Dives in Misericordia, João Paulo II, nº 9)

Esses títulos que atribuímos à Mãe de Deus falam dela sobretudo como Mãe do Crucificado e do Ressuscitado, dAquele que, tendo experimentado a misericórdia de um modo excepcional, 'merece' igualmente tal misericórdia durante toda a sua vida terrena e, de modo particular, aos pés da cruz do Filho. Tais títulos dizem-nos também que Ela, através da participação escondida e, ao mesmo tempo, incomparável na missão messiânica de seu Filho, foi chamada de modo especial para tornar próximo dos homens o amor que o Filho tinha vindo revelar: amor que encontra a sua mais concreta manifestação para com os que sofrem, os pobres, os que estão privados de liberdade os cegos, os oprimidos e os pecadores, conforme Cristo explicou referindo-se à profecia de Isaías, ao falar na sinagoga de Nazaré (Lc 4, 18) e, depois, ao responder à pergunta dos enviados de João Batista (Lc 7,22)."

Os fiéis têm como missão testemunhar essa bondade de Cristo, assim como de implorá-la nas situações dolorosas, dedicando especial atenção aos mais necessitados.

4. CANÁ: PERSEVERAR NA FÉ

A atitude de Maria em Caná é modelo de perseverança na fé, diante de quaisquer obstáculos.

Quando os cristãos se deparam com obstáculos ou têm a impressão de que Deus não está disposto a atendê-los naquilo que pedem – "A NOITE DA FÉ" – devem voltar-se para a Virgem de Caná para Nela e com Ela encontrarem um sustentáculo à sua fé. É preciso aprender a ser perseverante na fé...

Maria exorta a crer naquele que chama, a não abandonar nunca essa fé e a solicitar com perseverança o que desejam para a vida pessoal e para a missão. "... enchei-vos de confiança, "EU VENCI O MUNDO!" (Jo 16, 33). A fé é que possibilita a geração do Cristo hoje nos corações dos fiéis. Desse modo, participamos da maternidade espiritual da Virgem.

Em CANÁ, além de Mãe, Maria aparece como a discípula que prepara e antecipa o primeiro dos "SINAIS" messiânicos do Filho e dispõe os discípulos a acreditarem no Senhor.

A compaixão pelo casal é o elemento humano que ilumina a ação orante da Mãe. Na Igreja, Maria continuará a ser aquela que mostrou-se em Caná.

Movida pela compaixão, pela indigência humana, continuará a predispor o coração dos homens e mulheres de hoje à fé na Palavra de Cristo.

“Todo serviço que Maria presta aos homens consiste em abri-los ao Evangelho e convidá-los a obedecer-lhe (o Senhor): “FAZEI O QUE ELE VOS DISSER” (Jo 2, 5)” (*Puebla* 300).

E João Paulo II, no seu comentário das Bodas de Caná, como que resume o anteriormente exposto. Eis o texto:

“... é particularmente eloquente aquele texto do Evangelho de São João, que nos apresenta Maria nas bodas de Caná. Maria aparece aí como Mãe de Jesus, que estava nos princípios da sua vida pública: “Celebravam-se umas bodas em Caná de Galileia; e encontrava-se lá a mãe de Jesus. Foi também convidado para as bodas Jesus, com os seus discípulos (Jo 2, 1-2)”. Do texto resultaria que Jesus e os seus discípulos foram convidados juntamente com Maria, quiçá por motivo da presença dela nessa festa: o Filho parece ter sido convidado em atenção à Mãe. É conhecida a sequência dos fatos relacionados com esse convite: aquele “início dos milagres” feitos por Jesus - a água transformada em vinho - que leva o Evangelista a dizer: Jesus ‘manifestou a sua glória e os seus discípulos acreditaram nele’” (Jo 2, 11), (Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, João Paulo II, nº 21).

Maria está presente em Caná da Galileia como Mãe de Jesus e contribui, de modo significativo, para aquele “início dos milagres”, que revelam o poder messiânico do seu Filho. “Ora, vindo a faltar o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: “não têm mais vinho”. E Jesus respondeu-lhe: “Que importa isso, a mim e a ti, ó mulher? Ainda não chegou a minha hora”(Jo 2, 3-4). No Evangelho de São João aquela “hora” significa o momento estabelecido pelo Pai, em que o Filho levará a cabo a sua obra e há de ser glorificado (cf. Jo 7, 30; 8, 20; 12, 23. 27; 13, 1; 17, 1; 19, 27). Muito embora a resposta de Jesus à sua Mãe tenha as aparências de uma recusa (sobretudo se, mais do que na interrogação, se reparar naquela afirmação firme: “Ainda não chegou a minha hora”), mesmo assim, Maria dirige-se aos que serviam e diz-lhes: “Fazei aquilo que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Então Jesus

ordena a esses servos que encham as talhas de água; e a água transforma-se em vinho, melhor do que aquele que fora servido anteriormente aos convidados do banquete nupcial.

Que entendimento profundo terá havido entre Jesus e a sua Mãe? Como se poderá explorar o mistério da sua íntima união espiritual? De qualquer modo, o fato é eloquente. Naquele evento, é bem certo que já se delineia bastante claramente a nova dimensão, o sentido novo da maternidade de Maria. Esta tem um significado que não está encerrado exclusivamente nas palavras de Jesus e nos diversos episódios referidos pelos Sinóticos (Lc 11, 27-28 e Lc 8, 19-21; Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35). Nesses textos, Jesus tem o intuito, sobretudo, de contrapor à maternidade que resulta do próprio fato do nascimento, àquilo que essa “maternidade” (assim como a “fraternidade”) deve ser na dimensão do Reino de Deus, na irradiação salvífica da paternidade do mesmo Deus. No texto de São João, ao contrário, a partir da descrição dos fatos de Caná, esboça-se aquilo em que se manifesta concretamente essa maternidade nova segundo o espírito, e não somente segundo a carne ou seja, a solicitude de Maria pelos homens, o seu ir ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades. Em Caná da Galileia, torna-se patente só um aspecto concreto da indigência humana, pequeno aparentemente e de pouca importância (“Não têm mais vinho”). Mas é algo que tem um valor simbólico: aquele ir ao encontro das necessidades do homem significa, ao mesmo tempo, introduzi-las no âmbito da missão messiânica e do poder salvífico de Cristo. Dá-se, portanto, uma mediação: Maria põe-se de permeio entre o seu Filho e os homens na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. Põe-se de “permeio”, isto é, faz-se de mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe, consciente de que como tal pode – ou antes, “tem o direito de” – fazer presente ao Filho as necessidades dos homens. A sua mediação, portanto, tem um caráter de intercessão: Maria “intercede” pelos homens. E não é tudo: como Mãe, deseja também que se manifeste o poder messiânico do Filho, ou seja, o seu poder salvífico, que se destina a socorrer as desventuras humanas, a libertar o homem do mal que, sob diversas formas e em diversas proporções, faz sentir o peso na sua vida. Precisamente como o profeta Isaías tinha predito acerca do Messias, no famoso texto a que Jesus se refere na presença dos seus conterrâneos de Nazaré: “Para anunciar aos pobres a boa-nova me enviou, para proclamar aos prisioneiros a libertação e aos cegos a vista ...” (cf. Lc 4, 18).

Outro elemento essencial dessa função maternal de Maria pode ser captado nas palavras dirigidas aos que serviam à mesa: “Fazei aquilo que Ele vos disser”. A Mãe de Cristo apresenta-se diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho, como quem indica aquelas exigências que devem ser satisfeitas, para que

possa manifestar-se o poder salvífico do Messias. Em Caná, graças à intercessão de Maria e à obediência dos servos, Jesus dá início à ‘sua hora’. Em Caná, Maria aparece como quem acredita em Jesus: a sua fé provoca da parte Dele o primeiro “milagre” e contribui para suscitar a fé dos discípulos.

Podemos dizer, por conseguinte, que, nessa página do Evangelho de São João, encontramos como que um primeiro assomo da verdade acerca da solicitude maternal de Maria. Essa verdade teve a sua expressão também no magistério do recente Concílio. É importante notar que a função maternal de Maria é por ele ilustrada na sua relação com a mediação de Cristo. Com efeito, podemos aí ler: “A função maternal de Maria para com os homens, de modo algum obscurece ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia”, porque “um só é o mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus” (1Tim 2, 5). Essa função maternal de Maria promana, segundo o beneplácito de Deus, “da superabundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia”. (44) É precisamente nesse sentido que o evento de Caná da Galileia nos oferece, como que um prenúncio da mediação de Maria, toda ela orientada para Cristo e propendente para a revelação do seu poder salvífico.

Do texto joanino transparece que se trata de uma mediação materna. Como proclama o Concílio: Maria “foi para nós mãe na ordem da graça”. Essa maternidade na ordem da graça resultou da sua própria maternidade divina: porque, sendo ela, por disposição da divina Providência, mãe-nutriz do Redentor, foi associada à sua obra, de maneira única, como “amiga generosa” e humilde “serva do Senhor”, que “cooperou [...] na obra do Salvador com a obediência e com a sua fé, esperança e caridade ardente, para restaurar nas almas a vida sobrenatural”. (45) “E esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção... até à consumação perpétua de todos os eleitos”. (46)”.

A solicitude pelos homens e mulheres hoje, o ir ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades, é participação na maternidade espiritual de Maria. É realizar a nossa missão materna.

Sigamos a espiritualidade de São Marcelino Champagnat, – ele que nos aponta Maria como a Boa Mãe –, tão bem resumida nas palavras de João Paulo II:

“Possa a Virgem Maria ser para todos nós ‘nosso recurso ordinário’”, como gostava de dizer na inti-

midade o Padre Champagnat! “Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus”, que a nossa espiritualidade mariana se inspire no mote do novo Santo, para que, por nossa vez, caminhemos todos os dias, com humildade e fidelidade, na via da santidade!

Marcelino Champagnat também nos convida a ser missionários, para fazer com que Jesus Cristo seja conhecido e amado, como fizeram os Irmãos Maristas, indo até à Ásia e à Oceania. Tendo Maria como guia e Mãe, o cristão é missionário e servidor dos homens. Peçamos ao Senhor a graça de termos um coração ardente como o de Marcelino Champagnat para O reconhecer e sermos Suas testemunhas.” (Homília de João Paulo II, em 18 de abril de 1999, durante a solene Canonização de São Marcelino Champagnat)

Na escola de Maria, São Marcelino Champagnat aprendeu a peregrinar acreditando-agindo e agindo-acreditando. É o caminhar fecundo dos que amam.

São Marcelino Champagnat foi fecundo porque, caminhando de mãos dadas com a Mãe da Misericórdia, fez experiência materna do Amor Misericordioso do Pai, que nos impulsiona a uma constante atenção aos Irmãos e Irmãs, no amor.

E HOJE O MUNDO NÃO NOS PEDE MENOS QUE ISSO.

28º dia com Champagnat

NO RITMO DE CHAMPAGNAT (Texto-memória)



“Os pobres e os jovens constituem a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina e SUA EVANGELIZAÇÃO É, por conseguinte, PRIORITÁRIA”

(Puebla 1132).

INTRODUÇÃO

O Michaelis registra: Ritmo. Mus. Modalidade de compasso que caracteriza uma espécie de composição.

NO RITMO DE CHAMPAGNAT = tal qual a composição elaborada por Champagnat; características de tal composição.

1. QUAL A COMPOSIÇÃO ASSINADA POR CHAMPAGNAT?

A educação integral. O bom cristão e o virtuoso cidadão, com atenção especial aos mais necessitados. “É necessário saber que o desporto não é apenas um fator de divertimento e de descontração, mas, também, mesmo quando disso não vos recordais, uma ocasião importante de formação e de virtude.”

Caríssimos educadores,

Esta é a OLIMPÍADA DA CANONIZAÇÃO DE SÃO MARCELINO JOSÉ BENTO CHAMPAGNAT. A canonização de um santo é um grito de eclesialidade, de catolicidade. São Marcelino Champagnat não é propriedade dos maristas, mas de todo o Povo de Deus. Consequentemente, todos podem e devem beber da espiritualidade marista. O *slogan* da canonização alerta nesta direção: “UM CORAÇÃO SEM FRONTEIRAS”. Para entrarmos no ritmo e dançarmos com Champagnat, entremos um pouco na sua intimidade. Diz a Escritura que “todo aquele que ouve minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mt 7, 24). Dificilmente poderíamos encontrar um tema que melhor resumisse a vida de Champagnat e sua lição para nós do que este: “CHAMPAGNAT CONSTRUTOR”. Era frequente na sua vida o que diz o salmista: “Se o Senhor não construir a casa, inútil será o trabalho dos construtores” (Sl 127). Acreditar como obra de Deus a urgência de uma educação integral das crianças e jovens, a ela entregar-se com o ardor e a competência de um “construtor” e, ao mesmo tempo, não pensar ser elemento indispensável, eis o segredo daquele que há poucos dias a Igreja proclamou para o mundo inteiro que ele (São Marcelino Champagnat) não construiu em vão.

Champagnat construiu sobre a rocha porque o Senhor construía com ele. Formou um grupo de educadores-religiosos convicto de que eles contavam, pouco, Maria era quem tudo havia feito entre eles. Essa dimensão mariana em Champagnat é profundamente eclesial e cristológica:

“... tudo no Instituto deve pertencer a Maria, tudo deve ser usado para a sua glória. Amar a augusta Rainha, servi-la, propagar-lhe o culto de acordo com o espírito da Igreja, como excelente meio para amar e servir mais fácil e perfeitamente a Jesus Cristo, foi a finalidade a que se propôs ao fundar a Congregação” (Vida, pág. 317, Edições Loyola).

2. CARACTERÍSTICAS DA COMPOSIÇÃO

“A espiritualidade legada por Marcelino Champagnat é marial e apostólica” (C 7). Consequentemente, a formação “do bom cristão e do virtuoso cidadão” deve estar impregnada do ardor do “apóstolo-construtor” e da presença mariana.

2.1. COMO RESGATAR O ESPÍRITO MARIAL, FUNDAMENTO DA PEDAGOGIA MARISTA.

Para captar a fonte na qual Champagnat concebeu as linhas da sua proposta educativa, é necessário entrar na Casa de Nazaré, conviver com a família, não entender todo o “mistério” que envolve esse lar e, pelo fato mesmo, aprender “a conservar a lembrança de todos os fatos meditando no coração” (cf. Lc 1, 19; 2, 51) . O mistério da encarnação – José, Maria e Jesus – dimensiona o carisma de Champagnat. amor, simplicidade, constância, trabalho, vida de família, presença, solidariedade, exílio, política, cidadania... é aprendizagem a ser vivenciada na intimidade dessa Família Sagrada. ESSA EXPERIÊNCIA DE FAMÍLIA DEVE SER APROFUNDADA NO DIA A DIA.

“Prezados Irmãos, [EDUCADORES] entre as riquezas de nossa herança, a mais preciosa é nossa característica marial. Não duvidamos de que Maria nos tem amor especial e de que ela realiza maravilhas em nossos trabalhos e em nossa vida. Nunca está longe de nós. Ela passou também por todas as alegrias e tristezas que conhecemos. Está em nosso meio pronta para doar-se agora, como prestou seus serviços a Jesus e à Igreja primitiva. Ela sempre assumiu lugar especial no coração de nossa família; nossa carinhosa Boa Mãe unindo, sarando e reconciliando; nosso Recurso Ordinário que nos ouve, vem ao encontro das nossas precisões, cuidando do que precisamos em nossa vida. [...]

“Não deixemos escapar nenhuma ocasião de compartilhar esse tesouro com nossos Irmãos, [EDUCADORES] sentindo a alegria de dar a conhecer nossa Mãe para que seja amada por todos” (Ir. Charles Howard, Veranópolis, 12/10/89).

Uma olimpíada é uma ocasião desse anúncio, através da música, da dança, do teatro e do esporte.

O Pe. Champagnat dizia ao Ir. Luís:

“É possível olhar para a estátua da Virgem sem recordar o mistério inefável da Encarnação?” (*Biographies*, 24; Tradução para o português – *Em cada vida uma mensagem*, 19).

“No ensino e educação das crianças referirão/tomarão/propor-se-ão o exemplo da Santíssima Virgem educando e instruindo o santo Menino Jesus, lembrando-se de que foi sob a proteção e os olhares de Maria que este adorável Filho cresceu em sabedoria, idade e graça, diante de Deus e dos homens. Cultivarão a humildade, a doçura, a caridade, o devotamento e as santas disposições com as quais a divina Mãe cuidou do divino Filho, a fim de merecerem que seus alunos se formem na virtude, cresçam em idade, graça e piedade, sob sua inspiração” (Regras Comuns do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria, 1852, Cap. VI, 9). O mesmo texto foi mantido até 1968, quando seu conteúdo vem apresentado em artigos diversos.

“O modelo proposto ao educador marista é o mais expressivo e eficaz: ‘Maria em Nazaré, educando o Menino Jesus’. [...]

Maria, educadora do Cristo, está também à escuta do que lhe ensina seu Filho: ‘E ela conservava todas essas coisas em seu coração’; ela cresce, ajudando a crescer. Como educadores, temos tanto a receber quanto a dar; não possuímos a verdade toda, mas o que temos partilhamos com o educando, fazendo com ele um pedaço de caminho na alegria serena e no amor à vida.” (IRMÃOS MARISTAS HOJE. Mensagem do XII Capítulo Geral, 1976, 16).

“Maria, educadora de Jesus em Nazaré, inspira nossas atitudes para com os jovens. Nossa ação apostólica é participação em sua maternidade espiritual. (...)

Orientamos o coração dos jovens para Maria, a perfeita discípula de Cristo; fazemo-la conhecida e amada como caminho para ir a Jesus. Confiamos-lhe aqueles por quem somos responsáveis; levamos-los a rezar muitas vezes a essa Boa Mãe e a imitá-la” (C 84).

CONCLUSÃO

Para dançar ao ritmo de São Marcelino Champagnat, essa Olimpíada deve estar atenta às dimensões:

- jovens e pobres são os preferidos;
- “construir educação” é ato solidário, é ato de família;
- Jesus é o “construtor-educador” por excelência;
- Maria, a “Boa Mãe”, a nos advertir sempre: “Fazei o que Ele [o construtor – educador] vos disser”.

Tudo isso será realidade se nos engajarmos “de corpo inteiro” – todos: crianças, jovens e adultos –, como uma grande família, como um “Baile na fazenda”.

SÃO MARCELINO CHAMPAGNAT, ensinaí-nos a ser “construtores” do Reino.

29º dia com Champagnat

SÃO JOSÉ E O INSTITUTO MARISTA

O testemunho do seu primeiro biógrafo:



“Com muito fervor celebrou o mês de São José, para obter a graça de uma boa morte. Todos os dias rezava a ladainha do santo esposo de Maria. Quando não conseguia mais rezá-la sozinho, nos últimos dias, quis que um Irmão a rezasse junto à sua cama. No dia da festa deste grande santo, após a bênção do Santíssimo, declarou que a dava pela última vez em tal data” (Vida, pág. 212, Edições Loyola).

Lemos também na Circular de 13 de janeiro de 1839, assinada pelo fundador:

“Quem poderia depois de Maria expressar melhor tudo o que estamos sentindo? Não é o grande São José, aquele homem seráfico?!

Persuadidos desta verdade, aqui na casa mãe, no fim da santa Missa, rezamos durante nove dias as Ladainhas de São José, depois do canto do Salmo “*Laudate Dominum*”. Exorto-os a fazer a mesma novena, assim que tiverem recebido a presente Circular. Podem fazê-la no momento do dia que melhor lhes convier” (Carta Circular 238).

E, no seu Testamento Espiritual, a recomendação:

“Juntai, à devoção de Maria, a devoção ao glorioso S. José, seu digníssimo esposo. Vós sabeis que ele é um dos nossos primeiros patronos”.

Os Pequenos Irmãos de Maria souberam registrar nas Constituições:

“Com José, o carpinteiro, ela convive com as pessoas simples de Nazaré (Constituições 30).

Conforme a vontade do Fundador, honramos SÃO JOSÉ, PRIMEIRO PATRONO DO INSTITUTO.⁴⁸ Ele nos ensina o esquecimento de si próprio no serviço. Rogamos-lhe nos faça partilhar de seu amor a Jesus e a Maria (Constituições 76).

O autor do livro sobre avisos, lições, sentenças e instruções do Pe. Champagnat afirma:

“Os Pequenos Irmãos de Maria sempre professaram grande devoção a São José, glorioso esposo de Maria. A Santíssima Virgem, dizia o Fundador, é nossa Mãe, e São José, nosso primeiro patrono. Ele desejava, desde o princípio, que os Irmãos se colocassem todos os dias sob a sua proteção e a ele se consagrassem pela oração: GLORIOSO SÃO JOSÉ EU VOS ESCOLHO HOJE COMO MEU PARTICULAR PATRONO, o qual faz parte dos nossos exercícios de piedade. Tempos depois, para as casas do Noviciado acrescentou ao terço as ladainhas deste grande Santo. A festa de São José foi sempre celebrada com muita devoção no Instituto. O capítulo geral de 1860 prescreveu como feriado em todas as casas de Noviciado, e que deveria ser celebrada com a mesma solenidade que as da Virgem” (*Sentences, Leçons, Avis ou Avis, Leçons, Sentences Et Instructions Du Père Champagnat, Expliqués Et Développés Par Un De Ses Premiers Disciples*).

⁴⁸ALS 103; TE; L 238, 15-21

DOCUMENTO DO XXI CAPÍTULO GERAL

Recordemo-nos de Maria e José fugindo rapidamente para o Egito a fim de proteger o Menino Jesus. Essa imagem nos inspira a converter-nos em peritos e defensores dos direitos de crianças e jovens de maneira valente e profética, nos espaços onde são definidas as políticas públicas (p. 23).

No livro *Solide Piété* edição de 1863, p. 470, encontramos a “Oração de um Irmãozinho de Maria a São José (Prière D’un Petit Frère De Marie A Saint Joseph). Transcrevemos:

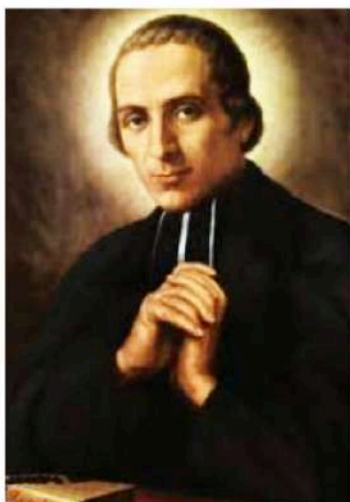
São José, meu glorioso patrono, vós que sois todo poderoso junto a Jesus e Maria, dignai-vos ouvir a oração que vos faço, e obter-me todas as graças que me são necessárias para tornar-me um santo religioso. Obtende-me, sobretudo: ser preservado do pecado mortal, uma grande fidelidade à graça, o dom da piedade, o espírito de Jesus, uma confiança ilimitada em maria, a dedicação e a capacidade para bem educar as crianças, o amor da vida oculta, uma vocação fiel e uma morte santa. Ó grande santo, vós que vos distinguistes em todas as virtudes, obtende-me a graça de vos imitar e de amar, como vós, a obediência. A humildade, o recolhimento, o santo exercício da presença de deus, a pureza de intenção, a fim de que minha vida seja cheia de méritos, e que eu a utilize inteiramente para glorificar a Deus e tornar conhecidos Jesus e Maria. Amém.

A essa oração segue a “Consagração a São José”, A oração a São José (transposição da Ave Maria) e a “Ladainha de São José”.

MARISTAS, não é chegado o momento de recuperar essa presença de São José em nossas comunidades?

30º dia com Champagnat

COURVEILLE, CHAMPAGNAT E A SOCIEDADE DE MARIA



Seria inconcebível pensar Champagnat e os Irmãos de Maria sem a Sociedade de Maria.

Champagnat recebe de Courveille o anúncio do projeto da Sociedade e dá sua adesão; é cofundador, é religioso professo, concebeu sempre os Irmãos como um “**ramo**” da Sociedade:

“Faz quinze anos que estou comprometido com a Sociedade de Maria, cujo crescimento está nas mãos do senhor. Em momento algum duvidei de que Deus queria esta obra, nestes tempos de incredulidade. Rogo-lhe que me faça saber que esta obra não é de Deus, ou então queira favorecer cada vez mais seu desenvolvimento.

A Sociedade dos Irmãos não pode de jeito nenhum ser considerada como a Obra de Maria, mas apenas como um ramo acrescido da mesma Sociedade” (Carta nº 11, 18 de dezembro de 1828).



Jean-Claude Courveille, fundador da Sociedade de Maria e religioso beneditino, nasceu em 15 de março de 1787. Durante a Revolução, seus pais escondem a milagrosa imagem de Notre-Dame de Chambriac, diante da qual a família fazia as orações.

Aos 10 anos de idade, contraiu a varíola, que, provocando lesões na córnea, deixa-o praticamente cego. Por essa razão, não era possível seguir normalmente os estudos.

Aos 18 anos – em 26 de abril de 1805 –, perde o pai.

Em 1809, é milagrosamente curado da “**cegueira**”, na Catedral do Puy e, no ano seguinte, decide consagrar-se ao serviço de Maria.

Em 15 de agosto de 1812, na Catedral do Puy, Courveille tem a certeza de que a Virgem quer uma sociedade com o seu nome. Esta “**revelação ou inspiração do Puy**” será o marco referencial ou a célula-mater da Sociedade de Maria.

Na festa de Todos os Santos de 1812, entra na classe de filosofia do Seminário do Puy. Em 1814, por ocasião da tonsura, a diocese de Lião o reclama, pois, com a Concordata, sua paróquia passara a Lião.

Entra no Seminário de Santo Irineu de Lião em 1814, para o segundo ano de teologia. Encontra na mesma classe, entre outros, Jean-Claude Colin, Champagnat, Déclas e Terraillon, divulgando aí o seu projeto. Courveille contata pessoalmente Champagnat. Alimenta a ideia por meio de frequentes reuniões com os primeiros convocados.

A base do projeto apresentado aos colegas está na “**revelação do Puy**”.

O texto que se conhece é do próprio Courveille, escrito 40 anos depois. Naturalmente, ao revelar aos companheiros, o colorido era bem diverso e entusiasmante do que na sua posterior forma literária.

Eis o texto:

“... ouvi, não com os ouvidos do corpo, mas com os do coração, interiormente, porém, distintamente... Eis... o que desejo. Como sempre imitei meu Divino Filho em tudo e o segui até ao Calvário, tendo ficado aos pés da cruz quando ele entregava a vida pela salvação dos homens, agora que me encontro na glória com ele eu o imito no que ele fez sobre a terra por sua Igreja, da qual sou a protetora e semelhante a um poderoso exército para a defesa e a salvação das almas. Como, nos tempos de uma horrível heresia que deveria subverter toda a Europa, ele suscitou seu servo Inácio para organizar uma sociedade que levaria seu nome, denominando-se Sociedade de Jesus, e os que a ela se filiassem, jesuítas, para combater contra o inferno que se desencadeava contra a Igreja de meu divino

Filho, desejo que, nestes últimos tempos de impiedade e de incredulidade, haja também uma sociedade que tenha o meu nome e se chame Sociedade de Maria, e os que a ela se filiarem se chamem Maristas, para lutar contra o inferno” (palavras do Pe. Courveille).

Étienne Déclas (1783–1868), o primeiro a quem Courveille comunica “o projeto”, afirma que o projeto fora apresentado em dois momentos, onde a dimensão missionária está na imitação do célebre missionário S. François Régis, e o aspecto mariano, no paralelo com a Sociedade de Jesus.

Étienne Terraillon (1791–1869), recebe por meio, através de Déclas a comunicação do “**projeto Courveille**” e dá sua adesão. É ele quem “**ajuda a missa**” de Courveille em Fourvière, em 23 de julho de 1816. Em 1826, é ele quem “descobre” os desvios morais de Courveille e o aconselha a ir à Trapa.

Em 9 de setembro de 1845, ele é o único “**do grupo inicial**” que não vai pedir ao Superior-Geral Colin para renunciar à ideia de demissão.

Para Terraillon, a intuição de Courveille estava no paralelo: sociedade de Jesus-Sociedade de Maria, apoiado no uso dos dois altares.

Jean-Claude Colin (1790–1875), embora admitindo o paralelo entre jesuítas e maristas, o que realmente o impressiona mais na mensagem é o paralelo entre a missão de Maria na origem e nos últimos tempos da Igreja.

O paralelo Sociedade de Jesus – Sociedade de Maria aparece na forma de consagração dos aspirantes maristas, em Fourvière, no dia 23 de julho, data oficial da fundação:

“Omnia ad majorem Dei gloriam et Mariæ Genitricis Domini Iesu honorem”.

É a divisa habitual, característica de Courveille.

É verdade que a adição do nome de Maria à fórmula inaciana “*Ad majorem Dei gloriam*” já se fazia nas congregações marianas. No entanto, a fórmula precisa, como aparece no ato de engajamento, é característica de Courveille. Esse é um dos dados, a favor da atribuição do texto de engajamento a Courveille.

Essa divisa, que Champagnat colocará no início da resolução de 1818 e no frontispício da regra dos Pequenos Irmãos de Maria de 1817, aparecerá ligeiramente modificada nas Constituições dos Padres, em 1868, como aparecera no Summarium de 1833; é o programa da Sociedade de Maria.

O formulário de engajamento dos primeiros aspirantes maristas contém uma das melhores sínteses do que constitui sua missão e seu espírito.

Ao final da “**consagração ou engajamento**”, os aspirantes afirmam o desejo de trabalhar “... *sub augustissimo nomine Virginis Mariae ejusdemque auspiciis*”.

“*Sub nomine*” poderia estar em relação com o combate sob o estandarte de Maria. Enquanto “*auspiciis*” lembraria poder, autoridade. Assim sendo, a fórmula de engajamento com o seu “*auspiciis*” já lembrava aos signatários, o que Courveille expressará em 1826, referindo-se ao Superior da Sociedade:

“... todos tenham um grande respeito por ele (o Superior), olhando-o como Nosso Senhor, e ocupando o lugar de Nossa Senhora...”

“... *que tous aient pour lui un grand respect, le regardant comme notre Seigneur, et leur tenant la place de Notre-Dame...*”

Champagnat, respondendo em 1831 a um pedido de admissão, usa a expressão “**Maria... Primeira Superiora**”, e, no mesmo ano, mas, posteriormente, Colin estabelece Maria como Superiora do Seminário de Belley. O Irmão João Batista coloca, no ano de 1819 (1818 para outros), a mais antiga referência a Maria Superiora, quando reporta-se ao Ir. Luís, diretor da escola de Marllhes:

“Devotíssimo de Maria, o Ir. Luís escolheu-a como superiora da casa e quis ser considerado apenas como seu administrador. Era incansável no empenho em fazer amar essa divina Mãe e incutir sua devoção na alma dos jovens. Todas as semanas fazia uma instrução sobre o assunto⁴⁹ e a ele voltava em todas as oportunidades” (Vida, pág. 80, Edições Loyola).

Seria realmente uma evolução do “*auspiciis*”, ou este já evocava o que era comum nas reuniões do Seminário, isto é, quando enfocavam a pertença a Maria como fundamental para a Sociedade em embrião, já a consideravam Superiora? Recordamos que Champagnat já usava no Seminário o “**Mês de Maria de Lalomia**”, no qual a expressão Maria Superiora estava presente. É muito provável que os aspirantes desde então vissem em Maria a sua Superiora. É uma hipótese com probabilidade de ser verdadeira.

⁴⁹A catequese marial é ainda ministrada pelos Irmãos aos jovens de hoje (Constituições e Estatutos, art. 84. 1, 1986).

A consagração ou o engajamento foi pronunciado em Notre-Dame de Fourvière no dia seguinte à ordenação sacerdotal, ou seja, 23 de julho de 1816, e todos comungaram das mãos de Courveille, quem oficiara a Missa. Essa é a data oficial da fundação.

Após essa celebração, inicia-se a diáspora.

Courveille é nomeado coadjutor em Verrières. Nesse período, falece sua mãe. Parecem ser da mesma época os planos para a **“Ordem Terceira”**.

É transferido em 1817 a Rive-de-Gier, depois de uma nomeação anulada para Bourg-Argental. Ali permanece dois anos e se preocupa dos diferentes ramos do projeto da Sociedade, mantendo sempre contato com os Irmãos Colin (Jean e Pierre), em Cerdon; comprando em sociedade com Champagnat a primeira casa dos Irmãos maristas, em La Valla e decidindo que algumas *“institutrices”* reunidas por M. Lancelot se façam Irmãs maristas, ao mesmo tempo em que forma o grupo em Saint-Clair. Quando transferido em 1819 a Épercieux, continua a dirigir as religiosas.

Apresenta-se ao clero como Superio-Geral.

Assinou a carta dirigida ao Papa Pio VII, em 25 de janeiro de 1822, como Superior-Geral. Assinavam também os Irmãos Colin. Como consequência, o Papa responde, em 9 de março de 1822, ao ***“Dilecto Filio Cognominato Courveille”***.

Essa carta de Pio VII é considerada pelo *“Annuario Pontificio”* como sendo o ***“Decret. Lod.”*** E, esteve no centro das controvérsias sobre o papel de Courveille na origem da Sociedade. Jean-Claude Colin, somente em 1870, pressionado pela comunicação do Pe. Choizin, confessa, pela primeira vez, que a carta era endereçada realmente a Courveille e que ele, Colin, havia rasgado a parte onde se lia: ***“Dilecto Filio Cognominato Courveille”*** (cf. *Origines Maristas*, por Coste-Lessard, Roma, 1960-1967, vol. III, 393-394; 420).

Com a chegada de M. de Pins, a Lião, Courveille é autorizado – 12 de maio de 1824 – a unir-se a Champagnat, para ajudar na obra dos Irmãos.

No mês de maio de 1826, depois ***“d’une affaire de mœurs”***, deve retirar-se a Aiguebelle. É a partir dessa data que o projeto se centraliza em Jean-Claude Colin.

Depois de peregrinar em várias dioceses, Courveille entra em Solesmes, em 1836, e professa no dia 21 de março de 1838, tornando-se monge beneditino. Aí se imola **“na oração e contrição”** pela Sociedade de Maria, como prometera em 1826. Foi orientado pelo célebre Dom Guéranger, então Prior do Mosteiro.

Permaneceu em Solesmes por quase 30 anos, até à morte, levando vida penitente e santa. Faleceu em 25 de setembro de 1866.

Resumindo, pode-se afirmar sobre Courveille:

A ele se deve a ideia original da Sociedade de Maria.

A divisa da Sociedade é de sua autoria.

Foi ele que celebrou, em 23 de julho de 1816, em Notre-Dame de Fourvière, quando o grupo dos aspirantes maristas fez a promessa de estabelecer a Sociedade de Maria.

A fórmula de engajamento dos primeiros aspirantes, e que é ainda hoje a melhor síntese do espírito e da missão da Sociedade, é de sua autoria.

O nome maristas foi por ele sugerido.

A ele se deve o nome de *“Notre-Dame de l’Hermitage”*.

Foi ele que ajudou economicamente o Pe. Champagnat na compra da casa de La Valla e o terreno de l’Hermitage.

Os seus problemas de comportamento o impediram de continuar na Sociedade de Maria.

Como beneditino na Abadia de Solesmes, ofereceu sua vida para que o Senhor abençoasse a obra de Maria.

É difícil não dar-lhe o título de fundador que a **“história oficial”** lhe nega até hoje.

Maristas, não se envergonhem dos pecados do seu legítimo fundador Courveille. É bom sempre recordar que, como Igreja, estamos edificadas sobre **“uma pedra”** que **“renegou”** Cristo em modo oficial.

A seguir, o texto, na íntegra, da Consagração ou Engajamento dos aspirantes maristas, pronunciado em 23 de julho de 1816, em Fourvière.

Eram 12, como 12 estrelas circundando a Virgem do Apocalipse.

A promessa, com a assinatura de todos, foi colocada entre a pedra do altar e o corporal. No seu papel de fundador, Courveille rezou a missa e todos receberam dele a comunhão.

Eis o texto:



“Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Tudo pela maior glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Nós, abaixo assinados, no desejo de trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos e declaramos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, desde que isso seja possível, à instituição da mui dedicada congregação dos maristas.

Portanto, pelo presente ato e pelas nossas assinaturas, nós nos consagramos irrevogavelmente com tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da Santa Virgem. Tomamos esse compromisso não de modo leviano e como inconscientemente, não por motivação humana ou na esperança de ganho material, mas com seriedade e como homens maduros, depois de nos termos aconselhado e de termos pesado todas as coisas diante de Deus, unicamente pela glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Comprometemo-nos, a despeito de todos os dissabores, trabalhos e sofrimentos, e, se necessário, a despeito das torturas, dispostos a tudo fazer naquele que reconforta, Jesus Cristo, a quem prometemos fidelidade, no coração da nossa santa Mãe a Igreja Católica e romana,

ligando-nos com todas as forças ao chefe supremo da sua Igreja, o Pontífice romano, de igual modo ao nosso bispo, para que sejamos bons ministros de Jesus Cristo, nutridos pelas suas palavras e pela verdadeira doutrina que, por favor seu, recebemos, confiantes de que sob o pacífico e religioso governo do nosso rei muito cristão, esta excelente instituição vai nascer. Prometemos solenemente que nos consagraremos, com tudo o que temos, para salvar, por todos os meios, as almas, sob o mui augusto nome de Maria e sob os seus auspícios, aceitando em todas as coisas o julgamento dos nossos superiores. Louvada seja a santa e imaculada conceição da bem-aventurada Virgem Maria. Amém”.



Brasão dos
Padres Maristas

31º dia com Champagnat

IR. FRANCISCO APRESENTA CHAMPAGNAT



Transcrevemos “*ipsis litteris*” a pessoa do Pe. Champagnat, que nos é apresentada pelo Ir. Francisco, seu primeiro sucessor. Um texto a contemplar e rezar...

1. Mesmo depois de morto ele fala (Hebreus 11).

Parece-me ouvi-lo!...

Os mais antigos revivem esta emocionante lembrança...

Nosso bom pai aqui estava no meio de seus filhos...

Quando recordamos esta oração da manhã à qual, todos os dias, assistíamos com ele, esta meditação que ele fazia de maneira tão piedosa, com voz repassada de unção, exterior compenetrado, quantos sentimentos nos invadem!...

Deus permitiu a seu fiel servo que exalasse o último suspiro no exato momento em que, cada dia, entoava a “Salve Rainha” antes da meditação; isso, sem dúvida, como recompensa, mas, também, como piedosa lembrança para seus filhos.

Recordemo-nos também da missa da comunidade que ele celebrava diariamente com tanto recolhimento e espírito de fé! Contemplemos essa vida tão completamente voltada ao ministério da salvação das almas e santificação de seus filhos... Vamos saborear aquela satisfação que ele encontrava nas tarefas mais humildes e mais penosas; pensemos naqueles cuidados constantes, na vigilância incansável, na solicitude toda paternal exercida, algumas vezes em proveito de um único Irmão.

Ele sabia esperar uma alma e provocar seu retorno através de mil artifícios maternos. Sua orientação não consistia em multiplicidade de palavras. Era, muitas vezes, uma carícia paterna, uma palavra, a mesma palavra várias vezes repetida; pronunciada por ele, porém, descia até ao fundo do coração, levando ao arrependimento, ao amor de Deus e ao desejo de progredir. Quantos, junto a ele, recobram a paz, a confiança, a felicidade!

Era firme, sim, sem dúvida; todos nós teríamos tremido ao som de sua voz, a um só de seus olhares. Mas, acima de tudo, era bom, era compassivo, era pai...

Fundando sua Congregação, quis organizar uma família cujo chefe fosse um pai e no qual os Irmãos mais antigos velassem sobre os mais jovens e os protegessem. Sejam, pois, sua família, seus filhos. Amor, respeito e serviço mútuos. Sigamos seus exemplos, deixemo-nos penetrar pelos seus sentimentos, façamo-lo reviver no meio de nós.

2. Dois oficiais, visitando o túmulo de um ilustre guerreiro, após alguns instantes cedidos à emoção, desembainharam as espadas, passaram-nas e repassaram-nas silenciosamente sobre o mármore da tumba, como para embeber-se do espírito militar do chefe que perderam. Imitemos esses homens de guerra: vamos ao túmulo do nosso venerando Chefe, do nosso bom Pai: revivamos em nosso espírito e em nosso coração as circunstâncias de sua vida, de seus sofrimentos e de sua morte para aí sorver algo de seu espírito e de seu coração.

Aqui tudo nos fala dele e ele nos fala em tudo. Moramos na casa que ele construiu e que consideramos como seu grande relicário. É aqui que tanto trabalhou, tanto velou para o bem do Instituto. A Sala de Meditação foi a primeira Capela provisória, onde rezava a Missa, desde que foi possível habitá-la. Foi também seu primeiro quarto. Aí ele nos dava instruções durante o ano e, sobretudo, durante os Retiros. Foi também aí que recebeu os últimos sacramentos e onde, em seguida, nos fez tão comovente alocação.

Rezou, celebrou a Missa e cantou os ofícios nesta Capela construída por ele; comeu neste refeitório, nesta sala. Andou por estes aposentos; visitou os doentes na enfermaria. Palmilhou estes caminhos, cultivou esta terra, plantou estas árvores, fundou este cemitério onde agora tem o seu túmulo. Mas, sobretudo,

santificou este quarto que ele ocupou durante 15 anos, embalsamando-o com suas virtudes; onde recebeu tantos Irmãos, deu tantos bons conselhos, recitou tantas orações, escreveu tantas cartas, meditou coisas, experimentou tantas penas e consolações, até que, finalmente, aí exalou o último suspiro.

Digamos muitas vezes a nós mesmos, nesta casa paterna onde o Pe. Champagnat e seus queridos Filhos praticaram tantas virtudes: Se este bom Pai me visse, se estivesse comigo, como faria eu aquilo que estou fazendo?... Se é uma glória para nós tê-lo tido como pai, sejamos por nossa vez sua glória e sua coroa, segundo a expressão da Sagrada Escritura (Provérbios XVII – I Tessalonicenses II).

[Arquivos Gerais dos Irmãos Maristas – AFM, 505.8, PP 917 (997) – 918 (998). O original apresenta duas numerações.]

O PADRE CHAMPAGNAT VISTO PELO IR. JOÃO BATISTA

O Ir. João Batista foi o primeiro biógrafo do Fundador e por ele encarregado de anotações sobre o Instituto. Seu testemunho é o de quem escreve “vendo Champagnat”.

O Pe. Champagnat⁵⁰ era de estatura alta, aprumada e majestosa; tinha fronte larga, traços fisionômicos bem-definidos, tez morena, aparência grave, comedida e séria. Inspirava respeito e, muitas vezes, ao primeiro encontro, timidez e receio.⁵¹ Bastavam, porém, alguns instantes de contato com ele para que tais sentimentos se esvaíssem, substituídos pela confiança e pelo amor. Sob formas um tanto rudes e um exterior que manifestava algo de severo, ocultava caráter invejável. Tinha espírito de retidão, discernimento seguro e profundo, coração bom e sensível, sentimentos nobres e elevados.

Era de caráter alegre, expansivo, franco, firme, corajoso, ardoroso, constante e equânime. Tais dotes preciosos e magníficos atributos, aperfeiçoados pela graça e realçados por humildade profunda e notável caridade, tornavam-no extremamente amável a seus Irmãos e a todos quantos se relacionavam com ele. Deus, destinando-o a formar mestres para a juventude, dotara-o de caráter eminente-

⁵⁰ O passaporte com data de 22 de agosto de 1836 indica: altura 1m79; cabelos castanhos; fronte descoberta; olhos pardos; boca média; rosto alongado; tez pálida (cf. AFM 140.06).

⁵¹ O Ir. Sylvestre descreve a impressão que causou nele “sua estatura elevada e majestosa, a aparência bondosa e grave, o vulto que exigia respeito, as bochechas magras, os lábios poucos salientes que pareciam querer sorrir, o olhar penetrante e perscrutador, a voz forte e sonora, a palavra nitidamente articulada, sem laconismo, nem prolixidade...” (MEM).

mente apropriado ao ensino. Desse modo, seus Irmãos, nesse particular como no restante, podiam modelar-se por seu exemplo e nele contemplar um protótipo das virtudes e dos predicados necessários a um mestre para realizar o bem no meio das crianças.

Ao temperamento alegre, expansivo, acessível, obsequioso e conciliador é que o Pe. Champagnat deveu, em grande parte, o êxito no ministério sacerdotal e na fundação do Instituto. As maneiras simples e afáveis, os sinais de bondade que lhe transpareciam no semblante, atraíam os corações e dispunham os ânimos a aceitar, sem ressentimentos, e mesmo com alegria, seus conselhos, diretivas e repreensões. “É tão bondoso e sabe arranjar as coisas de tal modo, que a gente não pode furtar-se a fazer o que ele aconselha e quer”, diziam os habitantes de La Valla. Assim também falavam os Irmãos.

O mais admirável no caráter do Pe. Champagnat era a uniformidade. Contradição, provações, cansaços, preocupações da administração de uma comunidade numerosa, com frequência carente de muitas coisas, enfermidades, nada lhe alterava a paz espiritual, nem a serenidade do rosto (Vida, págs. 251-253, Edições Loyola).

ANEXOS

1. BENTO XV – DISCURSO AQUANDO DO DECRETO DA HEROICIDADE DAS VIRTUDES DE MARCELINO CHAMPAGNAT (Ir. Salatiel traduziu)

Foi uma feliz idéia, a que se teve ainda ha pouco de fazer alusão ao evangelho de hoje. Retomando o argumento autorizado do Divino Mestre: *“Arbor Bona Bonos Fructus Facit... arbor mala non postest bonos fructus facere,”* “*árvore boa produz bons frutos...*” “*árvore má não pode produzir bons frutos*”, foi legitimamente possível deduzir, pela quantidade e excelência dos frutos produzidos pelo Instituto dos Irmãozinhos de Maria, que seu fundador, o Venerável Marcelino Champagnat, mereceu ser comparado a uma árvore boa.

Mas esta evocação de uma das passagens do texto Evangélico apropriada para este dia foi para nós tácito convite para relembrar outras não mencionadas pelo autor da mensagem tão cheia de filial devoção que há pouco nos foi lida, por não estarem em consonância com seu objetivo.

E, que surpresa! As primeiras palavras do texto: *“Attendite a falsis prophetis”*, resguardai-vos dos falsos profetas, levam precisamente a ver de onde o Venerável Champagnat hauriu a inspiração de sua obra. Não é sem um amoroso designo da Providência que a Igreja nos faz hoje relembrá-las para que à sua luz apareçam mais brilhantes e mais belas as virtudes de Marcelino Champagnat, que Nosso Decreto proclama heróicas.

Na verdade é suficiente voltar, pelo pensamento, aos inícios do décimo nono Século para sentir-se tocado pelo grande número de falsos profetas aparecidos na França de então, e que de lá visavam estender para outros lugares a perniciosa influência de suas doutrinas perversas. Foram profetas que se pretendiam vingadores dos direitos do povo e promotores de uma era de liberdade, fraternidade e igualdade; e, porque não dizer que eles se apresentavam com aparências de cordeiros, revestidos de ovelha?

Entretanto a liberdade preconizada por aqueles profetas abriam caminho não para o bem, mas para o mal; a fraternidade da qual se faziam apóstolos não via em Deus o Pai comum dos que eles designavam pelo nome de Irmãos, e a igualdade que anunciavam não era fundamentada nem sobre a identidade de origem, nem sobre a comunidade de redenção, nem sobre a paridade de destino entre todos os homens. Eram, que pena! profetas que pregavam uma igualdade

incompatível com a diferença querida por Deus entre as classes sociais; profetas que chamavam de Irmãos a todos os homens, para suprimirem até mesmo a idéia do laço de subordinação que os unia reciprocamente; profetas que proclamavam a liberdade de fazer o mal, de dar às trevas o nome de luz, de confundir o verdadeiro com o falso, de preferir este àquele, de sacrificar ao erro e ao vício, os direitos da razão, da justiça e da verdade.

Não é inoportuno compreender, que olhando-os de perto, aqueles profetas, que se tinham apresentado vestidos de cordeiros, assemelhavam-se por dentro, isto é, na realidade, a lobos rapaces: ***“Qui veniunt ad vos cum vestimentis oviun! Intrinsecus autem sunt lupi rapaces”***.

E por que ficar admirado que se deva fazer soar um grito de alarme contra esses falsos profetas: cuidado com eles, ***“Attendite à falsis prophetis”***?

Marcelino Champagnat ouviu esse grito; chegou até a compreender que não era exclusivamente para ele, e decidiu ecoá-lo junto às crianças das classes populares que ele sabia serem as mais particularmente expostas a se tornarem vítimas das doutrinas de 89, tanto por causa da inexperiência delas quanto da ignorância de seus pais em matéria de religião.

Desde os anos de formação à vida sacerdotal, Marcelino sentia a urgência de seus planos de fundar uma associação destinada a propagar o evangelho e a dar instrução Cristã à juventude. Aí está por que, não somente se apressou em comprometer-se com a Sociedade de Maria que ainda estava nos começos, mas ali se tornou membro tão zeloso que poderia considerar-se co-fundador.

Ele entendia, por outro lado, que, para dar catecismo às crianças, seria importante ter mestres que não ficassem submissos aos deveres da vida sacerdotal; foi mais adiante, pois, do que os próprios Maristas; e, para preservar a fé nas crianças, principalmente camponesas, fundou a congregação dos Irmãozinhos de Maria. Se no frontispício da primeira casa do novo Instituto fosse necessário colocar uma inscrição que revelasse aos estranhos sua finalidade, que outro texto poderia ser mais conveniente do que as palavras pelas quais começa o Evangelho de hoje: “Tende cuidado com os falsos profetas,” ***“Attendite à falsis prophetas”***?

Com certeza não foi por acaso que o Senhor permitiu ser o decreto sobre heroicidade das virtudes do Venerável Champagnat publicado hoje, décimo sete domingo depois de Pentecostes, pois, neste domingo, a Igreja renova a advertência de se manter vigilante contra os falsos profetas. Oh! Que Boa Mãe! ela queria que a lição de Cátedra fosse confirmada pelo exemplo; e a coincidência

da publicação do Decreto que proclama a heroicidade das virtudes do Venerável Champagnat não parecerá mesmo como uma disposição providencial para relembrar a origem da obra de salvação realizada no mundo por esse digno filho da diocese de Lião?

“Attendite à falsis phofetis”; “Acautelai-vos contra os falsos profetas”! Eis o que praticamente repetia aquele que queria esbarrar a torrente de erros e de vícios que, em consequência da Revolução Francesa, ameaçava inundar a terra inteira; ***“Attendite à falsis prophetas”***, resguardai-vos dos falsos profetas; aí estão as palavras que explicam a vocação abraçada pelo Venerável Champagnat; aí estão as palavras que qualquer estudioso de sua vida não deve jamais perder de vista.

Não é tão pouco fora de interesse constatar o fato notável de que o Venerável Champagnat, nascido em 1789, tenha sido destinado a combater, nas implicações práticas, tais princípios que serviram de designação para o ano do nascimento dele e que depois adquiriram uma triste e dolorosa celebridade.

Para justificar sua obra, bastaria continuar a leitura do Evangelho deste dia; um simples olhar sobre as chagas que os ditames de 89 provocaram na sociedade civil e religiosa mostraria ser tais princípios simplesmente o resumo dos ensinamentos dos falsos profetas: ***“A fructibus errorum cognoscetis eos”***, ***“Vós o conhecereis pelos seus frutos”***. Mas o fundador dos irmãozinhos de Maria poderia ainda ter demonstrado à luz do mesmo texto evangélico que sua obra era boa; pois se uma árvore boa não pode dar frutos maus e se uma árvore má não poderia produzir frutos bons, é também evidente que os bons frutos são a prova da boa qualidade da árvore que os produz: ***“Ominis arbor bona bonos fructus facit”***, ***“Toda árvore boa dá bons frutos”***.

A Santíssima Virgem por meio de uma de suas imagens que apareceu e desapareceu e foi por fim reencontrada, não ficou, sem dúvida indiferente à multiplicação das primeiras casas dos irmãozinhos de Maria nem à boa orientação que as crianças ali acolhidas, recebiam. Diga-se que essa multiplicação foi maravilhosa sendo ultrapassada em rapidez somente pelo desenvolvimento ulterior que, menos de 50 anos após a fundação do Instituto permitiu que se pudessem ver cinco mil de seus membros dando instrução cristã a cem mil crianças espalhadas por todas as regiões do globo.

Se, orientado por uma luz profética, o Venerável Champagnat tinha previsto tão admirável resultado, certamente ele teria deplorado a enorme quantidade de crianças que ainda permanecem à sombra da morte nas trevas da ignorância; pode até ser que seu coração ficasse acabrunhado pelo fato de que ele não pudera impedir mais eficazmente o funesto crescimento da semente revolucionária. Entretanto um sentimento de gratidão a Deus pelo bem realizado pela

Congregação da qual era o fundador o tivesse certamente, impulsionado a dizer que, do mesmo modo como havia desmascarado a falsidade de muitos profetas seus contemporâneos pelos maus frutos do ensino deles, ele poderia igualmente, vendo os frutos de sua obra, concluir que esta era boa. ***“Igitur ex fructibus eorum cognoscetis eos.”*** (Pois pelos frutos deles os conhecereis).

O evangelho deste dia continua a dizer-nos que toda árvore que não produz bons frutos deve ser cortada e lançada ao fogo. ***“Omnis arbor quae non facit fructus bonus excidetur et in ignem mittetur.”*** “A obra do Venerável Champagnat, pelo desenvolvimento que não demorou a ter, estava certamente muito longe, pela própria força desse preceito evangélico, de ser cortada e jogada ao fogo.” O bom êxito alcançado porém, não deveria ser, para o piedoso fundador, motivo de se orgulhar, deveria pelo contrário fazê-lo repetir com renovada insistência: ***“Attendite à falsis phofetis,” “Acautelai-vos contra falsos profetas”***; e a partir desta renovada resolução de ficar alerta contra os falsos profetas deveria proceder a inflexível firmeza de sua atitude no governo da congregação que havia fundado.

Houve quem dissesse que o Venerável Champagnat fora demasiadamente severo, rigoroso demais, de forma que a lembrança de sua conduta aos olhos de alguns, deveria parecer motivo suficiente para pôr em dúvida a heroicidade de suas virtudes. Mas o Divino Mestre armou-se de um chicote contra os profanadores do templo. Não deveria também, Marcelino Champagnat armar-se de santa intransigência contra aqueles que tinham ousado profanar o templo vivo de Deus? Não deveria castigar com rigor os que tinham mergulhado nas trevas do erro, ou maculado com a lama do vício as almas nas quais o Senhor quer ver brilhar a pura luz da verdade que Ele trouxe ao mundo, e o resplendor divino da graça com que, pelo batismo, as revestiu? Ninguém esqueça que Marcelino queria que se ficasse alerta contra os falsos profetas e que a ele cabia, conseqüentemente, dar o bom exemplo. Todos se lembrem que o mestre de uma nova doutrina deve falar com tanto mais franqueza quanto mais vivamente deseja persuadir seus discípulos, e que, do mesmo modo, o reformador de determinada associação e com, maior razão da sociedade inteira deve afirmar claramente o espírito de sua reforma. Imagine-se o caráter da nação a que o Venerável Champagnat pertencia; imagine-se, sobretudo que a luta durante a qual Marcelino pareceu agir com demasiada precipitação estava empenhada na luta contra um vício que não admite matéria leve; que ele procurava afastar do seu Jovem Instituto qualquer suspeita de aquiescência ou tolerância com o mal e que, finalmente ele visava garantir aos Irmãozinhos de Maria, não apenas por alguns meses, mas por anos e séculos, a sublime herança de uma pureza sem mácula.

Parece-nos, portanto, caríssimos filhos, que não caímos em erro ao dizermos que a vida do Venerável Champagnat deve ser estudada a luz da missão que lhe foi própria: *“Attendite à falsis prophetis,” “Resguardai-vos dos falsos profetas”*. O brilho dessa luz dissipa efetivamente, as trevas da crítica humana, pois esta missão foi certamente uma árvore boa, e que uma árvore boa não pode dar frutos maus.

O evangelho deste dia acrescenta, entretanto, uma verdade que é para nós um argumento mais peremptório ainda, e muito próprio para nos persuadir cada vez mais que o heroísmo das virtudes do Venerável Champagnat tem sua fonte na missão por ele recebida. E termina, verdadeiramente por estas palavras do Divino Mestre: “Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor entrará no reino dos céus; mas aquele que faz a vontade de meu Pai, é este que entrará no reino dos céus”: Não foi por inclinação pessoal que Marcelino entregou-se à missão de alertar contra os falsos profetas da época; a mediocridade dos próprios talentos e sua pouca instrução certamente o teriam desviado. Uma longa permanência no Seminário de Lião e os estreitos relacionamentos com sacerdotes santos, também destinados a curar as chagas da sociedade contemporânea, foram às primeiras mediações das quais Deus se serviu para atrair a atenção de Marcelino sobre a necessidade de ensinar às crianças as verdades da fé. Em seguida veio o chamado inesperado à cabeceira de um jovem moribundo; e, não se poderia dizer que a dor de constatar que aquele rapazinho de doze anos ignorava até as mais rudimentares verdades da fé, fosse para o piedoso coadjutor de La Valla qual um eco do apelo divino que lhe confiava o cuidado das crianças do povo, desprovidas da instrução mais essencial? Naquilo Marcelino reconheceu verdadeiramente a voz de Deus. Não hesitou em renunciar às modestas funções de coadjutor de La Valla que nunca deixara de atender; e, fundando o Instituto de Irmãosinhos de Maria, ele estava convicto de fazer a vontade de Deus a tal ponto de não se perturbar com as dificuldades que seus amigos lhe opunham bem como daquelas suscitadas por seus inimigos. As testemunhas oculares cujos depoimentos acertadamente se conservam, narram que a uns e outros o Venerável Champagnat tinha o costume de dizer: “Se eu soubesse que a obra não vem de Deus, eu a abandonaria imediatamente”. O que é que se pode querer ainda para nos forçar a admitir que se Marcelino Champagnat levou a cabo a missão de alertar contra os falsos profetas da época foi por que ele com razão, acreditava tratar-se da vontade de Deus sobre si. Se ele tivesse agido de outra maneira, seria contado entre os que dizem: Senhor, Senhor, e também entre aqueles contra os quais o Divino mestre, tornado Juíz, lança esta sentença: “Nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor entrará no reino dos Céus”. Para entrar no reino dos

céus, continua o mesmo Divino Mestre, é necessário cumprir a vontade de meu Pai. “Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”, “é este que entrará no reino dos céus”.

Em outra ocasião Nós já dissemos que o cumprimento da vontade de Deus é uma condição necessária e suficiente para a santificação dos servidores de Deus, um elemento necessário, pois sem ele, não pode haver virtude; suficiente, mas com ele a virtude pode elevar-se a um grau heróico. Mas vós, ó dignos filhos da França, vós tendes cumprido a missão que aprouve ao Senhor vos confiar; vós a tende preenchido, com perseverança, porque os conselhos dos homens que lhe exageravam os perigos não conseguiram jamais demovê-lo de os enfrentar; vós a cumpristes a exercestes com generosidade, sem jamais recuar diante das dificuldades impostas pelo ambiente onde devíeis agir; vós a cumpristes, numa palavra, com a reta intenção de quem tem consciência de fazer a vontade de Deus.

Repeti, pois, fazendo vossa, a lição evangélica deste dia, uma vez que ela vos convém cabalmente. Da nossa parte, Nós insistimos especialmente, nas últimas palavras: “Aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus, este entrará no reino dos céus.” E é sobre elas, qual uma base de granito, que nós queremos apoiar o Decreto que proclama a heroicidade de vossas virtudes.

Nós poderíamos terminar aqui esta alocução, mas não queremos fazê-lo antes de ter exortado nossos caros filhos aqui presentes, e através deles, todos os nossos filhos que estão espalhados pelo mundo, a não esquecer que a vida do Venerável Champagnat pode ser fecunda para todos pelos ensinamentos salutares. Precisamente por que a heroicidade de suas virtudes pressupõe o cumprimento da missão que Deus lhe tinha confiado, é necessário a cada um tomar a resolução de sempre cumprir bem os deveres do próprio estado pois, nesses deveres como naqueles que são determinados por Deus cada qual deve reconhecer a vontade de Deus sobre si mesmo. E se aprouvesse a Deus confiar a alguém tal ou tal missão especial, ele aí deveria aplicar-se docilmente sem pavor do que poderá acontecer hoje ou amanhã. Em fim, uma vez que não há risco de engano ao afirmar que, mesmo em nossos dias é necessário lançar-se a si mesmo e precaver os outros contra os falsos profetas, a missão dada outrora ao venerável Champagnat, poderia ser dada novamente não apenas aos seus irmãos e os seus filhos, mas a sacerdotes e leigos que não são nem padres maristas nem Irmãozinhos de Maria, uns e outros deveriam ser outros Marcelino Champagnat.

E tais seriam não temos dúvida, os bem aventurados sobre quem recairia esta missão privilegiada, pois eles estariam convictos de que “Aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus é apenas este que entrará no reino dos Céus”. A fim de que correspondência à graça divina seja mais apressada e mais generosa, Nós imploramos a abundância das bênçãos divinas não somente sobre os Superiores Gerais da Sociedade de Maria e da Congregação dos Irmãozinhos de Maria, que temos o prazer de saudar aqui presentes, mas sobre todos os religiosos que fazem parte dessas duas sociedades, almejando que sempre haja entre eles uma santa emulação em imitar o Venerável Servo de Deus que pertence a uma e a outra. Nós imploramos igualmente a abundância de bênçãos celestes sobre os religiosos e sobre os seculares; numa palavra: *“Attendite à falsis phofetis”*, confirmarão mais uma vez, pela fiel e dócil correspondência a graça que apenas aqueles que cumprem a vontade de Deus podem entrar no reino dos Céus; *“Qui facit voluntatem Patris mei qui in coelis est ipse intrabit in regnum coelorum”*.

Eis aí a magnífica homilia em que se entrelaçam tão felizmente os ensinamentos do Evangelho, as virtudes heróicas do Servo de Deus e as lições que de um e de outras decorrem para nós.

Ela foi ouvida com religioso respeito. Nós, filhos de Venerável Padre Champagnat, acompanhamos-lhe o desenrolar quase boquiabertos, magnetizados, orgulhosos e arrebatados. O Soberano Pontífice se tinha dado ao trabalho de estudar a causa a ponto de conhecer todos os seus detalhes; e nos dava à honra, aos Padres e aos Irmãos, de pronunciar um eloqüente panegírico.

Foi no exato momento desta nobre e santa exultação que prometi a mim mesmo de vos fazer participar, de vos fazer experimentar as emoções.

Circular do Reverendíssimo Irmão Diogenes S. G. – 15/8/1920

2. HOMILIA DA CANONIZAÇÃO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II DURANTE A SANTA MISSA DE CANONIZAÇÃO DE MARCELINO CHAMPAGNAT, JOÃO CALÁBRIA E AGOSTINHA LÍVIA PIETRANTONI

Domingo, 18 de Abril de 1999.

1. “Tomou o pão e abençoou-o, depois partiu-o e entregou-lho. Nisto os olhos dos discípulos abriram-se e eles reconheceram Jesus” (Lc 24, 30-31).

Escutamos há pouco essas palavras do Evangelho de Lucas: elas narram o encontro de Jesus com dois discípulos a caminho rumo à aldeia de Emaús, no mesmo dia da ressurreição. Esse encontro inesperado suscita o júbilo no coração dos dois viandantes desconfortados e volta a dar-lhes esperança. O Evangelho narra que, quando O reconheceram, “se levantaram e voltaram para Jerusalém” (Lc 24, 33). Sentiam a necessidade de informar os Apóstolos do “que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando Ele partiu o pão” (Lc 24, 35).

O desejo de dar testemunho de Jesus brota, no coração dos crentes, do encontro pessoal com Ele. Foi o que aconteceu aos três novos Santos, que hoje tenho a alegria de elevar à glória dos altares: Marcelino Champagnat, João Calábria e Agostinha Lívia Pietrantoni. Eles abriram os seus olhos face aos sinais da presença de Cristo: adoraram-no e receberam-no na Eucaristia, amaram-no nos irmãos mais necessitados, reconheceram os sinais do seu desígnio de salvação nos acontecimentos da existência quotidiana.

Ouviram as palavras de Jesus e cultivaram a sua companhia, sentindo arder dentro do peito o coração. Que fascínio indescritível exerce a misteriosa presença do Senhor em quantos O acolhem! É a experiência dos santos. É a mesma experiência espiritual que podemos fazer nós, encaminhados pelas veredas do mundo rumo à pátria celeste. O Ressuscitado também vem ao nosso encontro com a sua Palavra, revelando-nos o seu amor infinito no Sacramento do Pão eucarístico, partido para a salvação da humanidade inteira. Possam os olhos do nosso espírito abrir-se à sua verdade e ao seu amor, como aconteceu com Marcelino Benedito Champagnat, com o P.e João Calábria e com a Irmã Agostinha Lívia Pietrantoni.

2. “Porventura não nos ardia o coração no peito, quando Ele nos explicava as Escrituras?”. Esse desejo ardente de Deus que sentiam os discípulos de Emaús manifesta-se profundamente em Marcelino Champagnat, que foi um sacerdote conquistado pelo amor de Jesus e de Maria. Graças à sua fé inabalável, permaneceu

fiel a Cristo, mesmo nos momentos difíceis, num mundo por vezes privado do sentido de Deus. Também nós somos chamados a haurir a nossa força na contemplação de Cristo ressuscitado, seguindo o exemplo da Virgem Maria.

São Marcelino anunciava o Evangelho com coração totalmente ardente. Foi sensível às necessidades espirituais e educativas da sua época, sobretudo a ignorância religiosa e as situações de abandono vividas em particular pela juventude. O seu sentido pastoral é exemplar para os sacerdotes: chamados a proclamar a Boa Nova, eles devem ser de igual modo para os jovens, que procuram dar sentido à sua vida, verdadeiros educadores, acompanhando-os ao longo do seu caminho e explicando-lhes as Escrituras. O Padre Champagnat é também um modelo para os pais e os educadores, ajudando-os a ter plena esperança nos jovens, a amá-los com um amor total que favoreça uma verdadeira formação humana, moral e espiritual.

Marcelino Champagnat também nos convida a ser missionários, para fazer com que Jesus Cristo seja conhecido e amado, como fizeram os Irmãos maristas, indo até à Ásia e à Oceania. Tendo Maria como guia e Mãe, o cristão é missionário e servidor dos homens. Peçamos ao Senhor a graça de termos um coração ardente como o de Marcelino Champagnat, para O reconhecer e sermos Suas testemunhas.

3. “Deus ressuscitou este Jesus. E nós todos somos testemunhas disso” (At 2, 32).

“E nós todos somos testemunhas disso”: é Pedro quem fala em nome dos Apóstolos. Na sua voz, reconhecemos a de outros numerosos discípulos, que no decorrer dos séculos fizeram da sua vida um testemunho do Senhor morto e ressuscitado. Os santos hoje canonizados unem-se a este coro. Une-se o P.e João Calábria, testemunha exemplar da Ressurreição. Nele resplandecem a fé ardente, a caridade genuína, o espírito de sacrifício, o amor à pobreza, o zelo pelas almas e a fidelidade à Igreja.

No ano do Pai, que nos introduz no Grande Jubileu do Ano 2000, somos convidados a dar o máximo relevo à virtude da caridade. Toda a existência de João Calábria foi um evangelho vivo, transbordante de caridade: caridade para com Deus e caridade para com os Irmãos, sobretudo com os mais pobres. A fonte do seu amor para com o próximo eram a confiança ilimitada e o abandono filial que sentia em relação ao Pai celeste. Gostava de repetir aos seus colaboradores as palavras evangélicas: “Em primeiro lugar buscai o Reino de Deus e a sua justiça, e Deus vos dará, em acréscimo, todas essas coisas” (Mt 6, 33).

4. O ideal evangélico da caridade para com o próximo, especialmente para com os pequeninos, os doentes e os abandonados, levou também Lúcia Pietrantoni aos cumes da santidade. Formada na escola de Santa Joana Antida Thouret, a Irmã Agostinha compreendeu que o amor a Jesus exige o serviço generoso aos

Irmãos. De fato, é no rosto deles, sobretudo no dos mais necessitados, que brilha o rosto de Cristo. “Deus” deu a “única bússola” que orientou todas as suas opções de vida. “Amarás”, o primeiro e fundamental mandamento, posto no início da “Regra de Vida das Irmãs da Caridade”, foi a fonte inspiradora dos gestos de solidariedade da nova Santa, o estímulo interior que a sustentou na doação de si ao próximo.

Na primeira Carta de Pedro, que há pouco escutamos, lemos que a redenção não se verificou “com coisas perecíveis, isto é, com prata nem ouro”, mas com o “precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem defeito e sem mancha” (1Pd 1,19). A consciência do valor infinito do Sangue de Cristo, derramado por nós, induziu Santa Agostinha Livia Pietrantoni a responder ao amor de Deus com um amor igualmente generoso e incondicionado, manifestado no humilde e fiel serviço aos “queridos pobres”, como ela costumava repetir.

Disposta a qualquer sacrifício, testemunha heróica da caridade, pagou com o sangue o preço da fidelidade ao Amor. Possam o seu exemplo e a sua intercessão obter para o Instituto das Irmãs da Caridade, que este ano celebra o segundo centenário de fundação, um renovado impulso apostólico.

5. “Fica conosco, pois já é tarde e a noite já se aproxima” (Lc 24,29). Os dois viandantes cansados suplicaram a Jesus que ficasse na casa deles a fim de partilharem o mesmo pão.

Fica conosco, Senhor ressuscitado! Esta é também a nossa aspiração quotidiana. Se ficares conosco, o nosso coração estará em paz.

Acompanha-nos, como fizeste com os discípulos de Emaús, o nosso caminho pessoal e eclesial.

Abre os nossos olhos, para que saibamos reconhecer os sinais da tua inefável presença.

Torna-nos dóceis à escuta do teu Espírito. Alimentados todos os dias com o teu Corpo e Sangue, saberemos reconhecer-Te e servir-Te-emos nos nossos irmãos.

Maria, Rainha dos Santos, ajuda-nos a manter a nossa fé e a nossa esperança firmes em Deus (cf. 1Pd 1,21).

São Marcelino José Bento Champagnat, São João Calábria e Santa Agostinha Livia Pietrantoni orai por nós!

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

3. AOS PEREGRINOS

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS PEREGRINOS VINDOS PARA A CANONIZAÇÃO
DE MARCELINO CHAMPAGNAT, JOÃO CALÁBRIA
E AGOSTINHA LÍVIA PIETRANTONI**

Segunda-feira, 19 de Abril de 1999.

Caríssimos Irmãos e Irmãs!

1. Sinto-me feliz por acolher de novo todos vós, vindos para a canonização de Marcelino Champagnat, João Calábria e Agostinha Lúvia Pietrantonio. O encontro hodierno oferece-nos a feliz ocasião para prolongar a festa de ontem, no clima da alegria pascal característica deste tempo litúrgico.

Demos graças ao Pai que está nos céus, origem e fonte de toda a santidade, por ter dado à Igreja e ao mundo estes Seus filhos prediletos. Neles, Deus realizou grandes coisas, plasmando neles, com a força suave do Espírito Santo, a imagem estupenda do seu Filho Unigénito. Enquanto vemos delinear-se no horizonte a meta do Ano 2000, como não pensar na pléiade numerosa de Beatos e de Santos que a Graça divina fez germinar e frutificar nos sulcos destes dois milénios? Na vida dos Santos já se faz presente e atuante neste mundo o Reino dos céus.

2. Queridos peregrinos, que viestes celebrar a canonização de Marcelino Champagnat. A vossa presença é indicativa da vossa atenção ao carisma sempre atual deste Santo, ao qual aderem inúmeras vocações. Saúdo o Senhor D. Pierre Joatton, Bispo de Saint-Étienne, e os membros das organizações civis do Departamento de La Loire onde viveu São Marcelino. Saúdo em particular os Irmãos Maristas, Instituto por ele fundado, assim como os membros de outros Institutos da família marista. Caros jovens, vindos sobretudo da Espanha, México e França, para manifestar a adesão ao espírito da educação ministrada pelo Padre Champagnat, encorajo-vos a permanecer fiéis no caminho rumo a Deus que ele indicou.

Saúdo também os professores que asseguram uma missão partilhada com os Irmãos Maristas e vieram manifestar a sua admiração por Marcelino Champagnat, apóstolo da juventude, e o desejo de prestarem o seu mesmo serviço educativo, no respeito pelos jovens e pela sua evolução. Saúdo, enfim, os membros maristas dos ramos leigos que querem viver segundo o espírito de São Marcelino, através de todos os seus empenhos. Ao pordes-vos na escola de Maria, possais seguir

Cristo e ter a preocupação de O tornar conhecido!

Podemos dar graças pelos numerosos discípulos do Padre Champagnat que viveram com fidelidade a sua missão até ao testemunho do martírio. Recordamos, de modo especial, os onze Irmãos, testemunhas da verdade e da caridade, mortos tragicamente durante estes últimos cinco anos, na Argélia, em Ruanda e na República Democrática do Congo. Escondidas testemunhas da esperança, eles unem-se ao longuíssimo martirológio dos Irmãos Maristas, que começou desde o início com o Irmão Jacinto. Pensamos ainda em São Pedro Chanel, Padre marista, primeiro mártir da Oceania.

A todos os fiéis presentes, assim como a todos os Irmãos Maristas do mundo, às pessoas que trabalham com eles no setor educativo e a todos os jovens que beneficiam do seu apostolado, concedo do íntimo do coração a Bênção Apostólica.

3. No ano em que a Igreja, a caminho rumo ao Grande Jubileu, fixa o olhar na infinita ternura de Deus Pai, reconhecemos em S. João Calábria, sacerdote veronês, fundador dos Pobres Servos e das Pobres Servas da Divina Providência, um admirável reflexo da paternidade divina. Ele mesmo, aliás, assim concebeu, desde o início, a missão que lhe fora confiada pelo Senhor: sentia que era chamado a “mostrar ao mundo que a divina Providência existe, que Deus não é estrangeiro, mas é Pai, e pensa em nós, com a condição de que pensemos nEle e façamos a nossa parte, que é a de procurar em primeiro lugar o santo Reino de Deus e a sua justiça” (*Cartas aos seus sacerdotes*, III, 19 de Março de 1933). A alma de toda a sua intensa atividade apostólica e caritativa foi a descoberta, através do Evangelho, do amor do Pai celeste e de Cristo pelo homem.

A caridade evangélica foi a virtude que caracterizou em grande medida a sua vida. Uma doutora judia, por ele escondida entre as suas Irmãs para a subtrair aos nazifascistas, testemunhou que todos os momentos da existência dele pareciam como que uma personificação do hino do apóstolo Paulo à caridade. De coração faço votos aos seus filhos e filhas espirituais, aos quais dirijo uma saudação calorosa, por que prolonguem e estendam sempre mais o irreprimível amor que transbordava do coração deste santo sacerdote, conquistado por Cristo e pelo seu Evangelho.

4. A Igreja rejubila, hoje, juntamente com a inteira família religiosa das Irmãs da Caridade de Santa Joana Antida Thouret, pelo dom de Santa Agostinha Lúvia Pietrantoni. A poucos dias da celebração do segundo centenário de fundação do Instituto, louvamos o Senhor pelas maravilhas por Ele operadas na vida desta fiel discípula de Santa Joana Antida. Ao mesmo tempo, queremos agradecer-Lhe também os abundantes frutos de bem, maturados nestes dois séculos de vida da

Congregação, através da humilde e generosa obra de tantas Irmãs da Caridade.

Crescida numa família habituada à fadiga e arraigada na fé, a nova Santa abraçou o ideal vicentino, feito de caridade, humildade e simplicidade, e expresso no respeito pelo outro, na cordialidade, no sentido do dever “bem cumprido”. Durante os anos de serviço no Hospital “Santo Espírito” aos doentes de tuberculose, a Irmã Agostinha encontra o homem que sofre e que implora o reconhecimento da dignidade da própria integridade física e espiritual. Numa época caracterizada por um vento de laicização, Agostinha Lúvia Pietrantoni faz-se testemunha dos valores do espírito. A respeito dos seus doentes, então incuráveis e muitas vezes exasperados e difíceis de serem tratados, ela diz: “Neles sirvo Jesus Cristo... sinto-me inflamada de caridade por todos, pronta a aguentar qualquer sacrifício, também a derramar o sangue pela caridade”. O sacrifício supremo do sangue será o selo definitivo da sua vida, inteiramente despendida no indiviso amor a Deus e aos Irmãos.

Possa o seu exemplo inflamar as Coirmãs da Congregação de Santa Antida e impeli-las a um ardente testemunho daquela caridade, que constitui a síntese da lei divina e é vínculo de toda a perfeição (cf. Cl 3,14).

5. Caríssimos Irmãos e Irmãs! Olhemos para os novos Santos, e aprendamos deles o segredo da santidade. Aprofundemos os seus carismas, assimilamos o espírito que deixaram como herança e imitemos os seus exemplos. E a paz de Cristo reinará nos nossos corações! A Mãe do Redentor, Rainha de todos os Santos, obtenha isso para cada um de nós.

Com esses sentimentos, de coração concedo a vós e aos vossos entes queridos a Bênção Apostólica.

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

5. PAPA AOS CAPITULARES

DISCURSO DO SANTO PADRE

Aos religiosos e religiosas dos Institutos da Família Marista

Em Castelgandolfo, a 17 de setembro de 2001.

1. Saúdo, com muita alegria, todos os representantes da Família Marista nesta oportunidade feliz, que faz coincidir os Capítulos Gerais de seus quatro Institutos e permite a visita em conjunto ao Sucessor de Pedro. Vejamos nesse fato um sinal do Espírito e um apelo para que se deixem conduzir por caminhos de maior comunhão e mais intensa colaboração! Agradeço as palavras cordiais do Padre Joaquín Fernández, Superior Geral da Sociedade de Maria, que refletem o espírito que vivem em seus Capítulos, suas raízes marianas e sua preocupação missionária.

2. Na Igreja, escolheram a vida consagrada, seguindo as pegadas de Maria, em fidelidade às intuições dos fundadores e ao carisma de seus Institutos. Seus predecessores empenharam-se na evangelização nas paróquias, na educação das crianças e na promoção da mulher. Em seguida, fizeram com que toda a Família Marista se comprometesse com o anúncio do Evangelho aos povos da Oceania ocidental, deixando marcas nessa obra: de modo especial, suscitando o fervor cristão e o cultivo das vocações locais. A Igreja acolhe hoje, agradecida, os frutos desse trabalho missionário e os dons da graça de Deus, manifestados na vida de seus Institutos. Esses dons, ela os reconhece como frutos de santidade, de maneira particular, em São Pedro Chanel e em São Marcelino Champagnat.

3. Hoje, compete a vocês manifestar, de maneira original e específica, a presença da Virgem Maria na vida da Igreja e dos homens. Cabe a vocês, por isso, desenvolver a atitude mariana, que se caracteriza por uma vida de disponibilidade alegre aos apelos do Espírito Santo, por uma confiança inquebrantável na Palavra do Senhor, por uma caminhada espiritual relacionada com os diversos mistérios da vida de Cristo, pela atenção maternal às necessidades e aos sofrimentos dos homens, especialmente dos humildes. “A relação filial com Maria constitui o caminho privilegiado da fidelidade à vocação recebida e uma ajuda muito eficaz para nela progredir e vivê-la em plenitude” (*Vita Consecrata*, nº 28). Portanto, é voltando-se para Maria, com fidelidade e audácia, deixando-se guiar por ela “para fazer tudo o que Ele lhes disser” (cf. *Jo* 2, 5), que acharão novos caminhos para a evangelização de nosso tempo.

4. Ao pôr-se rapidamente a caminho pelas montanhas da Judéia para visitar a prima Isabel, não nos ensina Maria a liberdade espiritual? Com efeito, importa não se deixarem absorver pela gestão da herança do passado, mas discernir o que convém abandonar, dentro do espírito de pobreza, mas sobretudo com essa liberdade evangélica que torna as pessoas disponíveis aos apelos de Deus. Diante da multiplicidade de solicitações, é certamente necessária verdadeira liberdade para discernir as urgências. “Faz-te ao largo!” Essas palavras de Jesus a Pedro nos convidam a “nos antepor aos acontecimentos, mas com esperança” pelas estradas da vida, certos de que “a Virgem Santíssima nos acompanha neste caminhar” (cf. *Novo millenio ineunte*, nº 58).

5. Maria entregou-se totalmente ao Senhor, confiando plenamente na Palavra de Deus. Como não lhes ensinaria ela a permanecer na força dessa Palavra, a escolher, como a outra Maria, a melhor parte (cf. *Lc 10,42*)? No mundo atual, a dispersão atrai facilmente os discípulos de Cristo, porque a abundância de bens materiais os pode desviar do essencial, e as solicitações pastorais são múltiplas. Conforme escrevi recentemente a toda a Igreja, precisamos contemplar o rosto do Cristo (cf. *Novo millennio ineunte*, II), procurar mais a profundidade de seu mistério, porque Ele é a fonte verdadeira onde haurir o amor que desejaríamos doar. Não permitam que se desate esse laço essencial da consagração a Cristo! Escolham de preferência colocar-se humildemente no seguimento do Senhor, do jeito discreto de Maria! Trabalhem com ela na unificação de suas vidas no Espírito porque, como recorda são Francisco de Sales, “uma das condições para receber o Espírito Santo, será a de estar com Maria” (*Sermão I para o Pentecostes*); deixem-se moldar sempre mais ao Cristo! Então, sua vida e missão encontrarão significado profundo e produzirão frutos para os homens e as mulheres de hoje!

6. Preservem viva a tradição missionária de sua Família! Com Maria, essa tradição os levará a estar atentos, de modo particular, às penúrias de nossos contemporâneos, daqueles que, nas sociedades modernas, são excluídos de sua dignidade, do reconhecimento e do amor.

A Igreja necessita de vocês no campo específico da Família Marista, a saber: a educação das crianças e dos jovens. Essa prioridade missionária fundamenta-se no espírito de Maria, mãe e educadora de Jesus em Nazaré e, mais tarde, na primeira comunidade cristã. O campo da educação é difícil e exigente; requer que os educadores se adaptem, sem cessar, aos jovens e às suas novas expectativas. Não se deixem abater pelas dificuldades do momento: as da idade que, aparentemente, os afastam dos mais jovens, ou as da falta de meios e, primeiramente, da carência de operários para trabalhar na vinha! Olhem antes os

jovens com os olhos do Bom Pastor, como uma multidão que anda sem condutor (cf. *Mt* 9, 36), mas olhem também como campo dourado, prestes a ser colhido, e que dará fruto no tempo oportuno (cf. *Jo* 4,35-38)! Formem também os leigos que trabalham com vocês, a fim de que vivam do carisma que os anima. Pelo modo de viver vocês são chamados a fazer com que os jovens descubram a alegria do seguimento de Cristo na vida consagrada. Não receiem de propor esse projeto à juventude em busca de verdade!

7. Os Capítulos Gerais que estão vivendo valorizam a fidelidade ao espírito do fundador, mas igualmente a renovação necessária, conservando e enriquecendo o patrimônio espiritual dos Institutos. Almejo que os ajudem a encontrar novos sinais de comunhão entre seus quatro Institutos, reforçando a colaboração, que produzirá frutos para o fiel cumprimento da missão. Que a Virgem Maria os guie nesses caminhos de encontro!

8. É com esses sentimentos que me sinto feliz em saudá-los e, por seu intermédio, a todos os membros da grande Família Marista, dispersos pelo mundo, empenhados nos mais diversos apostolados. Saúdo, em particular, com reconhecimento, os Superiores Gerais: o Padre Joaquín Fernández, o Ir. Benito Arbués, a Irmã Gail Reneker e a Irmã Patricia Stower, que, nos últimos anos, exerceram o difícil serviço da autoridade em seus Institutos. Meus votos acompanham também os sucessores, que serão eleitos em futuro próximo para que, a exemplo de Maria, conduzam com audácia e fidelidade a Família Marista pelos caminhos do novo milênio!

Confiando-os a Nossa Senhora de Fourvière, que viu nascer seus Institutos, de bom grado concedo-lhes particular Bênção Apostólica e a toda a Família Marista.

Castelgandolfo, 17 de setembro de 2001.

João Paulo II



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-NORTE